

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE
MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

PATRÍCIA ARAÚJO FERREIRA DA SILVA

**PRAZER, SOFRIMENTO E ESTRATÉGIAS DE DEFESA NO TRABALHO:
UM ESTUDO COM ARTESÃOS ALAGOANOS**

Maceió / AL

2024

PATRÍCIA ARAÚJO FERREIRA DA SILVA

**PRAZER, SOFRIMENTO E ESTRATÉGIAS DE DEFESA NO TRABALHO:
UM ESTUDO COM ARTESÃOS ALAGOANOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Administração Pública em Rede Nacional (PROFIAP) da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Milka Alves
Correia Barbosa

Maceió / AL

2024

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

- S586p Silva, Patrícia Araújo Ferreira da.
 Prazer, sofrimento e estratégias de defesa no trabalho : um estudo com
 artesãos alagoanos / Patrícia Araújo Ferreira da Silva. – 2024.
 84 f. : il.
- Orientadora: Milka Alves Correia Barbosa.
 Dissertação (mestrado em Administração Pública) – Universidade Federal de
 Alagoas. Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade. Programa de
 Mestrado Profissional em Administração Pública. Maceió, 2024.
- Bibliografia: f. 78-92.
 Apêndices: f. 93-98.
1. Prazer no trabalho. 2. Sofrimento no trabalho. 3. Relações sociais de
 trabalho. 4. Estratégias de defesa no trabalho. 5. Artesanato. I. Título.

CDU: 334.712

RESUMO

Este estudo visou analisar a percepção de artesãos alagoanos sobre prazer e sofrimento no trabalho e estratégias para lidar com tais vivências, com base na Psicodinâmica do Trabalho. Quanto à metodologia, essa pesquisa se classifica como qualitativa, descritiva e trata-se de pesquisa de campo, tendo sido utilizados análise documental, entrevistas semiestruturadas anônimas e apoio de diário de campo, bem como softwares para transcrição de áudio para texto e para auxiliar na análise categorial de conteúdo de Bardin (2016). Foram entrevistados artesãos do Mercado do Artesanato de Maceió/AL, selecionados pelo critério da tipicidade, por possuírem representatividade elevada para o contexto da pesquisa e utilizando o método da bola de neve. Dentre outros aspectos, os resultados revelaram, quanto ao contexto de trabalho, que os espaços não são padronizados, não possuem mobiliário ou condições ergonomicamente corretas, muitos artesãos desenvolvem suas peças nos boxes de exposição, mas a maioria também trabalha em casa, e apesar de alguns processos serem penosos, não foi identificado o uso de EPIs - Equipamentos de Proteção Individual. A localização do Mercado foi apontada como um problema que compromete a visita de clientes, o trabalho é predominantemente desenvolvido por temporada, há dificuldade de acesso a capital de giro e a matérias-primas em Alagoas, compondo um contexto que demanda esforço para dar continuidade ao trabalho. Apesar dessa realidade, quanto ao prazer no trabalho, o trabalho artesanal é considerado uma terapia, algo que os artesãos amam, que lhes produz sentimentos de gratificação e orgulho, sendo visto como refúgio e ajudando-os a superar a depressão e a ansiedade. Contudo, no quesito sofrimento no trabalho, a valorização do artesanato pelos clientes que são moradores locais é considerada escassa, e houve menção de que algumas tipologias são mais valorizadas que outras, tendo sido relatados desafios para manter a tradição do artesanato, além de vários problemas físicos, emocionais, e nas relações socioprofissionais, gerando em muitos a postura de trabalhar de forma isolada e individual ao invés de coletiva. Políticas públicas foram um assunto controverso, por alguns apontadas como insuficientes e por outros como estando numa fase positiva. Quanto às estratégias de defesa no trabalho ganharam destaque os pensamentos positivos, seguidos pela fé e espiritualidade, e se enquadrando como mecanismos de defesa individuais e não coletivos. A partir dos resultados alcançados, foi proposto um produto técnico/tecnológico, a saber, uma mesa redonda a ser realizada anualmente, para atualização de demandas e providências para o setor do artesanato.

Palavras-chave: Prazer no trabalho; Sofrimento no trabalho; Contexto de trabalho; Estratégias de defesa no trabalho; Artesanato.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the perception of artisans from Alagoas about pleasure and suffering at work and strategies for dealing with such experiences, based on the Psychodynamics of Work. As for the methodology, this research is classified as qualitative, descriptive and is field research, using documentary analysis, anonymous semi-structured interviews and field diary support, as well as software for transcribing audio into text and to assist in categorical content analysis by Bardin (2016). Artisans from the Maceió/AL Crafts Market were interviewed, selected based on the typicality criterion, as they were highly representative for the research context and using the snowball method. Among other aspects, the results revealed, regarding the work context, that the spaces are not standardized, do not have furniture or ergonomically correct conditions, many artisans develop their pieces in the exhibition boxes, but the majority also work at home, and despite some processes are painful, the use of PPE - Personal Protective Equipment was not identified. The location of the Market was highlighted as a problem that compromises customer visits, the work is predominantly carried out on a seasonal basis, there is difficulty in accessing working capital and raw materials in Alagoas, creating a context that demands effort to continue the work. Despite this reality, in terms of pleasure at work, craft work is considered therapy, something that artisans love, which produces feelings of gratification and pride, being seen as a refuge and helping them overcome depression and anxiety. However, in terms of suffering at work, the appreciation of handicrafts by customers who are local residents is considered scarce, and there was mention that some typologies are more valued than others, with challenges reported in maintaining the handicraft tradition, in addition to several problems physical, emotional, and in socio-professional relationships, generating in many the attitude of working in an isolated and individual way instead of collectively. Public policies were a controversial issue, seen by some as insufficient and by others as being in a positive phase. Regarding defense strategies at work, positive thoughts stood out, followed by faith and spirituality, and are classified as individual and not collective defense mechanisms. Based on the results achieved, a technical/technological product was proposed, namely, a round table to be held annually, to update demands and measures for the craft sector.

Keywords: Pleasure at work; Suffering at work; Work context; Defense strategies at work; Craftsmanship.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Fases da análise de conteúdo, segundo Bardin (2016)	33
Quadro 2 - Objetivos, categorias de análise e definições constitutivas e operacionais	34
Quadro 3 – Códigos e subcódigos mencionados pelos entrevistados	35
Quadro 4 - Objetivos específicos e os respectivos métodos de coleta de dados	36
Quadro 5 - Perfil dos artesãos entrevistados	38
Quadro 6 - Principais desafios para manter a tradição do artesanato e entrevistados que lhes fizeram menção	63
Quadro 7 - Principais estratégias de defesa e entrevistados que as utilizam	65

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AL	Alagoas
CE	Ceará
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONTRARTE	Congresso Nacional dos Trabalhadores Artesãos
Covid-19	<i>Corona Virus Disease</i> (Doença do coronavírus), divulgada em 2019
EAB	Encontro dos Artesãos do Brasil
EPI	Equipamento de Proteção Individual
Feneart	Feira Nacional de Negócios do Artesanato
IFAL	Instituto Federal de Alagoas
LER	Lesão por Esforço Repetitivo
ONGs	Organizações Não Governamentais
PAB	Programa do Artesanato Brasileiro
PDT	Psicodinâmica do Trabalho
Proed	Programa Nacional de Educação e Desenvolvimento
PE	Pernambuco
PROFIAP	Mestrado Profissional em Administração Pública em Rede Nacional
RIUFAL	Repositório Institucional da UFAL
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
SEBRAE AL	Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas em Alagoas
SEMTABES	Secretaria Municipal do Trabalho, Abastecimento e Economia Solidária
SPC	Serviço de Proteção ao Crédito
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
VLT	Veículo Leve sobre Trilhos

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
1.1	Objetivos	12
1.1.1	Objetivo Geral	12
1.1.2	Objetivos Específicos	12
1.2	Justificativa	12
2	REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1	Trabalho: Contexto Histórico, Importância e Sentido para o Indivíduo	15
2.2	Psicodinâmica do Trabalho	19
2.3	Prazer no Trabalho	22
2.4	Sufrimento no Trabalho	25
2.5	Estratégias de Defesa	27
3	METODOLOGIA	29
3.1	Caracterização da Pesquisa	29
3.2	Participantes da Pesquisa e <i>Locus</i> de Pesquisa	29
3.3	Coleta dos Dados	30
3.4	Técnica de Análise dos Dados	33
4	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	37
4.1	O Contexto do Trabalho do Artesão no Mercado do Artesanato de Maceió	41
4.2	Vivências de Prazer e Sofrimento no Trabalho nos Artesãos do Mercado do Artesanato de Maceió	47
4.2.1	Prazer no Trabalho	47

4.2.2	Sofrimento no Trabalho	56
4.3	Estratégias de Defesa	65
5	PRODUTO TÉCNICO/TECNOLÓGICO	67
5.1	Título	68
5.2	Contexto	68
5.3	Data, Horário e Local	68
5.4	Carga Horária	68
5.5	Público-alvo	69
5.6	Número de Vagas	69
5.7	Justificativa/Descrição da Situação/Problema	69
5.8	Objetivos	71
5.8.1	Objetivo Geral	71
5.8.2	Objetivos Específicos	72
5.9	Sugestão de Pautas	72
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
	REFERÊNCIAS	78
	APÊNDICE A - Roteiro para Entrevista	93
	APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE	96

1 INTRODUÇÃO

O trabalho está presente na humanidade há milênios e nas mais variadas sociedades. Entretanto, foi no decorrer do século XX que o trabalho recebeu a configuração que hoje vem assumindo, sendo “uma atividade complexa, multifacetada, polissêmica, que não apenas permite, mas exige diferentes olhares para sua compreensão” (Neves *et al.*, 2018, p. 319).

Enquanto fenômeno a ser estudado, o trabalho pode ser analisado por meio de várias abordagens, em relação ao seu processo e suas implicações para os indivíduos (Pereira; Paiva; Irigaray, 2021), incluindo desde seu significado econômico de gerar renda até as diferentes interpretações subjetivas por parte dos indivíduos e de suas vivências, que lhe atribuem valores e significado.

Significado e sentido do trabalho por vezes são tratados como sinônimos. Entretanto, na presente investigação, entendeu-se ser importante fazer distinção e considerar que significado corresponde a um aspecto de institucionalização do trabalho na esfera e nas relações sociais de forma objetiva, no entendimento social do que seja trabalho; enquanto o sentido refere-se a significância atribuída pelo próprio indivíduo à tarefa que realiza, e a importância que ela assume na sua vida, de forma subjetiva e pessoal (Pereira; Paiva; Irigaray, 2021; Irigaray *et al.*, 2019; Tolfo; Piccinini, 2007). Nessa perspectiva, delimita-se que nessa pesquisa o recorte se deu sobre o sentido do trabalho de um dado grupo de indivíduos.

Para Dejours (2004, p. 28), o trabalho “implica, do ponto de vista humano, o fato de trabalhar: gestos, saber-fazer, um engajamento do corpo, a mobilização da inteligência, a capacidade de refletir, de interpretar e de reagir às situações; é o poder de sentir, de pensar e de inventar, etc”. Seguindo suas reflexões, o trabalho tem seu aspecto subjetivo, sofrível e inteligente, algo essencial, não pertencente ao mundo visível nem passível de medição científica, sendo inacessível à quantificação (Dejours, 2004).

Assim, o que se consegue avaliar é somente a parte visível, não alcançando o aspecto afetivo do trabalho (Dejours, 2004). Santiago e Yasui (2020, p. 111) ressaltam o trabalho em suas potencialidades de subjetivações e oportunidades de experiência singular, onde as normas ganham um sentido positivo, sendo apropriadas pelos sujeitos, destacando que “trabalhar pronuncia diversos aspectos da vida psicológica, social e política dos indivíduos, sendo oportunidade para a invenção e reinvenção de si”.

Para Dejours (2004) o trabalho tem um sentido que interliga prazer e sofrimento. Segundo o autor, o sofrimento vem de uma sensação de fracasso frente ao mundo real, que confronta o indivíduo com uma resistência aos procedimentos, à técnica, ao conhecimento e, por fim, ao fracasso, que por sua vez gera um sentimento de impotência, irritação, cólera, decepção ou esmorecimento.

Já as vivências de prazer resultam da dinâmica entre o que o trabalho traz para o corpo, a psique e as relações interpessoais (Bottini; Paiva; Gomes, 2021), “se manifestam por meio da gratificação, da realização, do reconhecimento, da liberdade e da valorização no trabalho” (Dejours, 2008 *apud* Augusto; Freitas; Mendes, 2014, p. 39) , constitui-se um dos indicadores de saúde no trabalho, possibilitando a estruturação psíquica, a identidade e a expressão da subjetividade no trabalho (Dejours, 2008 *apud* Augusto; Freitas; Mendes, 2014).

Mendes e Tamayo (2001) defendem que as vivências de prazer-sofrimento dialogam entre si: o prazer vem de sentimentos de valorização e reconhecimento no trabalho, de se entender importante, significativo e aceito. Já o sofrimento se origina do desgaste, cansaço, desânimo e descontentamento com o trabalho. Porém esses processos acontecem simultaneamente, em maior ou menor grau, de forma intercambiável. As vivências de prazer-sofrimento devem ser consideradas dialéticas e são inerentes a todo contexto de trabalho (Bottini; Paiva; Gomes, 2021; Ferreira; Mendes, 2001).

Augusto, Freitas e Mendes (2014) afirmam que o contexto de trabalho influencia o prazer e o sofrimento, que constituem a subjetividade no trabalho. Vivenciar o prazer e o sofrimento faz parte do sentido dado ao trabalho e resulta da interação entre condições subjetivas (dos indivíduos) e objetivas (da realidade de trabalho). Em meio a essas circunstâncias, o trabalhador se esforça intensamente para conseguir realizar a atividade laboral, o que envolve experimentar prazer e, ou, sofrimento. Se predominar o sofrimento, poderá usar estratégias para ressignificá-lo e superá-lo, visando transformar o ambiente em um lugar de prazer (Anchieta *et al.*, 2011).

Dejours, Abdoucheli e Christian (1994) defendem que frente ao desencorajamento, desgosto, decepção e sentimentos de injustiça, o indivíduo desenvolve defesas contra o sofrimento no trabalho e segue em direção ao que se aproxime de características relativas ao prazer no trabalho. “Para resistir ao sofrimento gerado pelos constrangimentos do trabalho pode

ser necessário desenvolver defesas sutis e sólidas, mas tais defesas comprometem toda a personalidade” (Dejours *et al.*, 2017, p. 12).

As estratégias defensivas podem ser individuais e coletivas e são usadas para enfrentar a experiência do trabalho e demonstram os modos de pensar, sentir e agir dos trabalhadores diante das contradições presentes no ato de trabalhar, buscando garantir que predominem as vivências de prazer, visando transformar as dificuldades de maneira a manter a integridade física, psicológica e social dos trabalhadores, por meio da superação, da ressignificação do sofrimento no trabalho (Augusto; Freitas; Mendes, 2014), estratégias de proteção, resistência, adaptação, resignação, racionalização, controle excessivo, individualismo e passividade (Mendes, 2007).

Nessa pesquisa foram estudados o contexto do trabalho, as vivências de prazer-sofrimento e estratégias de defesa no trabalho, a partir da percepção de artesãos alagoanos.

Grangeiro (2015) afirma que à atividade artesanal é atribuído o posto de primeira atividade de trabalho humano. Adicionalmente, Oliveira (2016) informa que houve a era do artesanato, que foi de 1777 a 1860 e já estava presente durante as revoluções, quando o principal valor era o trabalho. Faria e Silva (2017) apresentam o artesanato como algo que se entrelaça à história desde os primeiros agrupamentos humanos pelo mundo, sobretudo com o movimento de transição das formas nômades de vida para o seminomadismo e o sedentarismo, passando por fases de valorização alternadas por períodos de desprezo, passando por várias sociedades distintas.

A figura central desta investigação é o artesão, aqui descrito como toda pessoa física que desempenha suas atividades profissionais de forma individual, associada ou cooperativada, e presume o exercício de atividade predominantemente manual, que pode contar com o auxílio de ferramentas e outros equipamentos (Brasil, 2015). Segundo a Portaria 1.007 - SEI (Brasil, 2018), também o artesão é aquele que:

[...] por meio do domínio integral de processos e técnicas, transformando matéria-prima em produto acabado que expresse identidades culturais brasileiras.

§ 1º Entende-se por domínio integral de processos e técnicas, a capacidade de realização do processo produtivo completo concernente à criação do produto artesanal.

§ 2º O artesão poderá utilizar:

I- artefatos, ferramentas, máquinas e utensílios para auxílio limitado, desde que seu manuseio exija ação permanente do artesão para executar o trabalho;

II- moldes e matrizes, não comercializáveis, desde que tenham sido criados e confeccionados pelo próprio artesão para o seu uso exclusivo.

[...]

Art. 19. Artesanato é toda produção resultante da transformação de matérias-primas em estado natural ou manufaturada, através do emprego de técnicas de produção artesanal, que expresse criatividade, identidade cultural, habilidade e qualidade.

(Brasil, 2018)

Com base nesses conceitos, para esse estudo foram considerados somente artesãos - e não comerciantes ou funcionários - sendo aceitas as tipologias de matérias-primas e o rol de técnicas artesanais previstos na Portaria nº 1.007-SEI, de 11 de junho de 2018.

A Psicodinâmica do Trabalho (PDT) tem como objeto de estudo a relação entre a organização do trabalho e os processos de subjetivação dos trabalhadores, suas decorrentes vivências de prazer e sofrimento e suas estratégias de defesa (Eberle; Bruning, 2013).

Lorêto (2016) se refere aos artesãos como “trabalhadores artesãos”, sendo trabalhadores por conta própria, trabalhadores independentes ou trabalhadores do mercado informal, seu próprio patrão e empregado de si mesmo, vendendo sua força de trabalho, mas também detendo os meios de produção do seu trabalho. A autora cita inclusive a I Cartilha do Trabalhador Artesão, publicada em 1988 - e lançada no I Encontro dos Artesãos do Brasil (EAB) - e o Congresso Nacional dos Trabalhadores Artesãos (CONTRARTE), cuja primeira edição ocorreu em 1991, e que já cunhavam os artesãos como trabalhadores. Dessa forma, entende-se que a psicodinâmica do trabalho pode ser um referencial teórico adequado ao estudo do fenômeno do prazer e do sofrimento junto a artesãos.

Considerando os aspectos até aqui abordados, esclarece-se que este estudo se orientou pelo seguinte questionamento: como os artesãos alagoanos percebem e lidam com as vivências de prazer e sofrimento no trabalho?

Especificamente no estado de Alagoas, que é o quarto maior estado brasileiro em número de artesãos com cadastro ativo no Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro (Brasil, 2023), podem ser encontradas várias tipologias artesanais e grande variedade criativa. Nesse contexto, escolheu-se o Mercado do Artesanato de Maceió para o desenvolvimento desse estudo.

No atual Mercado do Artesanato de Maceió anteriormente funcionava o Mercado Público de Maceió, inaugurado no início de 1938 (Ticianeli, 2016). A escolha por esse *locus*

foi devido à sua relevância e antiguidade (Oliveira, 2020), bem como pela diversidade de técnicas artesanais que abriga (Cavalcante, 2020).

1.1 Objetivos

Para o direcionamento do presente trabalho, visando responder ao problema de pesquisa proposto, foram estabelecidos os objetivos a seguir.

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar a percepção de artesãos alagoanos sobre prazer e sofrimento no trabalho e estratégias para lidar com tais vivências.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Retratar o contexto¹ do trabalho do artesão;
- Descrever as vivências de prazer e sofrimento no trabalho artesanal;
- Apresentar as estratégias de defesa dos artesãos em resposta a um possível sofrimento no trabalho.

1.2 Justificativa

Inicialmente, entendeu-se que a presente pesquisa se justifica pela relevância do artesanato para a cultura local alagoana e desta forma, preocupou-se em estudar o contexto, as vivências, as percepções de prazer-sofrimento no trabalho e estratégias de defesa frente ao sofrimento desenvolvidas pelos artesãos alagoanos.

¹ Nessa investigação, contexto de trabalho é entendido como condições, cenário das vivências, organização e relações sociais de trabalho (Mendes, 2007; Silva *et al.*, 2021).

Pretendeu-se ainda estimular novas reflexões sobre a temática do prazer-sofrimento no trabalho a partir de lacunas percebidas na produção acadêmica nacional acerca da temática. Martins, Lescura e Sant'Anna (2022) afirmam que desgastes físicos e psicológicos podem coexistir, sobretudo quando se reside no local de trabalho, o que parece dialogar com o cotidiano de muitos artesãos que desenvolvem suas atividades em casa. Já Vieira, Souza e Grangeiro (2019) sugeriram ser necessário ampliar os estudos para mais tipologias de artesanato, e usando novas estratégias de pesquisas qualitativas; enquanto Nascimento e Dellagnelo (2018) defendem que são escassos os trabalhos sobre as vivências de prazer e sofrimento no contexto de trabalhos artísticos.

Ferreira, Helal e Paiva (2016, p. 35) defendem o artesanato como um campo de grande interesse para pesquisas acadêmicas, por ser abrangente e estar presente em todas as regiões do Brasil. Quando os autores afirmam que a “tradição do trabalho artesanal, assim como o orgulho em saber fazer determinada arte, perpassam as gerações de famílias de artesãos” (Ferreira; Helal; Paiva, 2016, p. 38) tem-se o componente do orgulho como referência ao prazer, e considerando que, no trabalho, não há prazer sem sofrimento, Souza *et al.* (2020) defendem que já há indícios que justifiquem uma problematização quanto à continuidade do artesanato.

Por meio da pesquisa de campo desenvolvida, pretendeu-se apresentar a realidade de um grupo de artesãos alagoanos, que viesse a somar-se a outros estudos desenvolvidos sobre o artesanato no país, sobretudo no nordeste do Brasil, o que pode ajudar na construção coletiva dos conhecimentos que a academia vem conduzindo sobre o artesanato brasileiro, tais como Helal *et al.* (2022), Silva *et al.* (2020), Sá *et al.* (2020), Souza *et al.* (2020), dentre outros.

Como também, dados sobre prazer e sofrimento no trabalho podem ajudar os artesãos a tomarem ciência de como vivenciam - para além da percepção individual, em um levantamento grupal - sua atividade laboral e como isso afeta sua qualidade de vida, desempenho e interesse em continuar exercendo a atividade artesanal, bem como a pensar em alternativas para incentivar a motivação, engajamento e permanência sobretudo das novas gerações na atividade, a exemplo de dar base para propor ações que dirimam possíveis fontes de sofrimento e potencializem o que promove prazer na atividade, contribuindo assim para perpetuar as diferentes técnicas de artesanato alagoanas que são um retrato da tradição, história, crenças e identidade cultural locais a serem preservadas.

Dessa forma, pretende-se que essa pesquisa contribua estimulando novas reflexões sobre a temática do prazer-sofrimento e estratégias de defesa, a partir de lacunas percebidas na produção acadêmica nacional, ampliando os estudos para mais tipologias de artesanato, pensando em alternativas e colaborando com outros estudos sobre artesanato que estão sendo desenvolvidos no país.

Ademais, Sá *et al* (2020a) discorrem que a condição artesã - alvo desse estudo - deve ser considerada quando da formulação e implementação das políticas públicas para o respectivo setor e é, ao mesmo tempo, potencialmente influenciada por elas. Espera-se que os resultados encontrados nesse trabalho, colocados à disposição da sociedade, possam contribuir com esses processos por meio dos dados levantados.

Para além desses aspectos, esta investigação faz parte do Projeto de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) “Artesanato no Nordeste hoje: políticas públicas, gestão e condição artesã”, estando esse trabalho relacionado aos objetivos específicos “a partir de dados primários e secundários, apresentar um diagnóstico da atividade e de condições artesãs específicas no Nordeste brasileiro” e “analisar condições artesãs”, nesse caso em uma comunidade de Alagoas.

Adicionalmente, o presente estudo se alinha aos objetivos do Mestrado Profissional em Administração Pública em Rede Nacional (PROFIAP) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), que se destina a formar profissionais capazes de entender e exercer a cidadania, praticar a ética e valorizar questões sociais e ambientais com relevância para a sociedade, bem como produzir e disponibilizar instrumentos, modelos e metodologias voltados à melhoria da gestão pública (PROFIAP, 2021).

Este trabalho, além dessa introdução, é composto por referencial teórico, detalhamento da metodologia, apresentação e análise dos dados, produto técnico/tecnológico e considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção são abordados temas que fundamentam conceitualmente a problemática da presente pesquisa, explicitando pressupostos teóricos a respeito do trabalho - contexto histórico, importância e sentido para o indivíduo -, psicodinâmica do trabalho, prazer no trabalho, sofrimento no trabalho, estratégias de defesa.

2.1 Trabalho: Contexto Histórico, Importância e Sentido para o Indivíduo

O trabalho passou por muitas fases, a começar pelo período primitivo, onde a relação com a natureza era vista como sobrenatural, e tudo estava ligado à sobrevivência e pertencimento a uma tribo. Já no período greco-romano, o trabalho era visto em função do produto e sua utilidade. É na Idade Média que o trabalho ganha o aspecto de castigo divino. Com o advento das máquinas, e depois a Revolução Industrial e o capitalismo, o trabalho começa a ser considerado capaz de gerar riquezas e progresso. Chegando à era moderna, o trabalho torna-se uma atividade compulsiva e incessante, com tempo livre escasso ou inexistente, apoderando-se de todas as áreas da existência humana. Atualmente demanda-se dos trabalhadores autonomia e autogerenciamento de sua vida profissional, numa época em que há alterações frequentes, gerando a necessidade de gerir identidade, atitudes e rotinas, dentre outras variáveis (Araújo; Sachuk, 2007).

Ao longo da história humana, em meio à luta pela sobrevivência e pela felicidade, o trabalho foi uma atividade vital (Antunes, 2009) através da qual “o homem se faz homem, constrói a sociedade, transforma-a e faz a história” (Araújo; Sachuk, 2007, p. 55). Porém, mesmo sendo um dos principais elos do homem com o mundo e com os outros homens, ainda assim recebeu uma conotação negativa (Araújo; Sachuk, 2007). Em dado momento foi visto como *tripaliare* ou *tripalium*, um instrumento de tortura, causador de punição e sofrimento. O pensamento cristão, por sua vez, começou a conceber o trabalho como “martírio e salvação, atalho certo para o mundo celestial, caminho para o paraíso... considerado ato moral digno de honra e respeito” (Antunes, 2009, p. 259).

Com a Revolução Industrial ocorrida na Inglaterra no século XVIII, momento em que se deu uma mudança no processo produtivo - sobretudo através do uso de novas fontes de energia e máquinas movidas a vapor, divisão e especialização do trabalho - foram alterados processos até então predominantemente artesanais para processos industriais e produção fabril, o que fez com que os artesãos perdessem sua autonomia, uma vez que foram substituídas habilidades humanas por máquinas e força humana por automação (Pasquini, 2020).

Bernardo (2009) discute o fordismo, o taylorismo, modelos flexíveis e produção enxuta, sempre esclarecendo que em nenhum deles é o trabalhador que decide como trabalhar e o que produzir.

Roik e Pilatti (2009) adotam uma perspectiva otimista e afirmam que no curso da história o trabalho foi humanizado e o ser humano ganhou centralidade. Por outro lado, as exigências aumentaram em vários sentidos, e detalham:

Em nome da sobrevivência, da segurança, da “manutenção” do emprego os trabalhadores se sujeitam as (sic) condições contraditórias impostas pela organização do trabalho – fazer mais *versus* fazer bem; trabalhar em equipe *versus* trabalhar sozinho; atender a normas em que não acredita *versus* perder o emprego; cooperar *versus* sobrecarregar-se; denunciar práticas das quais discorda *versus* silenciar -... (Roik; Pilatti, 2009, p. 3).

Já atualmente, Antunes (2009) pondera que se verificou uma significativa heterogeneização, complexificação e fragmentação do trabalho; e Amorim *et al.* (2023) explicam que, quanto ao trabalho no cenário recente, pode-se afirmar que o mercado brasileiro passou por muitas mudanças estruturais que, inclusive, ainda estão em curso. Houve “maior participação feminina, envelhecimento da população e elevação da escolaridade da mão de obra” (Amorim *et al.*, 2023, p. 2), além de uma reforma trabalhista em 2017 que afetou todo o mercado e flexibilizou aspectos contratuais antes fixos e garantidos para os trabalhadores, seja em contratos individuais, seja em contratos coletivos.

O trabalho tem, em sua origem e desenvolvimento, “uma intenção ontologicamente voltada para o processo de humanização do homem em seu sentido amplo” (Antunes, 2009, p. 142). Entretanto, apesar de Antunes (2009) relatar que bilhões de indivíduos dependem exclusivamente de seu trabalho para sobreviver, esclarece que estes encontram cada vez mais situações complicadoras para o exercício dessa atividade.

De fato, o trabalho percorre a existência do homem através das épocas, nações e culturas, sendo definido diferentemente em cada uma delas através de uma historicidade e do

modo de compreender o mundo de cada sujeito e sociedade (Bendassolli; Borges-Andrade, 2011; Neves *et al.*, 2018; Araújo; Sachuk, 2007). A fala de Araújo e Sachuk (2007) já comentava a questão:

Histórica e politicamente a humanidade se estrutura, quase em sua totalidade, em função do conceito de trabalho. Os seres humanos, desde os caçadores da era paleolítica aos fazendeiros, artesãos medievais, operários da linha de montagem do século XX, profissionais da área técnico-científica informacional de hoje, têm no trabalho parte fundamental de sua existência, de sua razão de viver (Araújo; Sachuk, 2007, p. 54).

Assim, pode-se afirmar que se trata de uma atividade humana por natureza (Codo; 2006):

Mas o trabalho é mais, é força, tempo e habilidade que se vende para obter condições de morar, vestir, comer. Como se isso não bastasse, o trabalho nos situa na hierarquia social de valores, visível no prestígio social de algumas profissões frente a outras (médicos e garis, advogados e borracheiros, metalúrgicos e crecheiras etc). Assim o trabalho nos remete para possibilidades diferentes de consumo, felicidade, adoecimento e morte (Sampaio; Hitomi; Ruiz *in* Codo; Sampaio (org), 1995, p. 68).

Tendo em vista a importância do trabalho para o indivíduo, Bendassolli e Borges-Andrade (2011) citam-no como potencial destruidor do corpo e da mente, e alienante do trabalhador quando lhe falta controle.

Desta forma, o trabalho também pode ser “penoso quando seu contexto gera incômodo, esforço e sofrimento demasiados, sobre o qual (contexto) ele não tem controle” (Codo; Sampaio, 1995, p. 53) ou conexão com suas experiências como sujeito, e nesse sentido sendo inimigos da dignidade e da liberdade.

Em contrapartida, pode haver um trabalho emancipatório, do qual se consegue extrair significado, e os trabalhos artesanais, artísticos e criativos foram citados como exemplo deste último caso, como uma representação livre do trabalho, considerando o trabalho do artesão como ideal, intrinsecamente motivador e autônomo (Bendassolli; Borges-Andrade, 2011). Em um resumo sobre o trabalho em si:

O trabalho é para o homem condição de existência social e de criação de identidade, no entanto, a condição emancipadora do trabalho tem sido prejudicada no contexto da sociedade capitalista contemporânea em que imperam as leis da racionalidade econômica e seus princípios de produtividade, flexibilidade e consumo. Dependendo do contexto em que se insere o trabalho, pode ser fonte de adoecimento para os trabalhadores (Roik; Pilatti, 2009, p. 10).

Ainda segundo Amorim *et al.* (2023), essa situação foi muito mais impactada pela pandemia de *Corona Virus Disease* (Covid-19), que teve início no ano de 2020. Segue um panorama recente:

O mercado de trabalho brasileiro transformou-se expressivamente desde o início dos anos 2000, envolvendo: (i) envelhecimento da população ocupada; (ii) elevação da escolaridade da população ocupada; (iii) queda acentuada da taxa de desocupação até 2014 e forte elevação a partir de agosto de 2015, decaindo em 2019 e sendo duramente atingida a partir da crise provocada pela pandemia da Covid-19; e (iv) elevação do grau de formalidade dos vínculos de contratação do trabalho (Amorim, 2020; DIEESE, 2020b). O aumento do nível de rendimento dos ocupados em todo o País até 2020, ainda que mantendo as disparidades regionais (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2021), levou a (sic) maior dificuldade de retenção, reposição e contratação de empregados dos médio e alto extratos de qualificação entre empresas. (Amorim *et al.*, 2023, p. 3).

A complexidade do contexto pandêmico revelou novas dinâmicas de trabalho, o envolvimento do poder público, efeitos da reforma trabalhista, trabalho intermitente, jornadas de trabalho alternativas, férias para funcionários pertencentes aos grupos de risco, cumprimento dos protocolos sanitários, dentre outros (Amorim *et al.*, 2023).

Entretanto, conforme Antunes (2009), a vida precisa ter sentido fora do trabalho para que tenha sentido no trabalho. Apesar de dizer que “uma vida cheia de sentido encontra na esfera do trabalho seu primeiro momento de realização é totalmente diferente de dizer que uma vida cheia de sentido se resume exclusivamente ao trabalho...” (Antunes, 2009, p. 143).

Para Ferreira (2009), trabalhar é mais que colocar o corpo a serviço das tarefas, é um investimento psicológico importante “que funde razão e afeto, entrelaça cognição e sentimento” (Ferreira, 2009, p. 1). Silva e Helal (2019) corroboram esse entendimento, afirmando que o trabalho é fonte de reconhecimento e sentimento de pertencimento, sobretudo na cultura ocidental, tendo uma dimensão central na vida dos sujeitos, imprimindo *status*, valor, reconhecimento e uma forma de se expressar e atribuir sentidos.

Tendo em vista que a presente investigação se centra também no sentido do trabalho, resgata-se aqui que ele é substancialmente influenciado pela organização do trabalho, capaz de alterar os comportamentos dos trabalhadores, causando atitudes positivas para com as funções que executam e com eles mesmos. “A partir do momento em que a tarefa se torna rotineira, burocrática, operacional e incapaz de instigar seu executor, influencia diretamente na definição de um trabalho que faz ou deixa de ter sentido para o sujeito” (Tolfo; Piccinini, 2007, p. 42).

Para fazer sentido o trabalho teria que ser realizado em um ambiente agradável, com relações interpessoais positivas, construtivas, com respaldo dos pares, realizando, satisfazendo e estimulando o sujeito para a execução das suas tarefas. Acrescente-se com autonomia, reconhecimento, desenvolvimento, variedade na natureza das tarefas, permitindo que ele

consiga se identificar com aquilo que realiza e viabilize garantir sobrevivência e segurança” (Tolfo; Piccinini, 2007).

Sabe-se ainda que o trabalho envolve o que esperam dele e o que devem oferecer e receber, referente a um contrato psicológico e a trocas recíprocas, aos resultados valorizados no trabalho e às metas do trabalho, havendo uma dimensão cognitiva, o aspecto da motivação para trabalhar, e uma necessária coerência entre o que o indivíduo espera e o que realmente acontece (Bendassolli; Borges-Andrade, 2011).

Sobre esse aspecto, Mendes (1995) já relatava que a necessidade de estudar mais profundamente a relação do trabalho com os processos psíquicos teve origem no começo do século XX, com forte aplicação dos princípios tayloristas idealizados com o objetivo de racionalizar o trabalho, os quais trouxeram graves prejuízos à saúde física e mental dos trabalhadores, surgindo os estudos sobre prazer e sofrimento no trabalho, bem como o desenvolvimento de estratégias de defesa frente às situações de potencial adoecimento.

Antes de entrar propriamente na discussão teórica acerca dos construtos prazer e sofrimento no trabalho, tratou-se aqui de discutir brevemente sobre suas origens à luz da Psicodinâmica do Trabalho (PDT), o que será feito a seguir.

2.2 Psicodinâmica do Trabalho

A Psicodinâmica do Trabalho remonta aos anos de 1950, oriunda de um movimento denominado Psicopatologia do Trabalho, conduzido por psiquiatras franceses, no contexto das transformações sociais impostas pela Segunda Guerra Mundial, que produziram mudanças no mundo do trabalho, e surgiu com foco na análise dos processos psíquicos que os trabalhadores usam quando confrontam o real do trabalho e os potenciais efeitos disso na geração de doenças mentais (Pena; Remoaldo, 2019). Já a mudança para o termo psicodinâmica veio da ideia de que a relação entre homem e organização está em contínuo movimento (Sousa-Duarte *et al.*, 2022).

A PDT é considerada uma das principais atuações da Psicologia do Trabalho, estudando os resultados dos confrontos entre trabalhadores e organizações de trabalho; foi desenvolvida por Dejours, que permanece até os dias atuais como o principal autor da abordagem (Conde;

Cardoso; Klipan, 2019), e é reconhecida por Dejours (1992) como muito mais antiga do que a época em que foi reconhecida pela psicologia, mantendo-se relevante até os dias atuais.

Conde, Cardoso e Klipan (2019) repercutem que desde as primeiras publicações, a psicodinâmica teve grande receptividade no Brasil, se tornando referência no âmbito do trabalho em seus diversos contextos e forças atuantes, sejam estas objetivas ou subjetivas, sejam psíquicas, sociais ou econômicas, que estão presentes no trabalho para o bem (saúde) ou para o mal (adoecimento). A proposta da psicodinâmica é entender as estratégias que o trabalhador utiliza e às quais recorre não apenas para buscar prazer ou transformar sofrimento em estratégias, mas para sobreviver de maneira minimamente saudável em meio a um ambiente adoecido.

Pode-se destacar três fases na história da psicodinâmica, sendo a primeira fase a que ainda era chamada de Psicopatologia do Trabalho, devido à forte influência da Psicanálise (1980); a segunda fase (meados de 1990) a construção da própria psicodinâmica como uma abordagem particular focada nas vivências de prazer e sofrimento presentes no trabalho e nas defesas utilizadas pelos indivíduos para evitar o adoecimento, com o objetivo de analisar clínica e teoricamente a patologia mental devida ao trabalho, e a terceira fase (fim da década de 1990) passando a destacar a subjetividade das vivências, estratégias coletivas, cooperação e as consequências sociais envolvidas em todo esse processo. Ou seja, houve uma ampliação da visão e do objeto de estudo, com destaque, por exemplo, para a organização do trabalho, sofrimento criativo e/ou patogênico, estratégias defensivas individuais e coletivas, como manter a normalidade, a sanidade considerada um enigma e o equilíbrio psíquico, entre outros (Sznelwar; Uchida; Lancman, 2011; Roik; Pilatti, 2009; Merlo; Mendes, 2009; Sousa-Duarte *et al.*, 2022; Pena; Remoaldo, 2019; Conde; Cardoso; Klipan, 2019).

A proposta da PDT está na intervenção sobre a organização do trabalho, demonstrando que a psicodinâmica vai além da teoria e da pesquisa, sendo um modo de ação sobre a realidade (Roik; Pilatti, 2009). Nesse sentido, a psicodinâmica propõe o resgate do desejo, do pensar criticamente e do agir dos trabalhadores sobre a organização do trabalho e em relação à construção coletiva de soluções para fazer face às contradições inerentes à organização do trabalho. O objetivo é reafirmar a ideia do trabalho como fonte de prazer, ressignificando o sofrimento e buscando a saúde (Roik; Pilatti, 2009).

Importa, com destaque, trazer dois conceitos essenciais para a PDT, quais sejam, conceitos de “trabalho prescrito, que é aquele previamente determinado, instruído e que deve ser concebido; e, o real, aquele efetivamente executado, com todo seu ajuste, reorganização e adaptação” (Roik; Pilatti, 2009, p. 4; Merlo; Mendes, 2009). Quando o trabalhador não consegue se relacionar bem com a organização do trabalho é gerado um bloqueio que, por sua vez, gera sofrimento que, por fim, se acumula de forma psíquica, gerando desprazer enquanto tem de lidar com diversas forças. A luta entre a organização do trabalho e o funcionamento psíquico do indivíduo, além de gerar sofrimento, pode conduzir à doença mental (Roik; Pilatti, 2009).

Além disso, a psicodinâmica, em seus estudos da relação homem-trabalho, reconhece que as vivências de prazer-sofrimento decorrentes do trabalho são dialéticas, e, portanto, não podem ser estudadas separadamente (Mendes, 1995). Mendes (2001) acrescenta que a forma como o trabalho é realizado influencia a percepção dele como significativo ou não, influenciando o sentido particular e específico para cada sujeito, daí emergindo tais vivências. Também Mendes (1999) *apud* Guimarães e Martins (2010) defende a importância do prazer e do sofrimento para a saúde do trabalhador, ambos seriam centrais para a estruturação psíquica do indivíduo.

Não raro, os interesses do indivíduo se chocam com os da organização, gerando conflito e sofrimento ao invés de prazer. Quanto mais rígidas as regras e menos controle o trabalhador tiver, maior o desconforto. Buscar o prazer e fugir do sofrimento é uma constante (Mendes; 1995). Mesmo com a almejada normalidade, Mendes (1995) defende que não se elimina o adoecimento; normalidade não implica ausência de sofrimento, e sofrimento não exclui o prazer; e assim, mais uma vez se percebe a relação dialética dos processos.

Mendes e Tamayo (2001) reforçam que prazer e sofrimento guardam uma relação subjetiva do sujeito com seu trabalho, implicando numa intersubjetividade do trabalhador na relação com os outros, o que envolve valores e princípios, bem como a forma de vivenciar cada tarefa e compartilhar relações sociais, afetivas e profissionais.

Apenas para fins de organização, neste texto prazer e sofrimento no trabalho serão discutidos separadamente.

2.3 Prazer no Trabalho

Vivências de prazer e sofrimento advém da subjetividade do trabalhador, contexto do trabalho e coletividade (Tamayo, 2004, *apud* Eberle; Bruning, 2013), bem como do uso da criatividade e expressão de uma marca pessoal, orgulho e admiração pelo trabalho, além de reconhecimento da chefia e dos colegas (Ferreira; Mendes, 2001).

Sendo assim, o trabalho pode ser fonte de prazer, sentido e conquista da identidade (Almeida; Merlo, 2008), além de bem-estar e satisfação que advém de uma boa articulação do sujeito com a tarefa, liberdade de escolha do trabalho e de expressão através do trabalho, podendo ser um fator equilibrante, permitindo descarga de energia psíquica e, eventualmente, até levando ao relaxamento (Dejours, 1994 *apud* Almeida; Merlo, 2008). “Na medida em que a atividade profissional consegue cumprir o significado a ela atribuído pelo indivíduo, surge em decorrência um sentimento de gratificação e prazer em relação à mesma” (Coda; Fonseca, 2004, p. 16).

Dejours (1992) explica assim a vivência do prazer no trabalho:

As exigências intelectuais, motoras ou psicossensoriais da tarefa estão, especificamente, de acordo com as necessidades do trabalhador considerado, de tal maneira que o simples exercício da tarefa está na origem de uma descarga e de um "prazer de funcionar" (Dejours, 1992, p. 134).

Pode-se pontuar como fontes frequentes de prazer: o reconhecimento da competência do indivíduo e sua autonomia, conviver com as pessoas, interagir, experienciar afeto, cooperação entre o grupo e orgulho do que faz (Almeida; Merlo, 2008). No entanto, ao chegar ao trabalho cada indivíduo trará sua história de vida pessoal e suas próprias necessidades de prazer (Mendes, 1995).

Diante das vivências laborais cabe igualmente distinguir três conceitos, quais sejam: o reconhecimento e a valorização (relacionados ao prazer no trabalho) e a desvalorização (remetendo ao sofrimento). Ferreira e Mendes (2001) explicam que:

o prazer é definido a partir de dois fatores: valorização e reconhecimento no trabalho. A valorização é o sentimento de que o trabalho tem sentido e valor em si mesmo, é importante e significativo para a organização e a sociedade. O sentimento de reconhecimento significa ser aceito e admirado no trabalho e ter liberdade para expressar sua individualidade. O sofrimento é definido a partir do fator desgaste, que é a sensação de cansaço, desânimo e descontentamento com relação ao trabalho (Ferreira; Mendes, 2001, p. 96).

Conforme Augusto, Freitas e Mendes (2014), o reconhecimento é a condição necessária para a transformação do sofrimento em prazer, e revela a utilidade do trabalhador e seu pertencimento a um coletivo de trabalho. Segundo Mendes (2007), o reconhecimento é um dos modos de estruturação psíquica e de saúde, sendo necessário para dar sentido ao esforço e ao sofrimento enfrentados pelos trabalhadores durante o cumprimento de suas tarefas.

Augusto, Freitas e Mendes (2014), trazendo Dejours (2008), cita duas formas de reconhecimento: o baseado em julgamento de utilidade (atestado pelos superiores hierárquicos) e o baseado no julgamento da beleza (vem dos pares). Ambos podem pôr fim ao sofrimento, porque quando o sujeito tem autenticada a utilidade ou a beleza de seu ofício, todo sofrimento pode ser ressignificado e transformado em prazer.

Dejours (1999) esclarece que o reconhecimento não é algo secundário, mas sim decisivo para quem trabalha, gerando sentimentos de alívio, prazer, leveza, realização do ego, motivação no trabalho e contribuindo para a saúde mental. Porém, mesmo sendo decisivo e “embora faça parte das expectativas de todos os que trabalham, o reconhecimento raramente é conferido de modo satisfatório” (Dejours, 1999, p. 34). Somente quando a qualidade do trabalho é reconhecida, os esforços, angústias, dúvidas, decepções e desânimos adquirem sentido, fazendo com que o sofrimento não seja em vão (Dejours, 1999).

Eberle e Bruning (2013) declaram que os indivíduos buscam a autorrealização por meio do reconhecimento, que é “a retribuição fundamental à sublimação” (Dejours, 1997, p. 158 *apud* Eberle; Bruning, 2013, p. 29), advindo dos pares e da sociedade. É uma validação que o outro concede, servindo como prova da existência, aceitação, *status*, segurança, estima, entre outros.

Sobre valorização, Braidó e Ferreira (2022) explicam que sua busca é uma necessidade dos trabalhadores historicamente submetidos a condições precárias, e Dejours (1999) atrela as preocupações com a valorização a uma espécie de prestação de contas à sociedade, uma propaganda para o mercado e a clientela, sendo um discurso com objetivos externos de imagem de competência e resultados, incluindo a felicidade dos trabalhadores.

Já Fernandes (2017) destaca a importância que seria devida à valorização dos membros do grupo, de suas histórias, do tempo de produção, da mão-de-obra, das imperfeições e diferenças entre as mesmas peças, de “calor humano”, de singularidade e de produtos feitos à

mão, que representam um resgate cultural, uma valorização do humano e um sentimento de pertencimento.

A valorização tem em sua base sentimentos de orgulho e utilidade, e como um dos resultados o prazer. É vivenciada quando é concedida liberdade e autonomia intelectual e de realização de tarefas, dando espaço à criatividade, fortalecendo a autoimagem, em um ambiente de trabalho que fomente a democracia, o coleguismo, a igualdade, a cooperação, comunicação, harmonia, ética, parceria, espontaneidade e respeito, dentre outros aspectos (Mendes; Tamayo, 2001).

Já a desvalorização está sempre atrelada à valorização, porque quando se percebe a necessidade de valorização, é porque já está desvalorizado. A desvalorização é, portanto, a ausência da valorização, quando não se consegue algo além do básico, sendo a síntese de múltiplas determinações e a condensação de determinados fenômenos em tempos e espaços específicos (Braido; Ferreira, 2022). Mendes (2007) apresenta a desvalorização como parte do sofrimento e indicador de sofrimento, e como sinônimo de falta de reconhecimento:

Não sentir valorização no trabalho significa que o sujeito não considera seu trabalho importante por si mesmo, para a empresa e para a sociedade, indicando assim, um reforço negativo na auto-imagem, que está relacionada ao orgulho pela atividade desempenhada, à realização profissional, ao sentir-se útil e produtivo, tendo espaço mais vivências de sofrimento do que de prazer (Ferreira; Mendes, 2001, p. 101).

Reconhecer a proximidade entre valorização-reconhecimento-desvalorização remete também a Dejours e Abdoucheli (1994), ao esclarecerem que encontrar somente o prazer, e fugir totalmente ao sofrimento no trabalho, não é algo possível. Dejours (1999, p. 16) esclarece ainda que “entre as pessoas comuns, a relação para com o trabalho vai-se dissociando paulatinamente da promessa de felicidade”, por não atender a diversos tipos de expectativas (Dejours, 1999).

É comum que o trabalho ofereça condições contrárias ao prazer, com vivências e sintomas específicos do sofrimento. Até mesmo a normalidade não exclui efeitos patológicos nem exclui sofrimento, e o sofrimento, por sua vez, não exclui o prazer (Carvalho *et al.*, 2023).

Considerando que prazer e sofrimento caminham juntos na experiência do trabalho, a seguir serão trazidos conteúdos sobre o sofrimento no trabalho.

2.4 Sofrimento no Trabalho

De acordo com Dejours *et al.* (2017), trabalhar é sofrer e, conforme Mendes (2007), o sofrimento é considerado inseparável do trabalho, sem possibilidade de eliminá-lo. Merlo e Mendes (2009) falam que o trabalhador sofre, mas ao mesmo tempo busca não sofrer com a vivência do fracasso decorrente da falibilidade em relação ao trabalho real; trata-se de um contato com a imperfeição e a falta, que são indissociáveis do fazer e fatores permanentes no trabalho.

Sznelwar, Uchida e Lancman (2011) esclarecem que há modos de organizar o trabalho mais danosos à saúde mental, como por exemplo, aqueles que conduzem a uma excessiva individualização, ao invés de processos coletivos de trabalho e, ao invés de cooperação, privilegiam a competição. Essa combinação de componentes cria um potencial ambiente patogênico, estando presentes relações de poder e dominação que fomentam condições nefastas.

Além disso, Giongo, Monteiro e Sobrosa (2015) mencionam que tais ambientes promovem adoecimento mental e sintomas psicossomáticos tais como ansiedade, desgaste físico e emocional, “fadiga, tensão, angústia, impotência, indignação, ambivalência, picos hipertensivos, gastrite, insônia, sonolência, enxaqueca e tendinite” (Giongo; Monteiro; Sobrosa, 2015, p. 812).

Quando o contexto se torna doentio, e o trabalhador fez tudo que podia para lidar com uma realidade difícil, em que os eventuais momentos de prazer são sufocados pelos de sofrimento, surgem duas possibilidades de vivenciar o sofrimento: de forma patogênica ou de forma criativa (Conde; Cardoso; Klipan, 2019).

O entendimento seria que o “destino do sofrimento criativo é o de se transformar em prazer e em experiência estruturante. O destino do sofrimento patogênico é a doença que surge quando as defesas não cumprem mais sua função defensiva”, ou seja, quando de nenhuma forma for possível fazer adaptações e nenhuma defesa logrou êxito (Molinier, 2006, p. 60 *apud* Sznelwar; Uchida; Lancman, 2011, p. 15; Conde; Cardoso; Klipan, 2019), já Mendes (1995) afirmava que sofrimento criativo não é sinônimo de prazer.

Ainda sobre essa dinâmica:

Achamos que existem trabalhos incapazes de dar prazer, mesmo se retirarmos dele o perigo, a condição insalubre. Por exemplo, não vemos graça alguma em coletar lixo nas ruas, em carregar nas costas sacos e mais sacos de açúcar em algum cais de porto, ou em triturarmos os próprios ossos pondo britadeira contra asfalto ao sol causticante dos trópicos. A máquina, portanto, pode ser boa, pode ir substituindo o trabalho humano em inúmeras atividades, mas somente se o trabalhador puder controlá-la, aprender a fazê-la e aprender com ela (Sampaio; Hitomi; Ruiz *in* Codo; Sampaio (org), 1995, p. 73).

Assim, o trabalho deve ser compreendido com base em uma perspectiva dicotômica - do positivo e do negativo -, havendo crescimento, exploração e dor (Dias; Siqueira; Ferreira, 2023).

Augusto, Freitas e Mendes (2014) explicam que o sofrimento no trabalho se manifesta por meio de males no corpo, na mente e nas relações socioprofissionais, podendo ser acompanhado por uma descompensação psicológica na busca de defesas para exercer algum controle, ou quando inviabiliza a realização dos desejos psíquicos do indivíduo trabalhador, é um retrato do fracasso em manter a satisfação das demandas pessoais apesar do contexto do trabalho (Mendes; Vieira; Morrone, 2009; Merlo; Mendes, 2009).

Observe-se ainda que as vivências de sofrimento no trabalho colocam o indivíduo frente a situações de medo, insatisfação, estranhamento, desorientação, impotência, alienação, vulnerabilidade, frustração, inquietação, depressão, agressividade, desgaste, desânimo, desvalorização, culpa, raiva, cansaço, tédio, pressões sociais, aumento da carga de trabalho e conseqüentemente da fadiga, conflitos nas relações de trabalho - incluindo arbitrariedade de decisões, desconfiança, individualismo, concorrência desleal - dentre outras, em casos extremos chegando a gerar tentativas de suicídio ou até mesmo suicídios consumados (Dejours, 1999; Bottini; Paiva; Gomes, 2021; Ferreira; Mendes, 2001), subutilização do potencial e pouca perspectiva de crescimento profissional (Ferreira; Mendes, 2001).

Para Dejours (1992) o sofrimento é resultado de uma luta do trabalhador contra condições que têm o potencial para levar a uma doença mental. Trata-se de um processo dinâmico e, em resposta, os indivíduos desenvolvem estratégias defensivas, pois o sofrimento não é eliminado, tão somente transformado (Conde; Cardoso; Klipan, 2019).

Explorando como se dão essas respostas ao sofrimento por parte do trabalhador, a próxima seção abordará as estratégias de defesa.

2.5 Estratégias de Defesa

Apesar de geralmente haver impossibilidade de os trabalhadores mudarem contextos que geram esforço, incômodo e sofrimento, eles evitam continuamente a ruptura. Os indivíduos geram ações adaptativas para modificar o trabalho, mas continuam enfrentando os mesmos problemas e os mesmos limites diariamente. Assim surgem as estratégias de defesa, uma vez que se “o sofrimento não é acompanhado por uma descompensação psicológica é porque contra ele o sujeito emprega defesas que lhe permite controlá-lo” (Dejours, 2008, p. 35 *apud* Augusto; Freitas; Mendes, 2014, p. 39).

As estratégias de defesa buscam manter o predomínio do prazer e transformar dificuldades de maneira a assegurar a saúde física, psicológica e social dos trabalhadores, além de promover a superação, a ressignificação e, ou, transformação do sofrimento no trabalho, buscando afastar o adoecimento psíquico (Augusto; Freitas; Mendes, 2014). Segundo Dejours (1999, p. 17) elas são “sutis, cheias mesmo de engenhosidade, diversidade e inventividade”.

As estratégias defensivas são usadas para lidar com uma realidade que faz o indivíduo sofrer, buscando modificá-la e eventualmente minimizar o desconforto. Há mecanismos de defesa individuais – interiorizado –, e coletivos – que envolvem condições externas e consenso de um grupo de trabalhadores – e chegam a permitir alguma estabilidade no combate ao sofrimento, com mais sucesso que as defesas individuais (Mendes, 1995).

Importa destacar que, para a psicodinâmica, tem prevalência o coletivo do trabalho e não os sujeitos isoladamente e, da mesma forma, recebem mais foco as estratégias e intervenções coletivas de defesa, combatendo o sofrimento e em busca do prazer, embora haja também estratégias de defesa individuais (Merlo; Mendes, 2009).

As defesas são importantes para a saúde dos trabalhadores, porém são ambíguas no sentido de que podem atenuar o sofrimento (Dejours, 1999), mas exigem sacrifícios e ao mesmo tempo chegam ao ponto de fazer deixar de sentir o sofrimento, contendo assim o referido potencial da alienação, com pessoas que se acostumam e, portanto, e preferem que as coisas não mudem, voltando a acreditar que o trabalho tem sentido e é fonte de prazer, ressignificando o sofrimento (Roik; Pilatti, 2009).

As estratégias defensivas mudam a depender das categorias profissionais e se tornam regras tácitas no grupo de trabalho, podendo ser defesas de proteção, de adaptação e de exploração. As de proteção se referem a modos de pensar, sentir e agir compensatórios dos trabalhadores, podendo ser psíquicas, em que se alienam do sofrimento e não buscam mudanças, situação em que as causas são mascaradas, se intensificam e por fim gera-se o sofrimento e o adoecimento frente às contradições presentes no ato de trabalhar (Roik; Pilatti, 2009; Augusto; Freitas; Mendes, 2014; Giongo; Monteiro; Sobrosas, 2015).

Por sua vez, as defesas de adaptação e exploração requerem um envolvimento físico e socio psíquico, bem como vontade e capacidade do trabalhador, e se caracterizam pela negação do sofrimento e pela submissão ao desejo da produção, incluindo inconscientemente um comportamento neurótico e o atendimento do desejo de excelência da organização do trabalho (Roik; Pilatti, 2009).

Há também as estratégias do silêncio, da cegueira e da surdez, em que diante dos fatos, os sofrimentos alheios são negados e os próprios são calados, sob o sentimento de que não há nada que se possa fazer (Dejours, 1999). Reagindo a essa ideia de inação forçada, Mendes e Tamayo (2001, p. 45) reafirmam a “necessidade inerentes (sic) à condição humana do indivíduo buscar constante prazer e evitar o sofrimento, fazendo com que estratégias sejam utilizadas para evitar, minimizar ou transformar o sofrimento”.

Giongo, Monteiro e Sobrosa (2015, p. 805) destacam que saúde no trabalho não é sinônimo de ausência de sofrimento, “mas o potencial que cada trabalhador possui de utilização dos recursos internos e externos para transformação do sofrimento na busca pelo prazer e realização. Esta dinâmica é marcada pela utilização de estratégias defensivas”, individuais ou coletivas, com destaque para a mobilização subjetiva, explicada como fazer uso da subjetividade, inteligência prática e do coletivo de trabalho para transformar os fatores causadores de sofrimento (Giongo; Monteiro; Sobrosa, 2015).

Discutidos os principais construtos teóricos que darão fundamento a esta investigação, a seguir apresenta-se o percurso metodológico percorrido para o alcance dos objetivos aqui propostos.

3 METODOLOGIA

Segue o caminho metodológico adotado na pesquisa em relação à caracterização, classificação quanto aos objetivos, natureza, participantes, *locus*, métodos para coleta e análise de dados, e categorias de análise.

3.1 Caracterização da Pesquisa

Com relação à abordagem a pesquisa se classifica como qualitativa, que possibilita adentrar, mapear e compreender a realidade dos respondentes, por meio de suas respectivas narrativas, compostas por crenças, valores, atitudes e motivações (Latoski; Nogueira, 2021). Na presente investigação, o objetivo foi analisar a percepção de artesãos alagoanos sobre prazer e o sofrimento no trabalho e estratégias para lidar com tais vivências.

Quanto aos objetivos, a presente pesquisa pode ser classificada como descritiva, pois apresentou a descrição das características de um grupo ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis, bem como levantar as opiniões, atitudes e crenças dos sujeitos (Gil, 2008), o que se adequa aos objetivos aqui propostos.

Quanto aos procedimentos, trata-se de pesquisa de campo, por ser empírica e realizada no local onde o fenômeno se manifesta ou dispõe de elementos para explicá-lo, numa comunidade específica (Vergara, 1990), nesse caso, o Mercado do Artesanato de Maceió, que será mais detalhado à frente.

A presente investigação está prevista no projeto *Prazer e Sofrimento no trabalho de artesãos de Maceió*, já aprovado no Comitê de Ética da Universidade Federal de Alagoas, sob o número de registro 68629823.1.0000.5013.

3.2 Participantes da Pesquisa e *Locus* de Pesquisa

Para fins desse estudo foram considerados potenciais participantes os artesãos do Mercado do Artesanato de Maceió - aqueles que efetivamente produzem artesanato de forma

manual, conforme caracterização do Programa do Artesanato Brasileiro - PAB, na cidade de Maceió, estado de Alagoas, tendo sido escolhidos indivíduos considerados representativos de diferentes tipologias de artesanato e faixas etárias, selecionados pelo critério da tipicidade, por possuírem representatividade elevada para o contexto da pesquisa (Gil, 2008). Para garantir que esses indivíduos fossem escolhidos conforme o critério definido, a pesquisadora se informou junto aos artesãos entrevistados e confirmou com eles se os critérios eram atendidos.

A escolha do local se deveu ao fato de o Mercado do Artesanato de Maceió possuir mais de 280 lojas com diversidade de produtos artesanais, de variadas matérias-primas, funcionando todos os dias da semana e sendo possível inclusive presenciar alguns artesãos produzindo as peças nos boxes em que comercializam seus produtos (Ferro, 2023). O Mercado do Artesanato de Maceió funciona no local desde 1960, sendo um ponto turístico renomado, com grande influência econômica na região e nos bairros circunvizinhos (Oliveira, 2020).

3.3 Coleta dos Dados

Na presente investigação os dados foram coletados por meio de análise documental, entrevistas semiestruturadas e observação não participante com apoio de diário de campo. Na pesquisa qualitativa esses métodos dialogam entre si, tendo sido separados nesse relato apenas para fins de organização.

A análise documental é uma técnica amplamente utilizada nas Ciências Sociais Aplicadas, junto a documentos diversos, sobretudo aqueles que ainda não receberam nenhum tipo de tratamento analítico, e para essa pesquisa foi analisada a Portaria nº 1.007-SEI, de 11 de junho de 2018, que institui o Programa do Artesanato Brasileiro, cria a Comissão Nacional do Artesanato e dispõe sobre a base conceitual do artesanato brasileiro; bem como a Lei nº 13.180, de 22 de outubro de 2015, que dispõe sobre a profissão de artesão e dá outras providências; e também documentos relativos ao Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro (SICAB).

Já as entrevistas semiestruturadas foram conduzidas com ajuda de um roteiro composto por questões abertas elaboradas com base no referencial teórico adotado, permitindo

conversação continuada entre informante e pesquisador (APÊNDICE A). As questões foram organizadas de acordo os objetivos do estudo, mas foi possível fazer novas perguntas durante as entrevistas para melhor entendimento, bem como retornar para esclarecer eventuais dúvidas em um segundo momento (Duarte, 2002).

Quanto ao planejamento e execução das entrevistas, inicialmente foi feito contato com o setor de administração do Mercado do Artesanato de Maceió, explicando a origem e os objetivos da pesquisa e solicitando autorização para abordar e entrevistar os artesãos do local, bem como realizar gravações de áudio. Após recebida a autorização, foram abordados artesãos apresentando a pesquisadora, a origem e os objetivos da pesquisa e informando que suas contribuições, caso aceitassem participar, seriam anônimas.

Para identificar os respondentes da pesquisa foi utilizado o método da bola de neve, que pressupõe que há uma ligação entre os membros de uma população específica, e, portanto, seus membros são capazes de identificar outros membros da mesma, devendo ser encontrado o primeiro indivíduo, que vai ser considerado a “semente” ou a “onda zero” da amostra, que precisa ser cuidadosamente selecionada e costuma ser acessível na maioria dos casos (Dewes, 2013). O primeiro entrevistado foi agendado por aplicativo de mensagem (WhatsApp), bem como outros dois em momentos posteriores.

Dessa forma, inicialmente foi indicado um artesão, que após conceder a entrevista indicou outro artesão, e então cada artesão foi informando colegas efetivamente artesãos. A certa altura a pesquisadora foi identificando pessoalmente, pelo tipo de produto exposto nos boxes e por presenciar artesãos produzindo peças nos seus boxes, aqueles que eram genuinamente artesãos, que desenvolviam peças a partir de matérias-primas diversas, de acordo com sua criatividade individual, criando peças únicas com técnicas predominantemente manuais, corroborando também o critério da tipicidade.

Durante as entrevistas, a ordem das perguntas do roteiro foi seguida, mas houve flexibilidade para em algumas ocasiões repeti-las ou mesmo adotar palavras mais acessíveis para alguns artesãos. Também foram acrescentadas questões para desenvolver melhor temáticas que foram introduzidas pelos próprios artesãos, tais como questões relativas às ações do poder público voltadas ao artesanato, dentre outras. Somente uma pergunta não foi respondida, e por apenas uma das entrevistadas, a saber, sobre a renda média mensal.

Foram realizadas 15 entrevistas durante o mês de novembro do ano de 2023. A duração das entrevistas variou entre 10 minutos a até 1 hora e 20 minutos, totalizando 670 minutos. Todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE B) e

todas as entrevistas foram gravadas e transcritas para análise dos dados. Os entrevistados receberam um código de identificação cada, começando de E1 (Entrevistado 1) e chegando até E15 (Entrevistado 15).

Para realizar a transcrição dos áudios para texto foi utilizado o software da Reshape, o que viabilizou uma maior eficiência no reconhecimento da comunicação entre brasileiros, com previsão de 95% de acertos.

Para eliminar os erros que persistiram foram ouvidos os áudios em sua totalidade e conferidos os textos, efetuando as correções necessárias. No software as funções utilizadas foram o *upload* dos áudios, seguido pela transcrição para texto, correção *online* e *download* do texto final obtido. Foram também eliminados eventuais vícios de linguagem e erros gramaticais mais graves - mantendo, entretanto, o estilo de linguagem de cada entrevistado -, bem como desvios do propósito da pesquisa, além de interrupções ocorridas durante as entrevistas, tais como atendimentos a clientes.

A quantidade de entrevistas realizadas não foi definida *a priori*, mas à medida em que as respostas foram se repetindo, percebeu-se que fora alcançado o ponto de saturação, além de terem sido já abordados todos os potenciais participantes, inclusive sendo recebidas algumas negativas de contribuição. Assim, o alcance do chamado ponto de saturação deu-se pois não se identificou que novos dados estavam sendo levantados, além da constatação de que as informações obtidas eram consistentes, permitindo identificar padrões relacionados aos objetivos do estudo (Duarte, 2002).

Também se adotou o diário de campo durante a coleta de dados. Esse procedimento possibilita visibilizar a relação entre pesquisador e campo de pesquisa, descrevendo os procedimentos do estudo, o desenvolvimento das atividades e alterações necessárias ao longo da pesquisa, como uma narrativa textual das impressões, conhecimentos, sentimentos, ações, avanços e dificuldades do pesquisador, sendo um importante registro de sutilezas, tais como expressões de emoção, chegando a gerar novas análises (Kroef; Gavillon; Ramm; 2020).

As observações para o diário de campo foram efetuadas sem roteiro pré-definido, percebendo os ambientes físicos, a postura física e emocional dos artesãos e os mobiliários e objetos utilizados, com foco principal no contexto de trabalho. As anotações foram realizadas imediatamente ao final das entrevistas, para privilegiar o registro das memórias das visitas. Os aspectos advindos dos registros de diário de campo acrescentaram à pesquisa informações não mencionadas durante as falas dos entrevistados, enriquecendo a compreensão da realidade dos

que possuem boxes ou frequentam o Mercado do Artesanato de Maceió, para além dos relatos dos 15 entrevistados.

3.4 Técnica de Análise dos Dados

Os dados foram submetidos à análise de conteúdo, que é uma técnica que utiliza procedimentos sistemáticos para gerar inferências válidas sobre determinados conteúdos, sobretudo verbais ou escritos, buscando descrever ou interpretar certo fenômeno quanto aos seus significados, intenções, consequências ou contextos. Comumente utilizada em estudos qualitativos, a análise de conteúdo é amplamente utilizada na área de humanidades e em estudos de Administração (Sampaio; Lycarião, 2021).

Nessa investigação, foi utilizada especificamente a análise categorial de conteúdo. Conforme Bardin (2016), a análise categorial de conteúdo se trata de um conjunto de técnicas de análise das comunicações - através de codificação, categorização e inferência - que se desenvolve ao longo de diferentes fases, tais como pré-análise, exploração do material, tratamento dos dados e sua interpretação, conforme se observa no quadro 1:

Quadro 1 – Fases da análise de conteúdo, segundo Bardin (2016).

Fases	Caracterização	Procedimentos
Pré-análise	Organização e preparação de todo o material obtido, com o objetivo de torná-lo operacional e sistematizar as ideias iniciais.	Leitura flutuante, escolha dos documentos (aplicação das regras de exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência), formulação de objetivos, referenciação dos índices e elaboração de indicadores (conforme o caso) e preparação do material.
Exploração do material	Aplicação sistemática das decisões tomadas na fase de pré-análise.	Codificação, classificação e categorização dos dados.
Tratamento dos dados e sua interpretação	Tratamento dos dados de forma a se tornarem significativos e válidos.	Realização de inferências e interpretações. Busca por pontos de convergência e/ou divergência entre as falas e os diferentes conteúdos.

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Bardin (2016).

Para a condução do estudo foram definidas *a priori* algumas categorias de análise com base na pergunta de pesquisa, objetivos do trabalho e referencial teórico adotado, quais sejam:

prazer no trabalho, sofrimento no trabalho, contexto do trabalho e estratégias de defesa, conforme o quadro 2:

Quadro 2 – Objetivos, categorias de análise e definições constitutivas e operacionais.

Objetivo específico	Categoria de análise	Definição Constitutiva	Definição Operacional
Retratar o contexto do trabalho artesanal	Contexto de Trabalho	Condições, cenário das vivências, organização e relações sociais de trabalho (Mendes, 2007; Silva <i>et al.</i> , 2021).	Divisão do trabalho, conteúdo da tarefa, relações de poder, ambiente físico, químico e biológico, condições de higiene, de segurança e características do posto de trabalho, relações de trabalho etc. (Mendes, 2007).
Descrever as vivências de prazer no trabalho artesanal	Prazer no Trabalho	A atividade profissional consegue cumprir o significado a ela atribuído pelo indivíduo (Coda; Fonseca, 2004).	Presença de um sentimento de gratificação (Coda; Fonseca, 2004), reconhecimento da competência do indivíduo e sua autonomia, conviver com as pessoas, interagir, experienciar afeto, cooperação entre o grupo e orgulho do que faz etc (Almeida; Merlo, 2008).
Descrever as vivências de sofrimento no trabalho artesanal	Sofrimento no Trabalho	É um modo de organizar o trabalho danoso à saúde mental (Sznclwar, Uchida; Lancman, 2011), no qual o trabalhador vivencia o fracasso decorrente da falibilidade do trabalho real, em contato com a imperfeição e a falta, que são indissociáveis do fazer e fatores permanentes no trabalho (Merlo; Mendes, 2009).	Se manifesta por meio de males no corpo, na mente e nas relações socioprofissionais (Augusto; Freitas; Mendes, 2014), tais como adoecimento mental e sintomas psicossomáticos como ansiedade, desgaste físico e emocional (fadiga, tensão, angústia, impotência, indignação, picos hipertensivos, gastrite, insônia, sonolência, enxaqueca, tendinite etc (Giongo; Monteiro; Sobrosa, 2015).
Apresentar as estratégias de defesa dos artesãos em resposta a um possível sofrimento no trabalho	Estratégias de Defesa	São ações adaptativas para modificar o trabalho (Augusto; Freitas; Mendes, 2014), usadas para lidar com uma realidade que faz o indivíduo sofrer, buscando modificá-la e eventualmente minimizar o desconforto, podendo ser individuais ou coletivas (Mendes, 1995).	Introspecção, psicoterapia, terapias integrativas, resgate da religiosidade/espiritualidade, uso de medicamentos, álcool ou drogas, atividades físicas e de lazer, apoio da família; e coletivas tais como boa relação com os colegas (Vivian <i>et al.</i> , 2019). Também pode ocorrer racionalização, individualismo ou passividade (Mendes, 1995).

Fonte: Elaborado pela autora, com base no referencial teórico.

Foi utilizado o software Nvivo para Windows para auxiliar a análise de conteúdo, sendo as entrevistas incluídas no menu dados, como arquivos, e as definições constitutivas e operacionais no menu codificação, como códigos e subcódigos, que por sua vez geraram relatórios específicos. As codificações seguiram as definições mencionadas, conforme os objetivos específicos e de acordo também com o roteiro de entrevistas e temáticas que emergiram durante as entrevistas. No quadro 3 pode-se observar os códigos e subcódigos efetivamente mencionados e quais entrevistados lhes fizeram menção:

Quadro 3 – Códigos e subcódigos mencionados pelos entrevistados.

Código	Subcódigos	Entrevistados que lhes fizeram menção
Contexto de Trabalho	Ambiente Físico	E1, E2, E3, E4, E8, E10, E11, E14 e E15
	Características Antropométricas do Posto de Trabalho e Condições de Higiene e Segurança	E2, E3 e E8
	Condições de Trabalho	E1, E2, E3, E4, E5, E7, E8, E9, E10, E11, E12, E13, E14 e E15
	Conteúdo da Tarefa	E2, E3, E5 e E10
	Rotina de Trabalho	E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8, E9, E10, E11, E12, E13, E14 e E15
	Políticas Públicas	E1, E2, E3, E4, E5, E6, E8, E9, E10, E13 e E14
Prazer no Trabalho	Significado do Trabalho Atribuído pelo Indivíduo	E1, E2, E3, E4, E5, E7, E8, E9, E10, E11, E12, E13, E14 e E15
	Sentimento de Gratificação e Orgulho do Que Faz	E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8, E9, E10, E12, E13, E14 e E15
	Sentimento de Autonomia e Liberdade do Indivíduo	E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8, E9, E10, E12, E13 e E15
	Experienciar Afeto, Apoio e Reconhecimento da Competência do Indivíduo	E1, E2, E3, E4, E5, E7, E8, E9, E10, E12, E13, E14 e E15
	Valorização do Artesanato	E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8, E10, E14 e E15
Sofrimento no Trabalho	Danos à Saúde Física	E1, E2, E3, E4, E5, E6, E8, E9, E10, E11, E12, E13, E14 e E15
	Danos à Saúde Mental e Sintomas Psicossomáticos	E1, E2, E3, E4, E5, E8, E9 e E14
	Danos às Relações Socioprofissionais	E2, E5, E12 e E15
	Não Valorização do Artesanato	E1, E2, E3, E5, E6, E7, E8, E9, E10, E12, E13, E14 e E15
	Desafios para Manter a Tradição do Artesanato	E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8, E9, E10, E12, E13, E14, E15
Estratégias de Defesa	Ações Adaptativas Para Modificar o Trabalho	E3, E8, E12 e E14
	Como Lida Com Sofrimentos e Dificuldades	E1, E2, E3, E5, E6, E7, E8, E9, E10, E11, E12, E13, E14 e E15

Fonte: Elaborado pela autora com base na coleta de dados.

Por fim, de forma sumarizada, o quadro 4 relaciona os objetivos da pesquisa bem como os respectivos métodos de coleta de dados que foram utilizados na investigação.

Quadro 4: Objetivos específicos e os respectivos métodos de coleta de dados.

Objetivo específico	Métodos de coleta
Retratar o contexto do trabalho artesanal	Análise documental, entrevistas semiestruturadas e apoio de diário de campo.
Descrever as vivências de prazer no trabalho artesanal	Entrevistas semiestruturadas e apoio de diário de campo.
Descrever as vivências de sofrimento no trabalho artesanal	
Apresentar as estratégias de defesa dos artesãos em resposta a um possível sofrimento no trabalho	

Fonte: Elaborado pela autora.

Apresentado o percurso metodológico percorrido para o alcance do objetivo da pesquisa, a seguir apresentam-se e discute-se os dados coletados.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Antes de apresentar e analisar os dados propriamente, entendeu-se ser importante apresentar o perfil dos artesãos entrevistados, o qual está detalhado no quadro 5:

Quadro 5: Perfil dos artesãos entrevistados.

Entrevistado (código)	Idade (anos)	Sexo – Masculino (M), Feminino (F)	Tempo de Trabalho com Artesanato (anos)	Escolaridade	Estado Civil	Filhos – Sim (S), Não (N)	Renda Média Mensal (salários- mínimos)	Tipologia de Artesanato
E1	56	M	30	Graduação Incompleta	Separado(a)/ Divorciado(a)	S	2,5	Esculturas e peças diversas em barro, madeira, vidro e resina.
E2	76	F	27	Não Alfabetizado	União Estável/ Casado(a)	S	1	Chapéu de guerreiro, pé de boi, cachaça na fruta e no coco, bode para cachaça, cabeça de boi e de bode empalhadas, cavalo de brinquedo, boi bumbá, bonecos de tecido e gesso, casinhas, espingarda de madeira, cocá e roupa de palha para indígena, abajur de coco e de búzios, chapéu de guerreiro, cabaça, galinha, peneira, berrante, coroa, fantasia, cartucheira, carrinho de boi e mandala de cipó.
E3	62	M	49	Ensino Médio Completo	União Estável/ Casado(a)	S	Não Informado	Escultura em barro, pedra, madeira e palito de fósforo.
E4	33	F	13	Fundamental Completo	União Estável/ Casado(a)	S	Não Informado	Pintura em barro e madeira, macramê, quadros de madeira e luminária de cipó.
E5	44	F	15	Ensino Médio Completo	União Estável/ Casado(a)	S	4,5	Costura criativa, crochê, tricô e fuxico, em bolsas, <i>nécessaire</i> e peças de cama, mesa e banho.
E6	67	F	25	Fundamental Completo	União Estável/ Casado(a)	S	2	Linhas, fio náutico, fio de malha, bolsas e vestuário em crochê.
E7	60	F	10	Ensino Médio Completo	União Estável/ Casado(a)	S	0,3	Peças em feltro, bonecas em feltro com estrutura de madeira, peso de porta, puxa saco, chaveiros e cavalos de brinquedo.
E8	62	F	40	Graduação Completa	União Estável/ Casado(a)	S	1,5	Bordado redendê, fuxico, crochê, <i>patchwork</i> manual, em colchas, cortinas e <i>nécessaires</i> .

Entrevistado (código)	Idade (anos)	Sexo – Masculino (M), Feminino (F)	Tempo de Trabalho com Artesanato (anos)	Escolaridade	Estado Civil	Filhos – Sim (S), Não (N)	Renda Média Mensal (salários-mínimos)	Tipologia de Artesanato
E9	41	F	20	Fundamental Completo	Solteiro	N	0,5	Linha de algodão, filé, roupas e caminho de mesa de filé, quadros e bandeiras.
E10	71	F	25	Ensino Médio Completo	Solteiro	S	0,7	Toalhas, bolsas, vestuário, adereços, papel machê, colagem, vestuário, cintos e tiaras de filé, crochê, tricô, macramê e bonecas.
E11	57	F	30	Ensino Médio Completo	União Estável/ Casado(a)	S	0,3	Jarro de flores, cortinas e capas de fuxico, peso de porta, abajur com tampa de refrigerante, cortinas, abajur, painel, luminária e quadro com conchas de massunin, luminária de bijuteria, bolsa de <i>megahair</i> , tiara de rabo de rato, cortina de bambu e cinto.
E12	42	F	30	Ensino Médio Completo	União Estável/ Casado(a)	S	1,4	Acessórios femininos, vestuário e decoração em bordado em chita, crochê e renda de tenerife.
E13	49	F	10	Ensino Médio Incompleto	Separado(a)/ Divorciado(a)	S	1	Vestuário em crochê, com vários tipos de pontos, e miçangas.
E14	38	F	8	Graduação Incompleta	União Estável/ Casado(a)	S	1,8	Personagens infantis, peso de porta e chaveiros em feltro.
E15	53	F	15	Ensino Médio Completo	Separado(a)/ Divorciado(a)	S	0,6	Vestuário, acessórios e decoração em crochê, fuxico e macramê.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados coletados.

Com base no perfil dos artesãos entrevistados é possível identificar que as idades variam de 33 a 76 anos, e das 15 pessoas entrevistadas somente duas são do sexo masculino, predominando artesãs do sexo feminino. Nesse grupo, o menor tempo de trabalho com o artesanato foi de 8 anos, chegando até a 49 anos de experiência na área. Apenas 1 pessoa não é alfabetizada, 3 têm o ensino fundamental completo, 1 possui

o ensino médio incompleto, 7 concluíram o ensino médio, 2 têm graduação incompleta e 1 tem graduação completa. Quanto ao estado civil, apenas 2 são solteiros, 10 são casados ou mantêm relação estável e 3 são separados ou divorciados. Dos 15 entrevistados, apenas 1 não tem filhos. Quando questionados em relação à renda média mensal obtida com o artesanato, 2 artesãos preferiram não responder, e os demais informaram valores entre 0,3 e 4,5 salários-mínimos, porém cabe destacar que, excluindo esses valores que estão em extremos fora do padrão do restante dos artesãos, a renda média mensal fica em 1,3 salário-mínimo. Quanto às tipologias, destacam-se as linhas e fios, através de tricô, crochê, filé, fuxico, bordado, macramê, renda e diversos tipos de nós; e quanto aos produtos finais, prevalecem itens de vestuário e decoração.

O perfil encontrado se assemelha ao de Gonçalves, Grangeiro e Silva Júnior (2018) quanto à predominância de artesãs do sexo feminino, ao estado civil de casados, à escolaridade de ensino médio completo e às principais matérias-primas utilizadas nas tipologias. Em relação à faixa etária, entretanto, a média foi maior no presente trabalho que na pesquisa dos autores (54,1 x 47,5 anos de idade). Quanto à renda mensal obtida com o artesanato, a média dos artesãos do Mercado do Artesanato de Maceió foi maior que a identificada por Gonçalves, Grangeiro e Silva Júnior (2018), que foi menor que 1 salário-mínimo em 70% dos casos.

Já em relação a Helal *et al* (2022) nota-se uma diferença quanto à questão do gênero, que na pesquisa dos autores foi visto como predominantemente masculino, tendo identificado 12 Mestres Artesãos em Alagoas, dos quais 9 são homens e apenas 3 são mulheres, enquanto no Mercado do Artesanato de Maceió foi constatada a maioria do sexo feminino. Outra diferença se dá quanto às tipologias, que Helal *et al* (2022) referem como predominando em Alagoas a madeira e o barro, enquanto no presente estudo os fios se destacaram.

4.1 O Contexto do Trabalho do Artesão no Mercado do Artesanato de Maceió

O primeiro objetivo específico definido para esta investigação buscou retratar o contexto do trabalho do artesão, de acordo com os conceitos de Mendes (2007) e Silva *et al.* (2021). Nesse sentido, no tocante ao ambiente físico, por meio da observação, foi possível constatar que os espaços de comercialização do Mercado não são padronizados, havendo diferentes tamanhos, alguns amplos, outros muito pequenos, bem como distintas localizações, algumas consideradas melhores por maior circulação do público (térreo) e outras com baixíssima circulação de potenciais clientes (primeiro andar).

Há vários modelos de boxes, estando uns mais bem instalados que outros. Foi possível observar, por exemplo, que E1 tem um espaço diferenciado, muito mais amplo que os demais artesãos, num local que pertencia ao seu pai há muitos anos, além de ter construído também um ateliê em casa. Já E2, apesar de ter solicitado um espaço de 2m x 2m, recebeu um box menor, e considera não comportar suas peças. E3 tem um espaço muito restrito, com estrutura precária, apesar de ter seu ambiente no pátio, que tem mais fluxo de pessoas que o primeiro andar. Já E4 tem um espaço maior que outros colegas, e embora o considere menor que o necessário, atribui isso a ser “bagunceira”.

Essa necessidade de uma melhor arrumação ou organização do ambiente de trabalho pôde ser observada em alguns boxes, sobretudo, nos maiores, onde se observou uma quantidade de peças e itens sobrepostos, sendo difícil ao cliente encontrar o que procura, dada a confusão constatada. Assim, a partir dessas observações e relatos percebe-se que não há um padrão de ambientes físicos disponibilizados para os artesãos do Mercado do Artesanato de Maceió.

A maioria dos artesãos se senta em cadeiras plásticas ou banquinhos de madeira. Há falta de padronização nos expositores, pranchas e estantes, porque para a maioria é um investimento pessoal dispendioso providenciar essa estrutura. Assim, foi possível perceber que os móveis não são ergonomicamente adequados para a jornada de trabalho dos artesãos. Alguns ouvem rádios, assistem TV ou acessam o celular ao longo do dia, aparelhos esses providenciados pelos próprios artesãos.

Além disso, boa parte dos entrevistados desenvolve suas peças nos boxes de exposição, continuando a trabalhar nelas à noite, e nos finais de semana, em suas residências, sobretudo quando estão trabalhando em uma encomenda. Para tanto, quanto às características

antropométricas, E2 reporta que passa muito tempo sentada, E3 reforça seu porte físico e que sentado numa cadeira improvisada todos os dias do ano, com as costas inclinadas para a frente; E8 retoma a questão da cadeira inadequada, no seu caso de plástico.

Algumas lojas estão termicamente mais protegidas, enquanto outras sofrem pela forte incidência solar, o que causa desconforto aos artesãos e ao público, e até mesmo danos às peças, que precisam por vezes ser recolhidas e tiradas da exposição. A questão é recorrente para E3 e seus vizinhos, mas sobretudo para os artesãos lotados no primeiro andar do Mercado - tais como E11 e E15 - que é a forte incidência de luz solar e o calor decorrente. Assim, de forma geral, não há conforto térmico, não tendo sido identificados aparelhos de ar-condicionado em nenhum local, somente, em alguns, ventiladores portáteis levados pelos próprios permissionários. Os indivíduos precisam lidar diariamente com essa realidade objetiva do trabalho, conforme já explicitado por Augusto, Freitas e Mendes (2014).

Quanto à acessibilidade entre os ambientes, não há rampas; os espaços para circulação entre os ambientes de comercialização são apertados e despadronizados, não garantindo a passagem de cadeirantes, e os banheiros também não são adaptados para pessoas com deficiência, o que se remete ao imenso esforço necessário aos trabalhadores e frequentadores do local para lidar com as circunstâncias e conseguir realizar o trabalho laboral, semelhante ao que foi descrito por Anchieta *et al.* (2011).

Corroborando as observações, durante as entrevistas, a localização do Mercado foi apontada por todos como sendo um relevante problema, por seu entorno ser considerado feio, sujo, pobre e sem estacionamento. Foi muito relatado que os guias turísticos não costumam levar ônibus ao local alegando essas razões, e por não receberem taxas dos permissionários do local para incentivar, por assim dizer, que eles levem seus grupos de turistas até lá. Conforme relato de E2: “O próprio povo da terra é quem estraga. Porque os guias de turismo, às vezes dizem assim, ‘não vá pra ali porque ali tem ladrão, ali é imundo, ali não tem estacionamento’”.

Foi consenso entre os entrevistados que o local é pouco visitado, sobretudo no primeiro andar, e que a falta de divulgação prejudica o fluxo de pessoas ao Mercado. Além disso, quando o Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) passa, há ruído de buzina e tremor do piso nas lojas que ficam ao lado da estação.

Ao relatar sobre as condições de higiene e segurança, E2 cita a limpeza de cabeças e pés de boi recebidos do matadouro, sendo necessário retirar ossos, esticar, limpar, embalsamar,

utilizar formol e cloro puro, além da utilização de ferramentas pesadas como talhadeira, marreta, furadeira, serra de mão, arco de serra, chave de fenda, serra elétrica e estilete. A artesã mostrou suas mãos machucadas recentemente e mencionou ida para o Hospital de Pronto Socorro para receber pontos devido a um machucado anterior. Ao exibir fotos e vídeos do seu trabalho durante a entrevista, não foram observados procedimentos que garantissem a higiene e a segurança da artesã, tais como equipamentos de proteção individual - EPIs. Esse contexto penoso, sobre o qual não se tem controle, também foi semelhantemente mencionado por Codo e Sampaio (1995).

Mesmo com as dificuldades, E15 conclui que está satisfeita:

Aqui as condições de trabalho não são muito boas, porque a gente não tem a clientela. Quando o turista vem, vem lá embaixo[...]. Aqui na loja, o que me incomoda é o sol. Aqui tinha uma árvore. Cortaram as árvores aqui da frente. Aí o sol incomoda muito. Eu nem posso ficar com a loja aberta mais de três horas porque o sol entra e fica queimando as peças. E com essa temperatura que a gente está, né? Aí isso incomoda muito. E também tinha o problema do banheiro aqui, mas graças a Deus já resolveram, porque não tinha descarga, né? Estava quebrado. Passou um tempo... Aí incomodava porque ficava sujo. Não só por nós, pelo cliente mesmo que vinha, né? Mas tirando isso... Eu me sinto uma pessoa abençoada. Porque nem todo mundo tem a oportunidade que eu tenho. De qualquer maneira, aqui é um espaço bom. É onde eu divulgo o meu trabalho. É onde eu dou uma referência ao meu cliente[...]. Então, eu estou satisfeita com isso[...]. (E15)

Há também as condições de trabalho em casa, como relata E2:

E a minha casa, praticamente, é uma casa de artesão. A sala, você tem uma cadeira pra sentar e o restante pra trabalhar[...]. No fundo do quintal, é pra trabalho, entendeu? É pra lixar, é pra polir, é pra raspar e tudo. (Faço as peças) em casa. Não (aqui na loja), não. Não, às vezes eu trago, começo em casa e trago pra aqui pra terminar[...]. No fundo da casa também, entendeu? Aí fica um quarto de dormir, uma mesa pra sentar e a outra pra comer. E o restante é pra trabalho[...]. Como você tá vendo as coisas estão difíceis[...]. Porque você trabalha com formol, você trabalha com cloro, cloro puro... Quanto ao formol, não tem problema. Eu boto sempre a favor do vento de noite pra embalsamar. Não faço dentro de casa, faço na calçada, na rua, porque está a favor do vento. (E2)

E3 discorre sobre suas condições de trabalho:

Às vezes eu passo uma semana sem vender nada aqui, aí quando me chamam pra ir pra um evento, aí é onde há uma possibilidade maior, porque o fluxo de turismo que vem aqui ao Mercado do Artesanato é muito pequeno[...] aqui o Mercado do Artesanato é o local mais barato para se comprar artesanato, para se presentear. Enquanto uma loja lá na orla vale R\$ 1.500,00, R\$ 2.000,00, aqui é R\$ 200,00, R\$ 250,00. A gente tem preço, só que a gente não tem público. O pessoal que vem aqui é muito pouco, tá entendendo? E aí, quando dá 16h, já tá todo mundo fechando, já[...]. E o turista, ele começa a fazer compra depois de 19h30, 20h, até 22h... A pessoa vem dos passeios, janta e depois sai com a família para passear ou para comprar alguma coisa.(E3)

Corroborando essas declarações, E7 analisa que “o artesanato aqui em cima é muito fraco. Na verdade, tem meses que eu não vendo nada. Só às vezes encomenda”.

Sobre as tarefas do trabalho do artesão, E10 argumenta que os artesãos trabalham e sempre trabalharam por temporada, e destaca que após um curso aprendeu a aplicar cores nas suas peças, de forma a agradar os diferentes públicos. E5 destaca que suas peças são criadas por ela mesma, sem copiar ninguém. Já E2 explica que, por exemplo, trabalha com uma marreta de 1kg, e seu artesanato é muito pesado, além de utilizar produtos químicos. E3 detalha sua tarefa, bem diferente do que E2 vivencia, uma vez que se trata de peças pequeníssimas e frágeis, a saber, esculturas em palitos de fósforo.

Sobre a rotina de trabalho, a maioria dos entrevistados não restringe suas atividades somente a um ateliê ou ao Mercado do Artesanato, mas também trabalham em suas residências à noite e muitas vezes nos finais de semana, sobretudo quando estão trabalhando numa encomenda. É o caso de E4, E9, E13 e E15.

E11, por exemplo, descreveu que inicia seu dia de trabalho 5h da manhã, indo juntar conchas (seu principal produto de trabalho) na lagoa, chega ao Mercado do Artesanato às 6h e sai às 17h, por vezes às 18h ou 19h. Ao chegar em casa, esclarece que continua trabalhando até às 21h ou 22h. E12 relata ficar até 15h no Mercado, voltar para casa e, após cuidar das tarefas domésticas, trabalhar no artesanato até 22h30, na verdade não tendo limite de horas quando tem um projeto em curso: “Só paro quando eu termino. Na semana, no feriado. É porque o trabalho é tão prazeroso que não parece ser trabalho, entendeu?”.

Corroborando esse padrão, E8 frisa que seus bordados, panos, linhas e bastidores a acompanham para onde for, e que está sempre fazendo suas peças, só não produzindo à noite devido a dificuldades na visão. As exceções foram E5 e E7, que negam trabalhar em casa, centralizando suas tarefas aos seus boxes no Mercado do Artesanato. Apesar de pontuar que não trabalha em casa, E5 explica que, por vezes, de madrugada se coloca a responder clientes por aplicativos, e fazer acabamentos e embalagens nas peças. Esse cotidiano que faz o contexto do trabalho ser levado para casa, ou a casa ser o local oficial da produção, remete ao que foi encontrado por Martins, Lescura e Sant’Anna (2022).

O único relato de restrição ao local de trabalho foi o de E14, conforme segue:

Ter tirado o meu ateliê de casa, profissionalizado ele, fazendo um ponto fixo aqui no Mercado do Artesanato, eu consegui fazer com que o meu artesanato virasse uma

empresa. E aí, como todo mundo que tem um horário para chegar, para sair, horário de almoço, eu me policio para fazer isso. Porque o meu ateliê é uma empresa que precisa de mim, precisa da minha disciplina com relação ao horário. Então, antes de ter uma ajudante, eu levava muito trabalho para casa. Agora não, agora o meu ateliê se resume só aqui. Fechei a porta, acabou o horário de expediente[...]. Quando o meu ateliê estava precisando ser conhecido, eu trabalhava dia de sábado, dia de domingo. Depois que o ateliê passou a ter o nome dele, a ter a identidade dele, e ele começou a crescer nesse meio, eu disse, “não, agora é a hora de realmente fazer a empresa ser no horário comercial”. (E14)

Conde, Cardoso e Klipan (2019) já incluíam os aspectos econômicos como impactantes no contexto de trabalho, tal qual se pôde observar durante as entrevistas, nas quais, ao tratarem sobre suas condições de trabalho, emergiram várias falas sobre a temática das políticas públicas, seja elogiando, criticando, ou mesmo unindo elogios e críticas.

E14, por exemplo, entende que o Estado e a Prefeitura reconhecem e apoiam o comércio dos artesãos, viabilizando a participação em feiras, sendo atualmente acessível ir aos gabinetes do Prefeito, de Deputados e Vereadores, além de mencionar o SEBRAE e o SENAI como apoiadores. Porém faz a ressalva de que não é um reconhecimento pleno. Já E5 mencionou a burocracia dos bancos para liberar empréstimos, defendendo que o governo tivesse uma linha de crédito para o artesão.

E2, a seu tempo, reclamou que o poder público não incentiva a visita de turistas ao Mercado do Artesanato, não facilita acesso a capital de giro ou empréstimos com juros menores. A artesã declarou que a Secretaria Municipal do Trabalho, Abastecimento e Economia Solidária (SEMTABES) alega apoiar os artesãos, mas ao comparecerem à Secretaria se apresentam muitas dificuldades nesse processo.

E3 segue fazendo um panorama de diversos eventos pelo Brasil, segundo seu ponto de vista:

O estado, quando o governador era Renan Filho, a gente participou de vários eventos patrocinados por ele[...]. Mas a gente precisa de um apoio maior na divulgação do Mercado do Artesanato e que a gente possa, pelo menos, ter mais eventos. A gente tinha uma feira de nível internacional em Maceió, que era a Artnor, que o Sebrae fazia, e aí fechou, acabou esse evento; esse evento era fabuloso, sabe? A Fenearte em Recife hoje é o que é graças à exposição que a gente tem aqui em Maceió, porque o pessoal veio de Recife pra cá, todos os artesãos que ficam com algum material. Ele levou primeiro ano, segundo ano, no terceiro ano, cada um que quisesse ir, que pagasse o espaço. Mas ele dava estadia, alimentação e transporte para o pessoal ir para lá. Hoje a maior feira da América Latina é ela. Eu acho que a gente deveria tomar como base não só a exposição de Recife, mas de outros estados também, porque Minas Gerais está em decadência, a feira de Minas Gerais como é, com arte sacra, arte barroca, vale do Jequitinhonha, o peso que tem da cerâmica de lá de Minas Gerais, a feira tá uma desgraça, tá caindo. A Feira da Providência no Rio tá caindo totalmente. E quando

uma feira dessa cai o nível dela, quem perde é o artesão[...]. Quer dizer, a gente tem uma orla dessa, que a gente tem que aprender a divulgar e melhorar. Você tem novembro, dezembro e janeiro, três meses pra você fazer eventos em Maceió. Eu acho que a prefeitura e o estado deveriam fazer eventos desses pra fazer com que o seu cidadão viva com dignidade do seu trabalho, sabe, cara? (E3)

E6 elogiou o prefeito e entende que seu trabalho está sendo reconhecido, sendo viabilizada a participação em feiras desde o início do ano, semelhante ao que E1 também relata, conforme segue:

Eu tive que ir pro lado político[...], que eu sentei com esse pessoal e disse: “Vocês precisam abrir espaços”. E diante de um diálogo, saíram coisas que estão acontecendo[...] e de uma cobrança de campanha política que se transformou em políticas públicas. Para você ter ideia, estamos indo para nona feira proposta pela própria prefeitura e bancada pela prefeitura. Os nossos produtos, os nossos trabalhos já foram para 9 feiras, vai pra décima, talvez agora, em datas muito comemorativas e períodos grandes de até 30, 40 dias de exposição[...], porque a gente nunca ia, e se tivesse que ir tinha que pagar. Hoje, nós temos uma prefeitura que banca[...]. Se eu disser que a Prefeitura de Maceió nessa gestão não ajudou alguns artesãos, eu estou mentindo[...]. (E1)

Sobre suas experiências diversas em projetos, E10 trouxe algumas reflexões:

Porque essas experiências, eu aprendi muito na economia solidária. Eu ainda fui uma das coordenadoras da economia solidária do país[...]. Eu fui também agente do Produzir Juntos[...]. Esse era da UFAL[...]. Dentro da UFAL tem a Unitrabalho, que lida com a economia solidária, elas são incubadoras[...]. Rapaz, nós temos a lei aí de economia solidária, né, pra nos dar direito de se aposentar, a ter direito ao INSS. E a luta é grande, muito grande, porque a própria autoridade, ela não enxerga[...]. Também o artesão tem que deixar de ser comodista. Eles têm que ir atrás[...]. (Deveria haver mais) políticas públicas, polo artesanal e artesanato[...], e que esse local tivesse oficinas, tivesse tudo ali integrado. (E10)

Por outro lado, E8, entretanto, sente falta de mais apoio dos governantes, e denuncia que o pequeno artesão sofre para vender suas peças e tem muitas portas fechadas. A artesã entende que o Mercado do Artesanato deveria ser incluído na Secretaria de Turismo e não na SEMTABES, destacando que o local do Mercado consta como feira, perto do Mercado da Produção. Segundo a artesã,

sai Prefeito, entra Prefeito, e não fazem nada. Esse JHC ainda deu uma melhoria, né? Mas as vendas continuam baixas. (Precisava) melhorar o entorno, tirar essas coisas feias daqui, ou então nos colocar em outro lugar[...]. Eu gostaria muito que isso aqui mudasse, né? (E8)

A artesã reforça que o poder público está desinteressado, e que deveria incentivar mais, promovendo cursos e oficinas, e tornando o Mercado do Artesanato de Maceió uma escola de artesanato, e que faculdades também deveriam incentivar, e as escolas deveriam resgatar as aulas de educação artística, as quais, acredita, fizeram muitas pessoas se tornarem artesãs. E9 concorda e sente falta de apoio do governo, sobretudo quanto a espaços de comercialização,

referindo que muitos colegas não podem pagar um local para expor suas peças. Esses depoimentos dialogam com Sá *et al* (2020a), que defendem que a condição artesã deve ser considerada quando da formulação e implementação de políticas públicas para o setor do artesanato.

Na próxima sessão serão apresentados e analisados os dados referentes às vivências de prazer e sofrimento no trabalho dos artesãos do Mercado do Artesanato de Maceió.

4.2 Vivências de Prazer e Sofrimento no Trabalho nos Artesãos do Mercado do Artesanato de Maceió.

Dando sequência, o segundo objetivo específico propôs-se a descrever as vivências de prazer e sofrimento no trabalho artesanal. Apesar de serem fenômenos que ocorrem numa relação dialética constante, conforme Mendes (1995), nessa seção foram separados para melhor entendimento de ambos.

4.2.1 Prazer no Trabalho

Nessa seção, as vivências de prazer no trabalho dos artesãos entrevistados serão descritas à luz das definições constitutivas e operacionais, tais como significado atribuído ao trabalho, sentimentos de gratificação e orgulho, autonomia para fazer seu trabalho e liberdade para dar opiniões, experienciar afeto, apoio e reconhecimento da competência no trabalho artesanal e valorização do artesanato.

Quando se trata do significado que os artesãos atribuem ao seu trabalho, este tem contornos particulares e específicos para cada sujeito, conforme apontado por Mendes (2001). Muitos dos entrevistados, por exemplo, o vêem como uma terapia - tal como E1, E8, E9, E10, E12, E13 e E15 -, corroborando o que já dizia Dejours (1994), quando explicava sobre descarga de energia psíquica, relaxamento e fator equilibrante, bem como Ferreira (2009), que entende que trabalhar é um investimento psicológico importante. Conforme explica E12:

psicologicamente é a melhor terapia que existe, entendeu? Eu até tenho ansiedade, e o que me ajuda bastante é o meu trabalho, entendeu? O artesanato, se produzir uma peça, isso me ajuda bastante. Então, para uma pessoa que tem algum problema assim, se ela fizer uma manualidade, eu acho que ela vai se sentir muito bem. (E12)

O trabalho também foi referido como sendo “tudo” por vários entrevistados. Essa percepção remete a Antunes (2009), que correlaciona trabalho e sentido da vida, como se pode observar nos relatos a seguir:

tudo, eu sem ele, eu não sei o que é que eu faço. Porque eu só tô bem quando eu tô ocupada com o meu trabalho. (E2)

Tudo. Eu vivo disso, cara, isso daqui é, se eu pudesse eu não vendia, porque isso aí eu não vendo artesanato, eu vendo um pedacinho de mim[...]. Essa semana eu vendi um São Jorge que eu fiz pequenininho, dentro de uma caixinha desse tamanho, que a mulher ficou olhando assim pra mim e disse: “Tu não quer vender não, né?” Eu disse: “Quero não, só vou vender porque tu é gente boa pra caramba”. Eu acho que tu só faz a diferença como o profissional a partir do momento que tu faz o que tu ama. (E3)

eu não posso dizer tudo, porque tudo na minha vida é Deus, sabe? Mas 99% do que eu tenho, eu devo ao meu trabalho, entendeu? (E5)

abaixo de Deus e da minha família, é tudo de importante para mim. Num período muito difícil da minha vida, há oito anos, eu decidi que ia largar tudo para fazer só artesanato, foi quando[...] minha casa foi sustentada pelo meu ateliê. (E14)

Também foram referidos termos como gostar, amar, ser apaixonado pelo que faz e não se ver sem fazer artesanato, tal como ilustrado no seguinte relato:

Significa muita coisa, porque ele me ajuda muito, tanto financeiramente como psicologicamente, porque é uma coisa que eu faço porque eu gosto também de fazer. Não é só pensando no lucro assim, né, em si. Eu gosto mesmo de trabalhar com isso[...]. E quando eu chegar em casa também, ainda vou trabalhar. (E4)

O artesanato produz sentimentos de gratificação e orgulho nos artesãos, o que pôde ser observado nas entrevistas. Confirmando a visão de Almeida e Merlo (2008) sobre satisfação com a tarefa e expressão através do trabalho, E1 corrobora a questão do gostar, diz que o barro foi seu refúgio no momento mais difícil de sua vida, e sente orgulho ao contar que:

Eu faço algo porque gosto de fazer, e de repente esse algo que eu construo que sai da minha loja, sai do bairro, sai do estado, sai das divisas, sai do país e quando me dou conta, ele já está em 7 países de certeza, eu estou tentando ver se tem o oitavo país com as minhas peças. Na estante de pessoas influentes aí[...], porque acho que é o maior desafio de um artista, é a sua peça estar na estante de alguma celebridade, vamos dizer assim, não desmerecendo uma pessoa que não possa ser celebridade [...]. (E1)

Já E7 relata que o artesanato a ajudou a superar uma depressão enquanto E12 diz que se sente realizada, e que o dinheiro não é o mais importante, o que reforça Mendes (2007) e

Augusto, Freitas e Mendes (2014), que afirmam que o reconhecimento proporciona estruturação psíquica, saúde e prazer:

E às vezes eu nem quero que a pessoa me compre[...]. Eu fico assim, maravilhada com aquela peça pronta, uma linha, uma coisa tão[...]. Eu acho que é a produção em si[...]. Quando você começa a fazer, você entra naquele momento[...]. Durante a pandemia, enquanto a maioria das pessoas estavam desesperadas, eu estava bordando. E eu nem percebia o que estava acontecendo, porque eu me dediquei muito mais ao bordado, entendeu? Eu entrei naquele mundo do bordado e me apaixonei cada vez mais. Me fazia muito bem. Eu fico muito feliz quando os turistas passam por aqui e eles ficam impressionados, e dão parabéns, porque: “Ah, está tudo muito lindo”[...]. Me deixa muito feliz. Eu nem vendi a peça, mas só os elogios me deixam feliz. (E12)

O deslumbramento de E12 pelas peças produzidas se coordena com a visão de Bendassolli e Borges-Andrade (2011), que atribuíram aos trabalhos artesanais, artísticos e criativos uma característica própria, como sendo um trabalho ideal e intrinsecamente motivador. Os artesãos E2, E13, E14 e E15 também concordam que a melhor parte do seu trabalho é terminar uma peça, e E14 também refere a satisfação que sente quando o cliente fecha negócio. Nesse sentido, E4 conta que:

o prazer é quando eu vejo a peça terminada, o meu trabalho tá finalizado. Eu falo até com eles, como se fossem meus filhos. É muito engraçado isso, porque é assim que eu me sinto. Quando tá pronto, não tem preço que pague. (E4)

E5 diz que estar no Mercado do Artesanato é a realização de um sonho de infância, e se orgulha do seu trabalho:

Cheguei aqui, eu fiz uma bolsa. A turista chegou, e eu não consegui nem tirar foto, porque quando eu acabei de tirar da máquina que eu coloquei a etiqueta, a mulher levou a bolsa. E assim, foi um negócio que eu comprei por R\$ 10,00, a mulher me comprou essa bolsa por R\$ 100,00, tá entendendo?[...]. Olha, eu tenho hoje clientes em todo o mundo, do Oiapoque ao Chuí, como dizem. Foi o meu trabalho, foi a minha simplicidade. (E5)

Veja-se o relato de E2:

Porque o que valoriza o trabalho da gente é a gente trabalhar com gosto. E trabalhar para ficar uma coisa bem feita. Porque senão hoje eu não tinha a clientela que eu tenho. Eu tenho cliente até nas Filipinas hoje[...]. Que eu trabalhava com o cais e quando chegava ali no cais o pessoal levava a minha mercadoria toda e não ficava nada. Trabalhei muito, ganhei muito dólar, muito euro ali. (E2)

O sentimento de gratificação e o orgulho do que faz também se mostra nas oportunidades de participar de projetos de repercussão nacional, como uma abertura de novela, ou a admiração de uma criança:

Quando eu fui fazer a abertura da novela Da Cor do Pecado, da Globo, o Hans (Donner) disse: “Bem, a minha ideia seria fazer todos os personagens da novela em palito de fósforo[...]. Tu vai emplacar mais uma abertura de novela”[...]. Eu tava lá na

Praça Multieventos, aí chegou um menino que deve ter uns 12 anos, o pai dele olhou pra mim e disse: “Ele é autista”[...]. “Filho, ajuda o pai e a mãe aí a escolher uma peça dessa pra gente levar[...]”. Ele olhou pro pai e pra mãe e disse: “Pode levar tudo?”. Eu vou dizer o quê? Criança não mente. E criança com autismo é que não mente mesmo, sabe, cara? Essa é a maior satisfação, quando uma criança bate o olho numa peça e quer levar[...]. E eu sou um cara muito feliz por fazer o que eu gosto. (E3)

Quando questionados se sentem ter autonomia para fazer seu trabalho e liberdade para dar opiniões, temática desenvolvida por Mendes e Tamayo (2001), as seguintes respostas foram fornecidas pelos artesãos entrevistados. E1 diz que sente total liberdade, e exemplifica:

Sim, total liberdade e se não tivesse eu faria do mesmo jeito. Eu às vezes quero ser caricato, irônico, exibido, tímido, mau, bom, e eu transformo tudo em peças. Eu tenho a morte aqui na minha loja. Aí eu sou irônico, porque está lá a morte, mas está sem o facão. Então não é a morte, é um fantasma. Eu tenho o Gogó da Ema sem os cocos. Porque o Gogó da Ema não tinha coco, ele era um coqueiro doente; mas se você olhar, as pessoas fazem um Gogó da Ema com cocos. É, eu tenho um anjo sem rosto. Eu tenho uma grávida, com mais duas crianças presa a ela, e que representa o retrato do nosso povo nordestino, que hoje é um movimento político também, que nós sabemos, quanto mais filho, mais dinheiro, né? Tudo isso é crítico, né? (E1)

E2 também sente que tem liberdade, e pondera: “tenho pelo seguinte, porque se eu mandar alguém fazer o meu serviço e não ficar do jeito que eu gosto, eu mando ele desmanchar para fazer de novo[...], não, não é por aí não a coisa, está mal feito. Vamos fazer a coisa certa”. E3 diz que não tem liberdade, por ser muito medido pelas suas expressões, e conta uma experiência de uma peça onde exerceu sua liberdade e recebeu um questionamento a respeito. Quando menciona um “peso”, a fala de E3 aproxima-se do que Dejours (1992) descrevia como uma descarga e um prazer de funcionar:

Tava sentado no chão, entalhando um anjo grávido, nascendo um filho[...]. Aí eu tava com o anjinho na mão, aí ele olhou, pegou a peça e disse: “Mas meu filho, um anjo grávido, nascendo um filho?”. Eu disse: “É, no nordeste menina de 12, 13 anos já é mãe”[...]. “É, você tem razão”. Eu acho que a obrigação do artista é pegar o que está à sua volta e colocar no seu trabalho. Às vezes, fica muito pesado, sabe? Mas é a realidade, cara. Às vezes você tem que colocar isso que tá dentro de você pra fora, porque senão vai te sufocando. Aí depois que você faz um trabalho desse, que sai esse peso de você, aí você volta a fazer aqueles trabalhos mais leves de novo. (E3)

E4 diz que tem liberdade, mas nem sempre quer se expressar. E5 conta que tem liberdade e autonomia sim, e que “se eu, a dona do meu próprio negócio, não puder mandar naquilo que eu tenho, eu não sou dona, eu sou empregada”. E6, E7, E8, E12 e E13 consideram ter liberdade e autonomia, mas não se estenderam acerca desse tópico. Essas vivências de liberdade e autonomia fazem relação com Ferreira e Mendes (2001), quando referem prazer advindo da expressão de uma marca pessoal, que proporciona orgulho e admiração pelo próprio trabalho.

E9, porém, não concorda:

Nem sempre a gente se sente assim, livre para fazer o que quer e dar as nossas opiniões. Por exemplo, tem uma reunião de artesãs. As vezes não escutam a gente. Chamam para uma reunião, para botar em prática alguma coisa, e a gente quer dar opinião, a gente quer colocar algo que a gente pensa que é para melhorar, mas muitas vezes não é escutado. (E9)

E10 diz que fala porque é “faladeira mesmo[...], quando eu vejo as coisas eu não engulo não” e E15 segue esse entendimento, relatando que “nós falamos, sim. Porque ela fez a reunião, mas ela deu a opinião dela. E assim, não é o que ela disse, é o que a gente acha que é adequado, entendeu? É o jeito que a gente acha que vai ser viável pra gente”. Esses depoimentos parecem reforçar Braido e Ferreira (2022), que tratam da busca dos trabalhadores por melhoria de condições precárias.

Outro aspecto tratado nas entrevistas disse respeito a experienciar afeto, apoio e reconhecimento da competência no trabalho artesanal, que se relaciona à interação com o grupo, conforme Almeida e Merlo (2008). Sobre isso, E13 se ressentia inicialmente que não recebe apoio de ninguém, principalmente da família, evidenciando as considerações de Dejours (1999) de que o reconhecimento nem sempre é conferido de modo satisfatório. Por fim E13 reflete que o reconhecimento vem dos turistas:

Porque a família, tipo, quando quer uma peça, (diz): “Eu posso comprar a linha pra você fazer”, tá entendendo? Não pergunta o quanto que vai fazer, né? Não, só “eu compro a linha e você faz”, de graça. (Já) quando a gente tá em feira, tipo assim, a gente expõe lá, lá é muito mais valorizado do que aqui, por pessoas que vêm de fora, né? (E13)

Quando se trata de reconhecimento da competência dos artesãos por terceiros, E1 declara se sentir reconhecido, inclusive sendo convidado para eventos e para fotos. E12, no entanto, diz que ainda não chegou a ser reconhecida, e pretende se tornar Mestre Artesã no futuro, quando entende que o reconhecimento poderá chegar, o que confirma Ferreira e Mendes (2001), que já traziam a importância do reconhecimento, da aceitação e admiração do trabalho. Apesar de dizer inicialmente que não se sente reconhecida, E12 conta que Mestras Artesãs admiram seu trabalho, o que se configura como julgamento da beleza advindo dos pares, trabalhado por Augusto, Freitas e Mendes (2014) e Dejours (2008):

Porque elas são Mestras. Elas estão lá no lugar que elas mereceram estar[...]. Elas olham humildemente para o meu trabalho, mostram que está ótimo, que está lindo. Até compram as minhas peças. E usam, divulgam[...]. As pessoas que me conhecem, não tem ninguém que não tenha uma peça minha. Todas as pessoas que eu conheço, que estão no Instagram, sempre têm uma peça minha, mesmo as pessoas que não são turistas. (E12)

E2 percebe reconhecimento até certo ponto, porém na sua experiência isso acaba quando chega o momento de pagar pelo produto:

Eu recebo do meu povo todo, que diz assim: “Você é uma grande artesã, você é uma heroína, você é uma profissional”, mas não sabe valorizar o trabalho, quando é na hora de[...] você cobrar um preço, eles lhe botam outro, sabe? [...] Os colegas aqui, eles acham lindo o trabalho, mas eles querem mais para eles do que eu botar na minha loja. O povo que vem de fora, quando chega aqui e vê esse boneco aí[...]: “É pra vender?”. Mas se você dissesse: “É R\$ 500,00”[...], aí dizem: “Não, R\$ 500,00 está caro”. (E2)

E3 reitera um comentário de outros artesãos de que o reconhecimento vem muito mais das pessoas de fora (turistas) do que da população local, e conta uma experiência sua:

Chegou uma moça[...]. Ela disse: “Eu vim aqui pra fazer uma matéria com o senhor, que eu sou da TV Aparecida[...], mas é o senhor mesmo que faz?”. Aí eu disse: “É”[...]. Eu peguei um palito de fósforo, fiz a torre da igreja, do tamanho da cabeça do palito de fósforo, abri o palito no meio, fiz Nossa Senhora da Aparecida dentro do palito de fósforo com a mão assim, pintei e saiu vazando a peça toda, e quando eu mostrei pra ela, tava ela e o cinegrafista chorando[...]. Ela disse: “O senhor não sabe a repercussão que deu. Passou quatro meses direto na TV Aparecida no canal fechado”[...]. Fizemos outra matéria de novo[...]. Pra você ter uma ideia, uns três meses atrás, um pessoal aqui fazia uma matéria comigo, virou um documentário que vai virar um filme, “Na ponta do palito”. Foi agora no Festival de Cinema de Arapiraca, foi lançado lá[...]. Tinha tudo para fazer um negócio desse aqui. Se tu ver na TV Mar, fizeram uma matéria, “Minha Arte”[...]. Aonde eu chego com meu trabalho, meu trabalho é reconhecido. (E3)

E5 relata que pessoas a ajudam quando não se sente bem, a exemplo do marido, e conclui que:

Eu tenho vários amigos que elogiam o meu trabalho. Ontem à noite a menina mandou tanto elogio que eu chorava tanto, não sabia se eu chorava ou ela chorava. E assim, isso pra mim é gratificante. Os meus clientes, os meus amigos, os meus parentes... todo mundo elogia o meu trabalho. (E5)

E4 diz que o reconhecimento funciona como um escape e uma terapia que combatem a ansiedade, e E7 recebe elogios do tipo: “Tá lindo, foi você que fez? Muito bem feito o seu trabalho”, da mesma forma acontece com E9. E4 diz que recebe apoio dos próprios clientes da terra (locais), que se admiram com seu trabalho e indicam para quem ainda não conhece, e entende que parte disso se deve ao fato de o Mercado do Artesanato de Maceió ser o mais antigo de Alagoas e o mais conhecido. Também refere o incentivo dos vizinhos, que mostram ideias e mandam clientes para ela.

As reações dos artesãos aos questionamentos quanto ao reconhecimento confirmam o que Dejours (1999) já dizia, que não se trata de algo secundário, mas decisivo para a motivação

no trabalho e para a saúde mental, complementado por Eberle e Bruning (2013), que afirmam que a autorrealização está diretamente relacionada ao reconhecimento, e a Silva e Helal (2019) que atribuem ao reconhecimento uma dimensão central na vida dos sujeitos.

Quando abordada a valorização do artesanato, foram obtidas perspectivas positivas e negativas. Nesse tópico vão ser relatadas as visões positivas sobre o tema. A opinião de E1, por exemplo, é que:

O artesanato nunca esteve tanto em evidência[...], porque já se faz políticas públicas, vendo que isso é um meio de sobrevivência, de renda e de sustentar famílias, que é um trabalho honesto, digno[...]. O artesanato hoje foi visto pelos arquitetos, pelos decoradores, pelos *influencers*. Então hoje você vestir uma blusa de chita virou chique. O que era a roupa de pobre do interior[...] hoje é tecido de rico[...]. Mas isso foi cobrado[...]. Existe uma evolução de cada setor, setor público, setor turístico. O próprio artesão se manifestou. As faculdades, você veja que um curso de paisagismo tem um olhar para dentro do artesanato, o curso de arquitetura tem um olhar para dentro do artesanato. Então hoje o artesanato, eu posso dizer que ele está chique, ele é chique[...]. E as redes sociais contribuíram demais com isso, porque gerou uma independência[...]. Estou vendo celebridades usando o nosso filé, estou vendo a saia de filé e estou vendo a mesa de filé. Quem diria que aquele tecido, aquela coisa construída para uma mesa, iria virar uma saia que não é nada barato. (E1)

E10 diz que o artesanato é valorizado, mas que “os políticos[...] vendem o nosso artesanato lá fora[...] para o bem deles. Porque eles não fazem a propaganda de quem faz o artesanato. Quem faz o artesanato somos nós... Vendem lá fora e nós não ganhamos nada”. Sobrinho e Helal (2017) tratam dessa relação entre ações políticas e valorização do artesanato, tendo constatado – ao menos naquele estudo - que programas específicos e políticas públicas resultaram sim em valorização do setor. E3, a seu tempo, entende que a valorização não é plena, mas está avançando, e explica:

Ainda não (é tão valorizado), mas deu uma valorizada muito grande. Você vai hoje na Ilha do Ferro[...], é um trabalho muito conceituado, tá entendendo? Mas estava na mão de atravessadores isso, sempre teve na mão de atravessadores, pessoas que diziam que descobriram as pessoas, botava nas suas galerias e ficava muito difícil das pessoas terem acesso. Hoje com a *internet* já tem muita gente fazendo divulgação dos seus trabalhos e vendendo diretamente para as pessoas[...]. Hoje o cara tem a sua própria casa, tem um terreno, tem uma moto, tá vivendo melhor por conta disso[...]. Só pra tu ter uma ideia, aqui em Alagoas tem mais de 15 mil artesãos cadastrados na Secretaria, fora os que não estão, tá entendendo o que quero dizer? A gente precisa dar uma melhorada, dar uma enxugada nisso e procurar fazer mais eventos em Maceió. A gente tem uma das orlas mais ricas do Brasil, não perde nem pro Rio de Janeiro, tá entendendo? E outra grande vantagem nossa que é uma cidade pequena, você tá na Ponta Verde, você vai pro Francês, é 15 minutos de carro, é 20 minutos pra você ir pra Barra de São Miguel. Você tá hospedado lá, pra vir pra cá é um salto. É diferente de tu morar no Rio (de Janeiro), morar em São Paulo, que tudo é muito longe, entendeu? (E3)

E4 entende que a valorização acontece por quem conhece, mas na sua opinião ainda são poucos os que conhecem o artesanato. A relevância de tornar o artesanato mais conhecido foi uma das questões tratadas por Mello e Silva (2014), destacando os prejuízos de uma divulgação tímida, o quanto os artesãos procuram ser conhecidos para que sejam procurados, e as consequências de os potenciais clientes passarem em frente a locais de exposição e não entrarem por desconhecerem a funcionalidade do prédio, enfatizando a necessidade de mais visibilidade e ampla divulgação do artesanato. E5 ratifica esse entendimento, e analisa:

Mas eu vejo que tem algumas pessoas que sim, que valorizam, pessoas nativas, que sim, outros não[...]. A mídia, ela tem um poder muito grande[...]. Temos uma administradora maravilhosa aqui também[...]. Esse menino (E1) também, que eu vejo ele batalhando pra divulgar as coisas, pra fazer. Infelizmente muitos dos colegas não ajudam para que isso melhore, mas eu creio que se tivesse mais mídia, mais política[...], porque a gente sabe que tem pessoas que nem conhecem, têm poucos conhecimentos e não vão procurar[...], eu acho que isso seria o ideal. (E5)

Já E7 vê a valorização como intrinsecamente ligada ao local de exposição, portanto em alguns locais há valorização, e em outros não:

Assim, (é valorizado) em alguns lugares. Aqui mesmo, aqui não é muito (valorizado). Estou falando do local. Esse aqui não é muito valorizado pela população. Mas em outro que é lá fora, na Pajuçara, no Pontal (da Barra), ele (artesanato) é mais valorizado. (E7)

A influência do local de exposição, dentre outras demandas, foi também trazida por Sá *et al.* (2020), destacando a importância de uma infraestrutura adequada e da implementação de melhorias diversas no ambiente de exposição e seu entorno, incluindo pavimentação, mobilidade, paisagem, abastecimento e saneamento, locomoção e reconhecimento como área de proteção histórico-cultural.

E14, a seu tempo, entende que a valorização difere entre turistas e moradores locais:

Os turistas, eles vêm até a cidade para conhecer aquilo que viram em foto[...]. E aqui no Mercado do Artesanato, a gente recebe os dois públicos, tanto o turista quanto o pessoal local. E muitas vezes as pessoas até sentem um diferencial de atendimento, justamente por isso. Ou até mesmo por relação de preço, que tem uns que são da capital que quando chegam até riem: “Não sou turista, faça preço que é para cá”. Então, assim, existe essa diferença entre as pessoas que valorizam seu trabalho. Eu tenho muitos clientes que vieram para cá como turistas e hoje eu faço festa de aniversário e mando para fora. E é por conta disso[...], é muito a mentalidade das pessoas que vêm até aqui. (E14)

Com percepção semelhante, E15 conta que a valorização acontece pelo turista, mas não pelas pessoas locais. E6 corrobora esse relato, e diz que “o pessoal da terra não dá muito valor

ao meu trabalho[...], agora o turista nos valoriza demais[...]. Eu fui para uma feira agora e vendi 28 bolsas. Se vendi duas a pessoas da terra foi muito. Foi pros turistas”.

E8 percebe diferença de tipologia quando o assunto é valorização, e enfatiza que a mais valorizada é o filé: “Eu acho que a valorização tem, agora eu acho que o foco mesmo é o filé, a renda de filé. Porque é isso que os turistas, quando chegam à cidade, procuram[...]; predomina muito a renda de filé”.

Ainda quanto à relação entre tipologia e valorização, E6 destaca que a população local não valoriza o chochê, mas, especificamente, as pousadas e hotéis locais valorizam peças em barro e cestarias, por decorar os estabelecimentos com essas artes: “Agora, para o barro, para a cestaria, o pessoal da terra dá muito valor, porque eles enfeitam muitos hotéis, as pousadas, com muito artesanato[...], os hotéis daqui dão muito valor ao nosso artesanato”.

Dejours (1999) já atrelava as preocupações com a valorização com a felicidade dos trabalhadores, e conforme Mendes e Tamayo (2001) e Augusto, Freitas e Mendes (2014), o reconhecimento e os sentimentos de valorização são necessários para viabilizar o prazer no trabalho, por revelar ao trabalhador que ele é útil e pertence a um coletivo de trabalho.

Também Eberle e Bruning (2013) reforçaram a importância da valorização, para os trabalhadores, advinda da sociedade. Na presente investigação, as entrevistas evidenciaram a valorização advinda dos turistas, e com preferência por certas tipologias, como o filé, cabendo novas pesquisas para entender a razão disso, se é devida, por exemplo, a uma divulgação maior dessa tipologia.

Refletindo sobre tipologias e seus desafios específicos, Granjeiro (2015) levantou a importância de os artesãos que pertencem a uma mesma tipologia se organizarem coletivamente pra obterem vantagens na aquisição da matéria-prima, melhorarem a relação entre os pares na execução da atividade e a relação com fornecedores, além de se dedicarem a desenvolver um estilo próprio que os distingam dos demais artesãos de sua tipologia.

Resgatando-se os autores do referencial e observando-se os relatos das entrevistas, percebe-se aproximação com Fernandes (2017), que destacou a importância da valorização do artesanato, sobretudo por suas características únicas, que envolvem histórias individuais, imperfeições e diferenças entre as peças, intrínsecas aos produtos feitos à mão.

Na seção a seguir serão tratadas as respostas dos artesãos entrevistados relativas a sofrimento no trabalho.

4.2.2 Sofrimento no trabalho

Nessa seção, as vivências de sofrimento no trabalho dos artesãos entrevistados serão descritas à luz das definições constitutivas e operacionais, organizadas em danos à saúde física, danos à saúde mental e sintomas psicossomáticos, danos às relações socioprofissionais e não valorização do artesanato.

Quanto a sofrimento no trabalho, cabe esclarecer que durante as entrevistas foi percebido que por vezes os artesãos não se davam conta de algumas questões, e somente quando mais questionados e expostos a exemplos, percebiam que algo lhes afetava negativamente. E4, por exemplo, postula não perceber nenhum sofrimento, em nenhum aspecto. Medeiros, Martins e Mendes (2017) alegam que isso pode se dar porque os trabalhadores buscam negar o sofrimento, e não costumam falar diretamente daquilo que os faz sofrer.

Porém Dejours *et al* (2017) já diziam que trabalhar é sofrer, sendo algo permanente e inseparável do trabalho, sem possibilidade de ser eliminado, porque o trabalho real é falho e imperfeito. Corroborando essa visão, a seguir poderão ser identificados depoimentos sobre diversas vivências de sofrimento.

Ao serem questionados sobre danos causados pelo trabalho à saúde física, E13 fez o seguinte relato: “Eu recebi agora a receita mesmo. (Fiz) um exame, eu tô com síndrome do túnel do carpo, debilitante, por causa do trabalho. O médico até pediu pra eu parar. Mas eu disse a ele que é uma coisa que eu gosto de fazer”.

E4 também vivencia problema semelhante quanto aos efeitos do trabalho repetitivo, necessidade de medicação e fisioterapia: “Eu já sentia, às vezes, aqui no meu punho, na minha mão. Às vezes é um choque, às vezes está dolorido, mas aí é consequência do trabalho manual... Mas fora isso... Está tudo bem”. E6 tem passado por questões semelhantes, citando os dedos doídos, “por não serem mais tão novinhos”, e que sofre de tendinite devido ao trabalho repetitivo. E E9 detalha:

No caso do movimento repetitivo que a gente tem por trabalhar com a agulha e com a linha. Eu acho que quase todo mundo que faz o filé reclama, algumas da coluna, outras do braço esquerdo, do braço direito que trabalha. Por exemplo, lá em casa minhas irmãs todas já sentem dores. No braço eu ainda não tenho. Tem um pouco aqui na coluna. O médico falou que é do trabalho, que a gente fica de cabeça baixa, tem que procurar uma postura melhor. (E9)

E1 diz que, embora o barro com que trabalha já tenha passado por um processo de limpeza, ainda encontra eventualmente cacos de vidro, ou pedrinhas que cortam como vidro, ou madeirinhas que furam a mão, ou barro contaminado com metal pesado durante o transporte, ou algo orgânico, e que tudo isso traz danos à pele e danos respiratórios devido à queima do barro que emite por volta de 20 tipos de gases. Apesar de enumerar todos esses casos, E1 acredita que o corpo cria defesas para superar tudo isso. Essa escolha de E1 de adotar uma perspectiva positiva frente ao sofrimento guarda relação com Dias, Siqueira e Ferreira (2023), que defendem que o trabalho deve ser compreendido com base em uma perspectiva dicotômica - do positivo e do negativo -, havendo exploração e dor, mas também crescimento em meio a esse contexto difícil.

E3 cita falta de ar e E10 diz que há coisas que não pode mais fazer devido às muitas horas na mesma posição que afetam sua coluna, além de gerar inchaço nos pés. E15 também sofre com a coluna, igualmente devido a muitos anos na mesma posição, e começou a usar óculos devido ao trabalho artesanal.

E11 sofre com danos às unhas e dedos furados devido ao seu trabalho com o artesanato. E12 ressalta que produzir as peças com iluminação inadequada tem prejudicado seus olhos. E2 também menciona que o trabalho “estraga as suas mãos, é assim, cheia de calo, você estraga os dedos, você passa a noite de sono”.

Quando se percebe E13 explicando ao médico que é algo que ela gosta de fazer, E4 dizendo que fora (tudo) isso está tudo bem e E1 racionalizando que o corpo cria defesas para tudo, evidencia-se essa postura de negação, pelos artesãos, do impacto do sofrimento vivenciado, minimizando os danos sofridos.

E2, por exemplo, após falar das mãos afetadas e das noites de sono perdidas, diz que “só” tem problema de coluna, dores nas pernas, e mais à frente fala de corte com estilete e o risco por uso de cloro e formol. Ao final do seu difícil relato, a artesã diz que não tem do que reclamar. Esses depoimentos se enquadram como sofrimento criativo sendo transformado em

experiência estruturante, conforme Molinier (2006) e Uchida e Lancman (2011). Segue relato nesse sentido:

Não, eu acho que... Só problema de coluna. Porque a gente trabalha com coisas assim, fica sentada muito tempo[...]. Porque eu tenho duas hérnias de disco, aí me sento, passo muito tempo sentada e quando a gente se levanta, é todo entevado, não pode dar um passo daqui pra ali. Aí dá dores nas pernas, porque a gente não pode andar[...]. Isso aqui foi corte de estilete. O estilete entrou aqui, que abriu e ficou assim a carne pendurada. Tive que ir pro pronto-socorro pra dar ponto[...]. E quem faz mais o trabalho em casa, um pouco mais pesado, sou eu e meu menino... No meu trabalho tudo é difícil[...]. Porque você trabalha com formol, você trabalha com cloro, cloro puro. Mas graças a Deus eu não tenho de que reclamar até agora, né? (E2)

Já E8 detalha sintomas e cita cadeira inadequada, mas em seguida nega que a cadeira tenha relevância e os atribui à posição em que realiza seu trabalho:

Muitas vezes eu chegava aqui, levantava essa porta e começava a sentir os lábios dormentes, tonta. Umas três vezes eu fui para a emergência. A coluna é quebrada. Porque você tem que, pra você trabalhar, você tem que ter uma cadeira adequada, né? E aí, onde eu ando, eu ando com aquelas cadeiras de plástico que tem um apoio no braço. Mas hoje eu tenho dificuldade de andar por causa dos meus joelhos. Mas eu acredito que não foi por causa da cadeira de plástico... Eu acredito que pode ser a posição que fico ao trabalhar. (E8)

Males físicos oriundos do trabalho e causadores de sofrimento foram tratados por Augusto, Freitas e Mendes (2014), Mendes, Vieira e Morrone (2009) e Merlo e Mendes (2009), que descrevem essas experiências como uma demonstração do fracasso em manter alguma satisfação apesar dos contextos difíceis da atividade.

E14 tem uma visão diferente, defendendo que se o trabalho for feito com amor, e se o artesão estiver bem com o que faz, o corpo é desafiado a estar bem, e sustenta: “Vejo muita gente questionando, ‘depois que passei a trabalhar com artesanato, minhas mãos doem’. Realmente dói se você está fazendo aquilo por obrigação”. Essa visão de que a percepção muda o resultado faz lembrar de Conde, Cardoso e Klipan (2019), ao afirmarem que é possível escolher encarar o sofrimento de forma patogênica ou criativa.

Quando se trata de danos à saúde mental e eventuais sintomas psicossomáticos, seguem-se as respostas dos artesãos entrevistados. E1 chama de tortura psicológica o fato de os grandes centros quererem comprar o que ele considera trabalho escravo dos artesãos. E14 relembra a pandemia de Covid-19, e conta que ficou difícil para todo mundo, “principalmente o psicológico e o financeiro, que foi muito abalado. A gente tinha medo de sair de casa para não morrer e tinha medo de ficar em casa para também não morrer de fome”, e complementa que

“é muito difícil ser feliz e estar bem fazendo uma coisa que você só faz por dinheiro... Vai viver infeliz pelo resto da sua vida”, novamente sendo possível resgatar Conde, Cardoso e Klipan (2019), sem, no entanto, desconsiderar Mendes (1995), que afirmava que sofrimento criativo não chega a ser sinônimo de prazer.

Sobre sofrimento mental relacionado ao trabalho, E2 compartilha:

Porque quando você chega no fim de tudo, que você trabalha, trabalha, trabalha, e às vezes você chega no fim, o dinheiro não dá pra você pagar o recibo de luz. Você paga uma coisa, fica outra, entendeu? Você não pode comprar alguma coisa diferente pra botar dentro do seu estabelecimento, porque se você comprar, você tem medo de comprar. Porque eu tenho vergonha de chegar um fornecedor na minha porta pra cobrar o dinheiro dele e eu não ter dinheiro pra pagar. Com um movimento desse, que você tá com quase uma hora que tá aqui sentada, você tá vendo quem é que chega aqui? Ninguém[...]. (Isso) mexe muito com o emocional da gente. (E2)

E3 não entra em detalhes, mas confessa que “ultimamente vem acontecendo muito isso. Um pouco de depressão”, e fala também em frustração: “Por que é que aquele trabalho não tá vendendo? E isso vai deixando você frustrado”. E5 levou a questão para as vendas:

Eu aprendi com isso, com as dores, né? Então, se esse trabalho aqui não tá dando certo e eu tô vendo que tá ali empancado, não consegui vender, então tá me causando sofrimento... Querendo ou não, todo artesão depende de vender as suas artes para poder se sustentar, sustentar a família, entendeu? Sim, tem dia que eu tô extremamente estressada. Por quê? Às vezes eu tenho vários clientes para fazer entregas e eu não consigo finalizar o trabalho[...]. Mas tem muita gente aqui embaixo que é esquecida. Aqui em cima, muitas lojas fechadas porque eles não aguentaram a opressão, tem pessoas aqui oprimidas, tem pessoas em depressão, tem pessoas em cama, porque não são valorizados, porque não são observadas. (E5)

E8 sofre com demandas do trabalho que geraram ansiedade e a fizeram procurar ajuda de médico e psicólogo, tais como:

aí eu fui comprando, não tinha saída boa, fui me endividando, perdi cartão de crédito, fechei, fiquei no SPC, perdi a minha conta especial que eu tinha no banco, por dívidas que eu fui acumulando e sem me dar conta, virou uma bola de neve, mas devido à minha estadia aqui. Aí entrou outras coisas, né? Então, eu fiquei muito aperreada, eu ainda estou, porque eu ainda estou resolvendo as coisas. (Causou) a depressão. Estou superando. (E8)

E9, entretanto, traz à tona a pressão na relação com alguns clientes: “No meu caso assim, quando eu faço as entregas, e a pessoa coloca lá embaixo, não gostou, vem devolver, aí eu me sinto mal. Vem devolver, querer que eu faça novamente. Fica aquela pressão”, apesar dessas experiências, e de sentir vontade de desistir, a artesã diz que não sabe mais viver sem o artesanato. Giongo, Monteiro e Sobrosa (2015) já mencionavam que potenciais ambientes patogênicos promovem adoecimento mental e sintomas psicossomáticos diversos.

Houve também relatos de danos às relações socioprofissionais, como o de E15 que citou dificuldades nas relações com colegas que dividem os espaços do Mercado do Artesanato de Maceió sem serem efetivamente artesãos, vendendo peças compradas na China, misturando produtos artesanais com não artesanais: “Aqui mesmo, às vezes, o cliente sobe, aí olha assim, vê aqui e vê ali. ‘Não, mas ali não é artesanato’. Eu acho que tá muito misturado isso. Eu acho que (a solução) seria separar”.

E12 se queixa de colegas que se aproximam só para copiar suas peças por, na sua opinião, não terem sua própria criatividade. E5 também já teve experiências negativas, tais como ver seu trabalho - ou o trabalho dos colegas - desvalorizado:

Ver as pessoas desvalorizarem os seus colegas, sabe? Ou até o seu próprio trabalho[...]. E às vezes você está fazendo uma coisa com o maior carinho, com o maior amor do mundo e a pessoa olha pra você e fala: “Não gostei”... Fica com a tua opinião pra tu ou fala de uma forma diferente[...], saiba falar delicadamente, pra que você não machuque o colega. Então isso me deixa mal, não só comigo, mas se eu vir você fazendo com uma colega[...], tem pessoas que maltratam. (E5)

Ainda sobre esse aspecto, E10 parece ter encontrado alguns problemas na convivência com alguns grupos: “Eu trabalho sozinha mesmo, não trabalho em grupo... eu me afastei dos grupos, porque com o tempo a gente vai observando, certo? As coisas que acontecem nos grupos, que não batem com a gente”. E11, de forma semelhante, esclarece que não tem ninguém e prefere trabalhar sozinha, e E10 cita a vontade de fechar tudo e ir embora por falta de compreensão dos colegas e conversas paralelas prejudiciais.

Essa escolha deliberada pelo trabalho individualizado ao invés do coletivo, sobretudo quando se instala uma competição ao invés de cooperação, foi descrita por Sznclwar, Uchida e Lancman (2011) como um modo de organizar o trabalho que os autores consideram, ao final, mais danoso à saúde mental, chegando a chamar de condições nefastas de trabalho.

Dejours (1999), Bottini, Paiva e Gomes (2021) e Ferreira e Mendes (2001) também reconhecem que as pressões sociais, conflitos nas relações de trabalho, desconfiança, individualismo, concorrência desleal e desvalorização são vivências de trabalho que podem gerar sofrimento para os indivíduos. Especificamente sobre desvalorização do trabalho artesanal será discutido a seguir.

A desvalorização do trabalho artesanal é um aspecto diretamente relacionado ao sofrimento no trabalho que foi tratado durante as entrevistas. Nessa perspectiva, um tópico

resgatado com frequência foi a distinção entre a falta de valorização da população local e a valorização recebida dos turistas.

Sobre os turistas, E1 explica que: “Eu percebo que o estrangeiro chega no nosso país e valoriza mais a nossa cultura do que o próprio brasileiro”. E6 conta que os turistas pagam sem reclamar e ainda elogiam as peças e E13 advoga a necessidade de se criar um local com mais movimento de turistas, específico para trabalhos manuais: “Tipo o da Pajuçara, da Ponta Verde... Você tá vendo, aqui não tem praticamente ninguém... (é necessário) um lugar assim, que tenha pessoas que prestigiem mais, né?”.

Sobre a população local, E6, E14 e E15 relatam a tristeza de constatar que as pessoas da terra não dão o valor devido ao trabalho, acham os produtos caros e não compram. Já E7 e E8 repetem que outros locais são valorizados, mas o Mercado do Artesanato de Maceió, não:

Eu acho que (a população) deveria vir mais ver os trabalhos que a gente faz, porque são trabalhos bem feitos... eu acho que eles não dão um valor assim, merecido[...]. Eu acho que é o local, (não é valorizado) porque fica perto do Mercado da Produção. Aí o pessoal não dá muito valor, não quer vir muito pra cá, porque acha que é sujo, que é nojento, né? (E7)

tinha que ser mais valorizado, mas realmente o artesanato não é[...]. Você vê a valorização intensa no Pontal da Barra. Por quê? Porque lá em Marechal (Deodoro) foi criada a renda de filé. Tem várias peças bonitas lá. Eles não valorizam os artesãos que tem aqui. Aqui tem bastante artesãos? Tem. Agora, o que é que eles têm? Uma visão praia, né?[...]. E o que eu vejo assim, que o que eles valorizam muito é Feirinha (da Pajuçara), Pavilhão (do Artesanato) e Pontal (da Barra), né? O nosso Mercado é uma coisa linda, agora o entorno é feio[...], agora voltou com força a Feira do Passarinho ali, aquela muvuca ali. Muitos turistas chegam e não têm onde estacionar, aí vão embora. Os guias também dizem que aqui é coisa feia, aqui é lugar de gente ruim, de assaltante e tudo. Então, eles vão levar pra onde? Pro Pavilhão, pra Feirinha, pro Pontal, pra Maragogi[...]. (E8)

Nessa mesma linha, E2 desabafa longamente sobre a desvalorização dos artesãos manifestada em várias frentes, tais como a falta de apoio dos guias turísticos, o fato de pessoas receberem carteirinha de artesão sem serem realmente artesãos, a falta de capital de giro e de valorização pelo poder público:

Ninguém valoriza o nosso trabalho, porque o próprio povo da terra é quem estraga. Porque os guias de turismo, às vezes dizem assim: “Não vá ali porque tem ladrão, ali é imundo, ali não tem estacionamento”. Agora leva pro Pontal (da Barra), leva pra Barra (de São Miguel), pra Pajuçara, pra Feirinha (da Pajuçara). Aí diz: “Mas é porque eles (os guias) ganham”. Mas a gente não tá dizendo que não dá, desde que eles tragam[...]. E o nosso estado deveria tomar providência disso. Porque se a Barra é valorizada, o Pontal é valorizado, a Pajuçara é valorizada, que olhassem também pro povo mais pobre que tem aqui também. Que tem gente boa e gente que trabalha aqui dentro. Não só é que compra pra vender, não, entendeu? Você pra ter uma carteira de

artesão, você tem que ir lá, que é pra poder levar uma mercadoria que você faça pra poder saber que você é artesão[...]. E tem muita gente que chega lá e diz assim: “Eu sou artesão”. Leva um bagulho assim, que inventa, aquela coisinha, pra tapear e dizer que é artesão pra poder ter uma carteira. Artesão é aquele que bota a mão na massa, entendeu? É isso que eu chamo de artesão. E aqui tem gente que sabe fazer filé, tem gente que faz outros tipos de coisa... A maioria desse povo sabe fazer alguma coisa[...]. O sofrimento é o descaso público que a gente, às vezes, não tem apoio[...]. Porque já teve muita gente que já morreu e hoje acabou. Pelo menos o folclore, que era pastorio, guerreiro, boi-bumbá, essas coisas. Mas se você não tiver o capital (de giro), você não faz[...]. A única coisa que eu queria muito era que esse povo se interessasse mais pelos artesãos da cidade. Os artesãos de verdade, não aquele que compra para vender. Porque esse que compra para vender não é artesão. Tem uma carteira de artesão sem ser artesão. (E2)

Sobre a relação entre baixa valorização e políticas públicas, E9 resume que: “A gente precisa ter mais apoio de governo, de presidente[...]. Porque a gente não se sente assim tão valorizado, não”.

E14 refere que muitos artesãos se sentem desvalorizados, mas entende que isso se deve a uma falta de capacitação, a não saber cobrar pelas peças produzidas, a sequer compreender o porquê ele não está sendo reconhecido.

E5, numa fala ouvida também de outros artesãos, vivencia sofrimento através da baixa valorização vinculada aos atravessadores, que comprem suas peças por preço baixo e revendem nos shoppings pelo dobro do preço, inclusive trocando as etiquetas. Trata-se do mesmo produto, mas no Mercado do Artesanato de Maceió é pouco valorizado, e numa loja de shopping é reconhecido.

Na presente pesquisa foi possível observar que valorização e desvalorização podem compartilhar o mesmo momento histórico e região geográfica, a depender da percepção e das diferentes vivências dos artesãos envolvidos. Esse aspecto remete à Faria e Silva (2017) ao explicarem que o artesanato é algo que historicamente passa por fases de valorização alternadas por períodos de desprezo.

Os relatos dos entrevistados a respeito da falta de valorização e de reconhecimento permitem deduzir que eles vivenciam descontentamento e sofrimento em seu trabalho como artesãos, corroborando Ferreira e Mendes (2001). Esse aspecto é relevante também na medida em que Dejours (2008) e Bottini, Paiva e Gomes (2021) ressaltam o reconhecimento e valorização como essenciais para a saúde do corpo, da psique e das relações interpessoais do trabalhador.

Diante do contexto atual e das vivências e opiniões dos artesãos entrevistados, surgiu a questão de quais seriam os desafios enfrentados para manter a tradição do artesanato, os quais estão indicados no quadro 6:

Quadro 6: Principais desafios para manter a tradição do artesanato e Entrevistados que lhes fizeram menção.

Principais Desafios para Manter a Tradição do Artesanato	Entrevistados que lhes fizeram menção
Falta de Local de Exposição Prestigiado/Polo de Artesanato	E1, E6, E10, E13, E14, E15
Desinteresse dos Jovens e Consequente Diminuição do Número de Artesãos	E2, E4, E8, E9, E14
Falta de Palestras e Oficinas Gratuitas para Ensinar Artesanato	E1, E3, E9, E10
Falta de Valorização e Manutenção da Manualidade	E4, E12, E13
Falta de Valorização da Tradição do Artesanato	E5, E8
Baixos Lucros e Atividade Demorada	E4
Falta de União dos Permissionários do Mercado do Artesanato de Maceió	E5
Baixa Participação dos Artesãos em Eventos	E6
Baixa Visibilidade/Baixa Divulgação do Artesanato	E7
Falta de Políticas Públicas	E10
Concorrência entre Artesanato e Itens Não Artesanais	E15

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados coletados.

O quadro 6 indica como desafio mais apontado a falta de um local de exposição prestigiado ou até mesmo um polo de artesanato permanente para a produção artesanal local, sendo mencionado por 6 dos 15 artesãos, seguido pelo desinteresse dos jovens pelo artesanato e a consequente diminuição do número de artesãos, que foi visto como principal problema por 5 dos 15 entrevistados.

A falta de palestras e oficinas gratuitas para ensinar artesanato foi destacada por 4 indivíduos, seguida pela falta de valorização e manutenção da manualidade como algo superior ao uso de máquinas, que foi a preocupação de 3 trabalhadores. Sem entrar em detalhes, 2 artesãos apontaram como desafio a própria falta de valorização da tradição do artesanato, como um desapego pelo artesanato como uma cultura a ser preservada.

Também foram mencionados os baixos lucros oriundos do artesanato e o fato de ser uma atividade demorada, argumento muito utilizado pelas novas gerações como um desestímulo para adotar o artesanato como profissão ou até mesmo atividade secundária, o que se caracterizou como a justificativa do segundo desafio descrito no quadro 6.

Outros desafios foram a falta de união dos permissionários do Mercado do Artesanato de Maceió, a baixa participação dos artesãos em eventos, a baixa visibilidade e insuficiente

divulgação do artesanato, a falta de políticas públicas e a concorrência - apontada como desleal - entre o verdadeiro artesanato e itens não artesanais, revendidos lado a lado com as manualidades.

Observe-se que o desafio para manter a tradição do artesanato mais apontado nessa pesquisa foi a falta de local de exposição prestigiado ou mesmo um Polo de Artesanato, levantando a hipótese de que isso se deva ao fato de o local do Mercado do Artesanato de Maceió ser preterido por guias turísticos e visto por muitas pessoas como um local com problemas e que não deve ser visitado, o que prejudica as vendas dos permissionários, conforme relatado nas entrevistas.

Detalhando os dados do quadro, seguem alguns relatos sobre o desinteresse das novas gerações pelo artesanato e o impacto desse fato na manutenção dessa tradição:

Seria o pessoal se interessar, o povo da gente. Na minha casa não tem ninguém que diga assim: “Eu vou levar isso para frente quando minha mãe morrer, tem alguém que vai ficar fazendo isso”. Eu já tenho certeza de que quando eu morrer, muita coisa vai para o lixo, porque ninguém vai querer fazer[...]. Porque eu tenho cinco filhos[...], deveria ter pelo menos algum deles que dissesse: “Não, eu vou me interessar por isso”. (E2)

Na minha opinião, boa parte dos colégios que existem em Alagoas, universidades, (deveriam) chamar Mestres Artesãos para dar palestra, mostrar o trabalho que tem, porque boa parte desses meninos que estão aí na universidade, em colégio, não sabem nem que esse trabalho existe[...]. Se você puder mostrar a cultura do estado... Levar Dona Irineia, daquela escultura gigante. O João das Alagoas[...], tá entendendo? André da Marinheira, lá de Boca da Mata..., são pessoas que podem simplesmente, cara, passar pras pessoas o que elas vivem. (E3)

E12 traz a necessidade de manter a manualidade das pessoas como condição para manter a tradição do artesanato: “Eu acho tão bonito quando eu vejo aquelas artesãs antigas ali... e uma máquina jamais vai substituí-las”. E5 defende que a valorização da manualidade comece pelo próprio artesão, para depois a população valorizar também. Sobre isso, E1 tenta fazer sua parte, e cita que:

quando chega um ônibus de criança, eu faço questão de falar com a tia para poder as crianças pegar no barro, sentar, fazer a rodinha[...]. Eu falo atitude é você pegar meia tonelada de argila e comprar. Pedir uma autorização ao órgão público para ocupar uma área pública, chamar o melhor Mestre (Artesão) e promover uma oficina gratuita. Chamar o órgão de comunicação mais poderoso do estado[...] convidando as pessoas para vir para essa oficina totalmente gratuita[...]. A gente tinha que parar de falar e fazer[...]. Acho que isso resume, é não deixar morrer uma cultura. É praticá-la. É fazer as novas gerações descobrirem isso. (E1)

Esse desinteresse pelo artesanato nas novas gerações, a dificuldade e demora de trabalhar com manualidades e a busca por praticidade e maiores lucros podem estar

relacionados ao desafio representado pela concorrência, nos eventos e Mercados, do verdadeiro artesanato com itens não artesanais, comprados prontos, que competem pela atenção do cliente, conforme o depoimento de E15: “É uma luta diária, uma injustiça, porque eu já participei muito de feira. Aí você tá com uma estante dos seus produtos. Aí vem a fulana, já tá com três, quatro estantes. Mas tudo ela compra, nada ela faz.”

Esses desafios, vivências e depoimentos guardam relação com Dejours e Abdoucheli (1994), quanto à necessidade de reconhecer a dinâmica valorização-reconhecimento-desvalorização, não sendo possível, de acordo com Dejours (1999) fugir totalmente do sofrimento no trabalho, da dissociação paulatina da promessa de felicidade e da frustração das diversas expectativas formadas pelos indivíduos. Sendo assim, a próxima seção tratará das estratégias de defesa adotadas pelos artesãos para lidar com o sofrimento no trabalho.

4.3 Estratégias de Defesa

Para lidar com vivências de sofrimento no trabalho, os indivíduos tendem a desenvolver estratégias de defesa. Nesse sentido, os artesãos foram questionados sobre como lidam com o sofrimento advindo do seu trabalho, conforme sua própria percepção e as principais estratégias adotadas por eles, sintetizadas no quadro 7 a seguir:

Quadro 7: Principais estratégias de defesa e entrevistados que as utilizam.

Principais Estratégias de Defesa	Entrevistados que as utilizam
Pensamentos Positivos	E1, E2, E6, E7, E8, E9 e E14
Fé e Espiritualidade	E1, E5, E10, E12, E14 e E15
Descanso	E5, E9 e E14
Lazer	E3, E6 e E11
Atividades Físicas	E3, E8 e E11
Trabalhar Mais com Artesanato	E12, E13 e E15
Cigarro e Café	E2
Tempo com a Família	E6
Procurar Atendimento Psicológico	E9
Procurar Atendimento Médico	E9
Meditação	E10
Assistir Filmes, Séries e TV	E15

Fonte: elaborado pela autora com base na coleta de dados.

O quadro 7 demonstra que a principal estratégia de defesa adotada são os pensamentos positivos, indicada por 7 artesãos, seguida pela fé e espiritualidade, às quais recorrem 6 entrevistados. Descanso, lazer, atividades físicas e trabalhar mais com o artesanato foram mencionadas por 3 trabalhadores, cada. Alguns indivíduos utilizam mais de uma estratégia em seu dia a dia, a saber, E1, E2, E3, E5, E8, E10, E11, E12, que utilizam duas estratégias cada; E6, E14 e E15, que utilizam três estratégias cada e E9 que mencionou quatro estratégias.

Apenas E4 afirmou não utilizar estratégias de defesa, lembrando que foi também essa entrevistada a única que afirmou não ter nenhum sofrimento no trabalho. Fica o questionamento se a artesã não tem sofrimento, e por isso não precisa usar estratégias de defesa, ou se somente não percebe esses fatores em sua vivência por ser uma operação mental inconsciente que leva à negação, como postulam Medeiros, Martins e Mendes (2017). Mesmo nos demais entrevistados, foi constatado que as estratégias de defesa não estavam acessíveis na mente dos artesãos como algo facilmente percebido.

Quanto às características das estratégias adotadas pelos artesãos entrevistados, seguindo os critérios de Mendes (1995), todas se enquadram como mecanismos de defesa individuais, uma vez que mesmo aquelas que são vividas com companhias, estas são pessoas da família, não envolvendo um grupo de trabalhadores, como requer o conceito de estratégias coletivas.

Houve também relatos de ações adaptativas para modificar o trabalho. A esse respeito, E8 precisou modificar sua forma de trabalhar para fugir das dívidas geradas por adquirir matéria-prima e não conseguir vender o suficiente para pagar seus fornecedores, e reflete:

Eu estou resolvendo aos poucos, com a minha própria ajuda. Eu tenho que pensar que eu vim pra cá pensando uma coisa e deu outra. Então eu tô corrigindo os erros que eu fiz no passado... porque o fornecedor aqui a gente compra as peças e toda semana a gente tem que pagar. Eu tinha semana que não vendia. Como é que eu ia pagar? E para onde eu ia? Para o cheque especial. O fornecedor não quer saber se você vendeu ou não. Ele quer receber. (E8)

Já E12 precisa alterar regularmente suas peças, devido à prática de alguns colegas de copiar as peças de outros artesãos que percebem que estão fazendo sucesso, e pontua:

Quando alguém vem copiando as minhas peças, eu venho e melhoro, entendeu? Melhoro as minhas peças, coloco o meu diferencial. Tanto é que teve uma feira, um colega pediu, mas eu não faço as minhas para levar, ele falou que fez, chegou lá, a peça foi barrada porque todo mundo reconheceu que eram as minhas peças, entendeu? Então vai tendo o meu toque em cada peça minha, o diferencial, aí eu sempre nessa dificuldade eu vou e melhoro. (E12)

Adaptando seu trabalho, E14 sustenta que interrompe a produção quando necessário, esclarecendo que o artesanato proporciona essa flexibilidade, a não ser que o artesão trabalhe sem programação, sem organização, por exemplo aceitando encomendas com prazos que sabe que não são suficientes.

Quanto ao desafio para manter a tradição do artesanato, os artesãos entrevistados afirmaram que incentivam filhos e cônjuges a aprenderem e colaborarem com a produção das peças artesanais, tal como E2; ensinando a crianças, como E1, e jovens, como E9; buscando participar de bazares no piso superior do Mercado, como E7, e de eventos em outros locais, dentro e fora do estado, como E3; bem como promovendo oficinas gratuitas e divulgação do artesanato em várias frentes, como E1. Nessa perspectiva, Roik e Pilatti (2009) explicaram que as ações adaptativas são também consideradas estratégias de defesa, conforme observado na presente pesquisa.

Importa pontuar que não necessariamente as estratégias logram êxito em sua função defensiva, ou o alcançam permanentemente, como já explicaram Nascimento e Dellagnelo (2018). Nesse caso, se não forem substituídas satisfatoriamente e o indivíduo ficar sem adaptações ou defesas, o destino é o sofrimento patogênico. E mesmo durante o sucesso das estratégias defensivas, o sofrimento não é totalmente eliminado, tão somente transformado ou resignificado, como defendido por Conde, Cardoso e Klipan (2019), ou amenizado, segundo Mendes, Vieira e Morrone (2009) e Merlo e Mendes (2009).

Por tudo isso, mesmo usando estratégias, os artesãos entrevistados não deixam de sofrer, porque como já disseram Medeiros, Martins e Mendes (2017), estratégias defensivas não proporcionam uma cura para o sofrimento, podendo até mesmo agir como uma armadilha psicológica, um reforço ao consentimento e à alienação, uma anestesia e um freio que impedem mudanças na realidade prática.

O capítulo a seguir apresentará uma sugestão de produto técnico/tecnológico para aplicação junto à comunidade dos artesãos do Mercado do Artesanato de Maceió.

5 PRODUTO TÉCNICO/TECNOLÓGICO

Visando contribuir com os artesãos do Mercado do Artesanato de Maceió na busca de ações de melhorias, bem como para cumprir uma das exigências do PROFIAP, essa seção apresentará uma proposta de produto técnico/tecnológico.

5.1 Título

Mesa redonda “Mercado do Artesanato de Maceió: Desafios, Oportunidades e Providências”.

5.2 Contexto

A mesa redonda “Mercado do Artesanato de Maceió: Desafios, Oportunidades e Providências” surge como uma proposta de encontro anual entre os artesãos do Mercado do Artesanato de Maceió, autoridades e representantes de órgãos e demais instituições competentes para contribuir com o Mercado no sentido de preservar as melhorias e condições que geram prazer, orgulho e gratificação, e sobretudo para minimizar ou solucionar circunstâncias que causam sofrimento, fomentando o artesanato, mediando conflitos, discutindo problemas e propondo e colocando em prática soluções.

5.3 Data, Horário e Local

De acordo com a necessidade e disponibilidade do Mercado do Artesanato de Maceió, podendo ocorrer no formato presencial e/ou remoto, anualmente, para atualização de demandas e providências.

5.4 Carga Horária

Com duração de três horas, em horário a ser definido conforme disponibilidade dos envolvidos. Havendo muitas demandas para uma mesma edição, pode ser estudada a possibilidade de aumento da carga horária, ou a eleição de temas prioritários a serem discutidos no momento da realização do evento.

5.5 Público-alvo

A princípio, artesãos e Administração do Mercado do Artesanato de Maceió, Superintendente do SEBRAE AL, Coordenador(a) do Alagoas Feita a Mão (que atualmente representa o PAB em Alagoas), Secretário(a) da SEMTABES e pesquisadores do artesanato, sem prejuízo de outros que venham a ser convidados ou desejem participar.

5.6 Número de Vagas

A depender do local de realização, garantir ao menos 100 vagas no presencial (o que representa aproximadamente 1/3 dos permissionários do Mercado); e sem limites de acesso no ambiente virtual. Observe-se que a modalidade remota deve ser complementar à presencial, uma vez que parte dos artesãos não necessariamente acessaria um ambiente virtual.

5.7 Justificativa/Descrição da Situação/Problema

A proposta dessa ação se deve às necessidades identificadas na pesquisa junto a artesãos do Mercado do Artesanato de Maceió, visando a manutenção e promoção de condições que gerem prazer e a adoção de providências para minimizar o sofrimento, pela mobilização de

setores ligados ao artesanato, quer sejam órgãos públicos e/ou demais instituições dispostas a formar parcerias.

Quanto à contribuição para maximizar o prazer no trabalho, há que se entender a importância dessa mesa redonda como um ambiente pensado para ser uma oportunidade de livre expressão dos artesãos, de compartilhamento de sentimentos e ideias, de esperança de que suas reclamações serão alvo de providências, bem como alimentar a percepção de reconhecimento de sua história de vida e de trabalho pelos pares e pela sociedade - como uma validação que o outro concede, servindo como prova da existência, aceitação, *status*, utilidade e estima. Conforme Mendes e Tamayo (2001), uma iniciativa tal como essa fomenta a liberdade e a autonomia intelectual dos artesãos, dando espaço à criatividade, fortalecendo a autoimagem, promovendo a democracia, o coleguismo, a igualdade, a cooperação, a comunicação, a harmonia, a ética, a parceria, a espontaneidade e o respeito.

No que concerne à busca pela minimização do sofrimento, quer seja quanto a questões relacionadas a contexto, a adoecimento físico, mental e sintomas psicossomáticos, importa contribuir para que o sofrimento não seja em vão, vivenciando-o de forma criativa e não patogênica, e transformando-o em experiência estruturante. Uma mesa redonda visa ser um esforço com o objetivo de trazer à tona e discutir de forma produtiva a imperfeição, a falta, os desafios e os problemas comuns ao grupo, falando do que causa sofrimento ao invés de negar sua existência.

Uma vivência apontada nessa pesquisa foi o abandono do trabalho em grupo, causando uma individualização progressiva dos artesãos, e ao invés de cooperação e processos coletivos de trabalho, a percepção de competição. Uma das intenções de uma mesa redonda é chamá-los de volta à unidade e ao sentimento de pertencimento, considerando que os artesãos lidam com os mesmos limites diariamente, à diminuição de conversas paralelas e desconfiança, e à construção de estratégias de defesa coletivas.

Essa ação tenciona proporcionar também a interação direta dos artesãos e da Administração do Mercado do Artesanato de Maceió com entes externos que tenham o potencial de efetivamente promover mudanças significativas para esse público, tal como o SEBRAE AL, que promove capacitações e iniciativas diversas para o artesanato, a coordenação do Alagoas Feita a Mão, que dentre outras ações promove eventos e visibilidade ao artesanato alagoano, bem como cadastramento de artesãos para o SICAB e acesso a benefícios, e a

SEMTABES, que coordena a economia solidária no município de Maceió, trabalhando diretamente com feiras, mercados e artesanato, inclusive com o Mercado do Artesanato de Maceió.

Reunir esses atores, sem prejuízo de outros que venham a participar, pode promover a melhoria das políticas públicas já existentes e da oferta de novas políticas públicas, sobretudo no Mercado do Artesanato de Maceió, cujos permissionários apontam tantos desafios a serem superados, e que se percebem, segundo relatos, menos prestigiados que outros locais de exposição.

Ademais, sendo o PROFIAP um mestrado que se destina a formar profissionais capazes de valorizar questões sociais e ambientais com relevância para a sociedade, bem como produzir e disponibilizar instrumentos, modelos e metodologias voltados à melhoria da gestão pública, faz-se necessário contribuir com propostas práticas para a sociedade acerca dos problemas que lhes dizem respeito. Nesse sentido, o PROFIAP prevê diferentes tipos de produtos técnicos/tecnológicos, dentre os quais há a tecnologia social, utilizada nesse trabalho, e que consiste em um processo a ser aplicado em interação com a população, e apropriado para ela, que apresente solução para melhoria das condições de vida, e que atenda aos requisitos de simplicidade, baixo custo, fácil aplicabilidade e replicabilidade.

5.8 Objetivos

5.8.1 Objetivo Geral

Proporcionar uma oportunidade de troca de experiências, reinvidicações e contato entre os artesãos do Mercado do Artesanato de Maceió e setores com poder de apoio, decisão e efetivação de ações em prol da categoria, de forma periódica e sistemática, visando garantir um ambiente de fala e publicidade.

5.8.2 Objetivos Específicos

1. Manter e fomentar ações positivas para os artesãos do Mercado do Artesanato de Maceió,
2. Propor e implementar soluções para combater e minimizar condições danosas aos artesãos do Mercado do Artesanato de Maceió,
3. Discutir e desenvolver projetos que promovam a valorização do artesanato e estimulem a manutenção da tradição do artesanato.

5.9 Sugestão de Pautas

Para a primeira edição sugerem-se as pautas a seguir, a serem selecionadas pelos artesãos:

- Ambiente físico interno e entorno do Mercado do Artesanato de Maceió
- Características antropométricas dos postos de trabalho
- Condições de trabalho
- Políticas públicas
- Participação em eventos
- Valorização do artesanato
- Saúde física
- Saúde mental e sintomas psicossomáticos
- Relações socioprofissionais
- Valorização ou desvalorização do artesanato
- Desafios para manter a tradição do artesanato
- Atuação de atravessadores
- Aquisição de matéria-prima
- Fomento às manualidades
- Capacitação de artesãos

Para as demais edições, as pautas serão geradas a partir das demandas oriundas dos meses e eventos anteriores. Este evento será delineado a partir de cada edição, sendo aperfeiçoado quanto às pautas, carga horária, período do ano, convidados, certificação, dentre outros aspectos, na intenção de aprimorar a realização do evento.

Após delinear as características propostas para esse produto técnico/tecnológico, o capítulo a seguir trará as considerações finais desse trabalho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo trabalho tem o potencial de gerar tanto prazer quanto sofrimento, e decorrentes estratégias de defesa frente a esse sofrimento, e não é diferente na atividade artesanal. Esse trabalho buscou levantar detalhes dessas vivências, tendo como objetivo geral analisar a percepção de artesãos alagoanos sobre prazer e sofrimento no trabalho e estratégias para lidar com tais vivências.

De acordo com os resultados encontrados na presente pesquisa, quanto ao primeiro objetivo específico, sobre contexto do trabalho do artesão no Mercado muitas do Artesanato de Maceió, foi identificado que os espaços não são padronizados, havendo diferenças de mobiliário, estruturas e localizações. Em se tratando de mobiliário, não há atendimento de critérios de ergonomia; sobre estruturas, não há padronização de tamanhos dos boxes nem conforto térmico; e sobre localização, os ambientes do térreo são mais visitados que os do piso superior. Também não são atendidas recomendações de acessibilidade nos locais de exposição nem nos banheiros. Os artesãos precisam lidar com essa realidade que afeta diretamente a relação que mantêm com seu trabalho.

A localização do Mercado foi amplamente relatada como um relevante problema referente ao contexto do trabalho, devido ao seu entorno, o que prejudica a visitação do espaço. Além dos ambientes do Mercado, o contexto também envolve as residências, onde a maioria continua a trabalhar à noite e nos finais de semana, com as peças ocupando muitos espaços das casas.

Há tarefas que são feitas com peças leves, frágeis e pequenas, mas alguns contextos de trabalho envolvem peças pesadas de animais, processos difíceis de limpeza e acabamento, uso de produtos químicos e de ferramentas pesadas e perigosas. Apesar dos riscos envolvidos, não foi verificado uso de nenhum tipo de Equipamento de Proteção Individual - EPI pelos artesãos entrevistados.

Em se tratando de políticas públicas, segundo os entrevistados algumas têm sido efetivas e proporcionados melhorias, com destaque para a participação em eventos; enquanto outros artesãos entendem que ainda são insuficientes e não suprem as necessidades dos artesãos, por exemplo quanto a locais de exposição, divulgação e acesso a capital de giro.

Quanto ao segundo objetivo específico, no que tange a prazer, quando se trata do significado que os artesãos atribuem ao seu trabalho, muitos entrevistados o veem como uma

terapia ou o classificam como tudo, referindo que gostam, amam ou são apaixonados pelo que fazem.

A atividade artesanal é referida pelos artesãos como produzindo sentimentos de gratificação e orgulho, e como um refúgio e também como tendo ajudado a superar a depressão e a ansiedade. Há um prazer percebido ao finalizar uma peça artesanal, porque a satisfação vai além do dinheiro.

A maioria dos artesãos afirma sentir liberdade para desenvolver seu trabalho e expressar suas opiniões. Quanto a afeto, apoio, reconhecimento da competência no trabalho e valorização, em sua maior parte é percebido pelos entrevistados como advindo dos turistas, e relacionada a locais de exposição mais prestigiados e tipologias mais procuradas. A valorização em geral parece não ser ampla, mas é dita como tendo melhorado, com o artesanato presente em redes sociais e usado por celebridades.

Ainda no segundo objetivo específico, no que tange a sofrimento, a primeira observação foi a frequência com que os artesãos não se davam conta de questões que lhes afetavam negativamente, bem como sua capacidade de relativizar e negar os sofrimentos físicos e psicológicos, ou adotar perspectivas positivas. Também foram comuns os relatos da dificuldade para encontrar e adquirir matérias-primas em Alagoas.

Outras questões mencionadas são a desvalorização do artesanato, advinda sobretudo da população local, e os desafios para manter a tradição do artesanato, atribuídos principalmente à falta de local prestigiado para exposição das peças. Essas indicações guardam relação com a realidade do grupo entrevistado, que trabalha no Mercado de Artesanato de Maceió, local cujo entorno é considerado inadequado por eles e por essa razão pouco visitado por turistas.

Relativamente às estratégias de defesa para lidar com o sofrimento, houve predominância do uso de pensamentos positivos, seguido pela fé e espiritualidade. Alguns indivíduos usam mais de uma estratégia, e todas as que foram mencionadas se enquadram como mecanismos de defesa individuais. Houve também menção de ações adaptativas para modificar o trabalho, as quais são também consideradas estratégias de defesa.

No tocante às limitações do presente trabalho, indica-se a dificuldade de conseguir entrevistas com vários outros artesãos, pois muitos estavam desacreditados, sem motivação e sem confiança de que participar da pesquisa traria algum benefício para a categoria, ou tímidos para concederem uma entrevista. Essa situação limitou o acesso, por exemplo, a um número

maior de artesãos mais idosos, cujos relatos teriam sido importantes para essa pesquisa por sua longa trajetória de experiências no artesanato. Como sugestões para pesquisas futuras, recomenda-se:

- buscar conhecer a percepção das gerações mais novas de familiares de artesãos, acerca de seu interesse em manter a tradição do artesanato, como atividade principal ou mesmo secundária;
- utilização de métodos quantitativos de pesquisa que possam complementar a compreensão sobre as vivências e desafios dos artesãos alagoanos;
- desenvolver estudo comparativo de ações públicas destinadas a cada local de exposição de artesanato, com o objetivo de testar a hipótese de que haja locais mais contemplados por políticas públicas que outros, e a razão, se for possível detectar, dessa suposta distinção de oportunidades entre locais de exposição, visitação e venda de artesanato.

Dessa forma, essas pesquisas podem ampliar o conhecimento sobre a realidade abordada na presente pesquisa.

O presente estudo assemelha-se ao de Segnini (2010) e Nascimento e Dellagnelo (2018), tratando da abordagem da PDT sobre contexto, prazer-sofrimento e estratégias de defesa no trabalho, quanto a serem pesquisas qualitativas, estudos de caso, com uso de diário de campo, análise documental, realização de entrevistas individuais, utilizando análise categorial de conteúdo, análise da relação entre o trabalhador e a organização do trabalho, condições de trabalho, relações de cooperação, confiança e também de competição entre os pares no ambiente de trabalho, (falta de) reconhecimento do trabalho e sofrimentos patogênicos, dentre outros aspectos. Por outro lado, vale pontuar que o trabalho desses autores foi conduzido com outras categorias artísticas, enquanto a contribuição da presente pesquisa está focada em artesãos de variadas tipologias.

Também há semelhança com os dados obtidos por Gonçalves, Grangeiro e Silva Júnior (2018) quanto à realidade de artesãos, porém esses autores trabalharam com métodos quantitativos, e o presente estudo utilizou métodos qualitativos, dando voz aos entrevistados para que detalhassem suas vivências de contexto, prazer-sofrimento e estratégias de defesa no trabalho, e analisando seus relatos à luz de autores consagrados nessas temáticas.

As pretensões desse estudo envolviam contemplar o artesanato por entender sua relevância para a cultura local alagoana, estimular novas reflexões sobre a temática do prazer-sofrimento e estratégias de defesa no trabalho; apresentar a realidade de um grupo de artesãos alagoanos, proporcionar uma reflexão aos artesãos sobre como vivenciam sua atividade laboral, ampliar os estudos para mais tipologias de artesanato, colaborar com outros estudos sobre artesanato e realizar um levantamento da condição artesã que possa ser considerado quando da formulação e implementação de políticas públicas para o respectivo setor. Entende-se que essa pesquisa conseguiu dar sua parcela de contribuição quanto a esses temas, especificamente voltada a um grupo diferenciado de trabalhadores – os artesãos.

Este estudo também compartilhou dados e resultados com o Projeto de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), “Artesanato no Nordeste hoje: políticas públicas, gestão e condição artesã”, do qual faz parte.

Diante do exposto, e longe de encerrar as discussões, espera-se que os artesãos alagoanos sejam alvo de mais e melhores iniciativas que possam maximizar o prazer e minimizar o sofrimento em seu trabalho, a fim de estimular a tradição do artesanato a permanecer viva em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. L.; MERLO, Á. R. C. Manda quem pode, obedece quem tem juízo: prazer e sofrimento psíquico em cargos de gerência. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, 2008, vol. 11, n. 2, pp. 139-157. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v11n2/a02v11n2.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2023.

AMORIM, W. A. C.; CRUZ, M. V. G.; SARSUR, A. M.; FISCHER, A. L.; LIMA, A. Z.; BAFTI, A. As intrincadas relações sistêmicas entre mercado de trabalho, relações de trabalho e gestão de recursos humanos em contexto pandêmico. **RAE-Revista de Administração de Empresas** | FGV EAESP. | RAE | São Paulo | v. 63 | n. 1 | 2023 | 1-19 | e2021-0669 eISSN 2178-938X. Disponível em: file:///C:/Users/conta/Downloads/Amorim_Cruz_Sarsur_Fischer_Lima_Bafti_2023_As-intrincadas-relacoes-sistem_70852.pdf. Acesso em: 15 jun. 2023.

ANCHIETA, V. C. C.; GALINKIM, A. L.; MENDES, A. M. B.; NEIVA, E. R. Trabalho e riscos de adoecimento: um estudo entre policiais civis. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, abr-jun 2011, v. 27, n. 2, pp. 199-208. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/v5zqPF6GG9NJQqSJwGmyhnn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 abr. 2023.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed., 10. reimpr. rev. e ampl. São Paulo, SP: Boitempo, 2009. Disponível em: file:///C:/Users/conta/Downloads/Ricardo_Antunes_Os_sentidos_do_trabalho.pdf. Acesso em: 27 jun. 2023.

AQUINO, F. A. Z. O. **Longevidade e gestão de pessoas**: as relações de trabalho nas organizações. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Taubaté, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 2018. Taubaté - SP. Disponível em: <https://mpemdh.unitau.br/wp-content/uploads/2016/dissertacoes/mdh/Fernanda-Aparecida-Zanin-de-Oliveira-Aquino.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2023.

ARAÚJO, R. R.; SACHUK, M. I. Os sentidos do trabalho e suas implicações na formação dos indivíduos inseridos nas organizações contemporâneas. **Revista de Gestão USP**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 53-66, jan./mar. 2007. Disponível em: file:///C:/Users/conta/Downloads/Ara%C3%BAjo_Sachuk_2007_Os-sentidos-do-trabalho-e-suas_27572.pdf. Acesso em: 28 jun. 2023.

ARAÚJO, S. **Projeto busca fortalecer identidade cultural do Mercado do Artesanato de Maceió**. 2017. Disponível em: <https://ufal.br/ufal/noticias/2017/2/projeto-busca-fortalecer-identidade-cultural-do-mercado-do-artesanato-de-maceio>. Acesso em: 21 fev. 2024.

AUGUSTO, M. M.; FREITAS, L. G.; MENDES, A. M. Vivências de prazer e sofrimento no trabalho de profissionais de uma fundação pública de pesquisa. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 34-55, abr. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v20n1/v20n1a04.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2023.

BANDURA, A. Social Learning Theory. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1977. In: FERREIRA, T. B.; HELAL, D. H.; PAIVA, K. C. M. Artesanato, Aprendizagem Social e Comunidade de Prática: um estudo com rendeiras em Alcaçuz (RN). **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, G&DR**, v. 12, n. 1, p. 33-61, jan./abr. 2016, Taubaté, SP, Brasil. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/42328/2/Artesanato%2c%20aprendizagem%20social%20e%20comunidade%20de%20pr%3aatica%20.pdf>. Acesso em: 05 mar. de 2023.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução L. A. Reto & A. Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BENDASSOLLI, P. F. Recomposição da relação sujeito-trabalho nos modelos emergentes de carreira. **Revista de Administração de Empresa**, São Paulo, v. 49, n. 4, p. 387-400, out./dez., 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/qDB9SJm5h5mYmdTTpxfM9nt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 fev. 2023.

BENDASSOLLI, P. F.; BORGES-ANDRADE, J. E. Significado do trabalho nas indústrias criativas. **Revista de Administração de Empresa, RAE**. São Paulo, v. 51, n. 2, mar./abr., 2011, 143-159, ISSN 0034-7590. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-75902011000200003>. Acesso em: 26 jun. 2023.

BERNARDO, M. H. **Trabalho duro, discurso flexível**: uma análise das contradições do toyotismo a partir da vivência de trabalhadores. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

BOTTINI, F. F.; PAIVA, K. C. M.; GOMES, R. C. Resiliência individual, prazer e sofrimento no trabalho e vínculos organizacionais: reflexões e perspectivas de pesquisas para o setor público. Artigo, **Cad. EBAPE.BR** 19 (1), jan./mar. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1679-395120200091>. Acesso em: 8 abr. 2023.

BRAIDO, L. S.; FERREIRA, L. S. **(Des)Valorização do Trabalho dos(as) Professores(as) de 1964 até 1996**: uma Análise dos Movimentos de Sentidos. Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação. RS, Brasil. Ensino, v.23, n.4, 2022, p. 624-632. Disponível em:DOI: <https://doi.org/10.17921/2447-8733.2022v23n4p624-632>. Acesso em: 19 jul. 2023.

CAREGNATO, R. C. A. Pesquisa qualitativa. Editorial. **Rev. SOBECC**, São Paulo, 22(1): 1-2, jan./mar. 2017. Disponível em: https://docs.bvsalud.org/biblioref/2017/05/833315/sobecc-v22n1_pt_1-2.pdf. Acesso em: 25 ago. 2023.

CARVALHO, L. A.; SARAIVA, C. M.; BOAVA, F. M. F. M.; CERIBELI, H. B. Ossos do ofício: estudo sobre prazer e sofrimento no mercado da moda. **Revista Pretexto**, v. 24, n. 1, p. 101-118, 2023. Disponível em: file:///C:/Users/conta/Downloads/Carvalho_Saraiva_Boava_Ceribeli_2023_Ossos-do-oficio--estudo-sobre-_71272.pdf. Acesso em: 15 jul. 2023.

CARVALHO, R. A. In: CODO, W.; SAMPAIO, J. (orgs). **Sofrimento Psíquico nas Organizações**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. Disponível em: https://www.academia.edu/8172163/Sofrimento_Ps%C3%ADquico_nas_Organiza%C3%A7%C3%B5es_Sa%C3%BAde_Mental_and_Trabalho. Acesso em: 27 jun. 2023.

CAVALCANTE, M. Mercado do Artesanato de Maceió. Projeto Alagoas. Set. 2020. Disponível em: <https://projetoalagoas.com/mercado-do-artesanato-de-maceio/>. Acesso em: 12 out. 2023.

CODA, R.; FONSECA, G. F. Em busca do significado do trabalho: relato de um estudo qualitativo entre executivos. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v. 6, n. 14, p. 7-18, 2004. Disponível em: file:///C:/Users/conta/Downloads/Coda_Fonseca_2004_Em-busca-do-significado-do-tra_6431.pdf. Acesso em: 20 jul. 2023.

CODO, W. Um Diagnóstico do Trabalho (Em Busca do Prazer). In: Wanderley Codo. (Org.). **Por uma Psicologia do Trabalho**. 1. ed. São Paulo-SP: Casa do Psicólogo, 2006. Disponível em: <https://www.anpepp.org.br/acervo/Colets/v01n11a05.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2023.

CODO, W.; SAMPAIO, J. (orgs). **Sofrimento Psíquico nas Organizações**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. Disponível em: https://www.academia.edu/8172163/Sofrimento_Ps%C3%ADquico_nas_Organiza%C3%A7%C3%B5es_Sa%C3%BAde_Mental_and_Trabalho. Acesso em: 27 jun. 2023.

CODO, W.; SAMPAIO, J.; HITOMI, A. Indivíduo, trabalho e sofrimento: uma abordagem multidisciplinar. 1993. Petrópolis: Vozes. In: ALMEIDA, L. L.; MERLO, Á. R. C. Manda quem pode, obedece quem tem juízo: prazer e sofrimento psíquico em cargos de gerência. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, 2008, vol. 11, n. 2, pp. 139-157. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v11n2/a02v11n2.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2023.

CONDE, A. F. C.; CARDOSO, J. M. M.; KLIPAN, M. L. Panorama da Psicodinâmica do Trabalho no Brasil entre os Anos de 2005 e 2015. Gerais: **Revista Interinstitucional de Psicologia**, 12(1), 2019, 19 - 36. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.36298/gerais2019120103>. Acesso em: 07 jul. 2023.

BRASIL. DADOS SICAB. Número total de cadastros de artesãos. Disponível em: <https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/artesanato/transparencia>. Acesso em: 21 out. 2023.

DEJOURS, C. (1998). Plaisir et souffrance dans le travail. Paris: Edition de l'AOCIP. In: GUIMARÃES, F. A. L.; MARTINS, M. do C. F. Valores e prazer-sofrimento no trabalho: um estudo com profissionais de nível superior. **Estudos de Psicologia**, Campinas, 27(2), 133-145, abril - junho 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000200001>. Acesso em: 19 jul. 2023.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5805187/mod_resource/content/1/A_Banalizacao_da_injustica_social.pdf. Acesso em: 17 jul. 2023.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. 5. ed. ampliada, 12ª reimpressão. 1992. São Paulo: Cortez Editora, Oboré. Disponível em: <file:///C:/Users/conta/Downloads/A%20loucura%20do%20trabalho%20-%20Dejours%20C..pdf>. Acesso em: 19 jun. 2023.

DEJOURS, C. O fator humano. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997. In: EBERLE, A.; BRUNING, C. Prazer e sofrimento nas organizações: um resumo introdutório à teoria psicodinâmica do trabalho. **Revista Organização Sistêmica**, vol.4 n.2, jul/dez, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/conta/Downloads/245-Texto%20do%20artigo-800-953-10-20131220.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2023.

DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista Produção**, 14(3), 27-34 (2004). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prod/a/V76xtc8NmkqdWHd6sh7Jsmq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 ago. 2022.

DEJOURS, C. Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. 2. ed. 2008, Coedição com a Paralelo 15. In: AUGUSTO, M. M.; FREITAS, L. G.; MENDES, A. M. Vivências de prazer e sofrimento no trabalho de profissionais de uma fundação pública de pesquisa. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 34-55, abr. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v20n1/v20n1a04.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2023.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; CHRISTIAN, J. **Psicodinâmica do Trabalho: Contribuições da Escola Dejouriana à Análise da Relação Prazer, Sofrimento e Trabalho**. Coordenação: Maria Irene Stocco Betiol. Centro de Estudos e Pesquisa do Trabalho – CEPT. São Paulo. Editora ATLAS S.A. - 1994. Disponível em: <file:///C:/Users/conta/Downloads/Psicodin%C3%A2mica%20do%20Trabalho%20Dejours%20e%20Abdoucheli%20e%20Jayet.pdf>. Acesso em: 03 abril 2023.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E. Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho. *In*: DEJOURS, Christophe. **Psicodinâmica do Trabalho: Contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994. p. 119-145.

DEJOURS, C; BENSAID, A; GUIHO-BAILLY, M.; LAFOND, P.; GRENIER-PEZÉ, M. **Psicodinâmica do Trabalho: casos clínicos**. Editora Dublinense. Porto Alegre – São Paulo, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/conta/Downloads/Psicodina%CC%82mica%20do%20trabalho%20casos%20cli%CC%81nicos%20by%20Christophe%20Dejours.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2023.

DEWES, J. O. **Amostragem em bola de neve e respondent-driven sampling: uma descrição dos métodos**. 53 f. Monografia (Graduação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Matemática, Departamento de Estatística. Porto Alegre – RS, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/93246/000915046.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2023.

DIAS, C. A.; SIQUEIRA, M. V. S.; FERREIRA, L. B. Análise socioclínica do contexto do trabalho e sua relação com o adoecimento mental de policiais militares do Distrito Federal. **Cad. EBAPE.BR**, v. 21, nº 1, Rio de Janeiro, e-2022-0095, 2023, ISSN 1679-3951. Disponível em: file:///C:/Users/conta/Downloads/Dias_Siqueira_Ferreira_2023_Analise-socioclinica-do-contex_70676.pdf. Acesso em: 18 jun. 2023.

DUARTE, M. F.; SILVA, A. L. A Experimentação do Risco na Carreira Criativa: o caso de mestres da cultura do artesanato cearense. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 12, n. 2, p. 22-38, maio/ago. 2013. Disponível em: <http://www.periodicosibepes.org.br/index.php/recadm/article/view/1517/709>. Acesso em: 26 fev. 2023.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, mar. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/PmPzwqMxQsvQwH5bkrhrDKm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 ago. 2023.

EBERLE, A.; BRUNING, C. Prazer e sofrimento nas organizações: um resumo introdutório à teoria psicodinâmica do trabalho. **Revista Organização Sistêmica**, vol.4 n.2, jul/dez, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/conta/Downloads/245-Texto%20do%20artigo-800-953-10-20131220.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2023.

FARIA, A. M.; SILVA, A. R. L. Artesanato nos estudos organizacionais: a literatura brasileira de 2006 a 2015. *RPCA*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, abr./jun. 2017, p. 120-135, ISSN 1982-2596. Disponível em: <file:///C:/Users/conta/Downloads/11304-Texto%20do%20Artigo-45277-1-10-20180810.pdf>. Acesso em: 12 out. 2023.

FERNANDES, J. S. **Design e artesanato**: intervenção para a valorização do produto feito à mão. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/174531/001062594.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 jul. 2023.

FERREIRA, M. C. Reconhecimento no trabalho. **Jornal do Brasil Online**. 2009. Disponível em: <https://www.ergopublic.com.br/arquivos/1253626857.77-arquivo.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2023.

FERREIRA, M. C.; MENDES, A. M. “Só de pensar em vir trabalhar, já fico de mau humor”: atividade de atendimento ao público e prazer-sofrimento no trabalho. **Estud. psicol.** (Natal) 6 (1), jun. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2001000100010>. Acesso em: 09 abr. 2023.

FERREIRA, T. B.; HELAL, D. H.; PAIVA, K. C. M. Artesanato, Aprendizagem Social e Comunidade de Prática: um estudo com rendeiras em Alcaçuz (RN). **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, G&DR**, v. 12, n. 1, p. 33-61, jan-abr/2016, Taubaté, SP, Brasil. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/42328/2/Artesanato%2c%20aprendizagem%20social%20e%20comunidade%20de%20pr%20tica.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2023.

FERRO, J. **Bazar de artesanos homenageia folclore no Mercado do Artesanato da Levada**. Ascom Semtabes. 2023. Disponível em: <https://maceio.al.gov.br/noticias/semapa/bazar-de-artesaos-homenageia-folclore-no-mercado-do-artesanato-da-levada>. Acesso em: 25 ago. 2023.

FERRO, J. **Mercado do Artesanato encanta visitantes de todo o Brasil e estrangeiros**. Ascom Semtabes. 2023. Disponível em: <https://maceio.al.gov.br/noticias/semapa/mercado-do-artesanato-encanta-visitantes-de-todo-o-brasil-e-estrangeiros>. Acesso em: 24 ago. 2023.

FLEURY, M. T. L.; WERLANG, S. R. C. Pesquisa aplicada: conceitos e abordagens. **Anuário de pesquisa 2016-2017**. Disponível em: file:///C:/Users/conta/Downloads/admin,+72796-150873-1-CE.pdf. Acesso em: 25 ago. de 2023.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2008.

GIONGO, C. R.; MONTEIRO, J. K.; SOBROSA, G. M. R. Psicodinâmica do trabalho no Brasil: revisão sistemática da literatura. **Temas psicol.** [online]. 2015, vol.23, n.4, pp. 803-814. ISSN 1413-389X. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.4-01>. Acesso em: 29 jul. 2023.

GONÇALVES, M. E. V.; GRANGEIRO, R. R.; SILVA JÚNIOR, J. T. O Perfil do Artesão e de sua produção na cidade de Várzea Alegre – CE. **Id on Line Rev. Mult. Psic.** V.12, N. 41, p.530-550, 2018 - ISSN 1981-1179. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/1241/1797>. Acesso em: 11 ago. 2023.

GRANGEIRO, R. R. **Trabalho do artesão do cariri cearense: sua história, práticas e significados da atividade profissional**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2015, p. 166. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/18989/1/Tese%20de%20Rebeca%20da%20Rocha%20Grangeiro.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2023.

GRANGEIRO, R. R.; SILVA JÚNIOR, J. T. Carreira e Artesanato: A Trajetória Profissional de Uma Família de Artesãos. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social - RIGS**, set./dez., 2019, v.8, n.3, p. 145-168, ISSN: 2317-2428. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/28428/20330>. Acesso em: 25 fev. 2023.

GUIMARÃES, F. A. L.; MARTINS, M. C. F. Valores e prazer-sofrimento no trabalho: um estudo com profissionais de nível superior. **Estudos de Psicologia**, Campinas, 27(2), 133-145, abril - junho 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000200001>. Acesso em: 19 jul. 2023.

HELAL, D. H.; SÁ, M.; SOUSA, J. R. F.; BARBOSA, T. G. ; MENEZES, H. F. A. ; GARCIAS, G. A. ; SANTOS, M. A. F. L. **O perfil da atividade artesã nos estados da região Nordeste do Brasil**. 2022. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/TPD/article/view/2135/1676>. Acesso em: 21 abr. 2023.

IRIGARAY, H. A. R.; OLIVEIRA, L. B.; BARBOSA, E. S.; MORIN, E. M. Vínculos profissionais e sentido do trabalho: uma pesquisa com professores do ensino superior. **Revista de Administração Mackenzie**, 20(1), eRAMG190070, 2019. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/1678-6971/eRAMG190070>. Disponível em: https://www.scielo-br.translate.google/j/ram/a/Y5XTPXYgr535JHMcqMHSMwv/?lang=en&_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=wapp. Acesso em: 19 mar. 2023.

KOVÁCS, I. Novas formas de organização do trabalho e autonomia no trabalho. **Sociologia, problemas e práticas**, 52:41-65, Universidade Técnica de Lisboa, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.5/1210>. Acesso em: 18 jul. 2023.

KROEF, R. F. S.; GAVILLON, P. Q.; RAMM, L. V. Diário de Campo e a relação do(a) pesquisador(a) com o campo-tema na pesquisa-intervenção. *Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 464-480, ago. 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v20n2/v20n2a05.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2023.

LATOSKI, A.; NOGUEIRA, E. E. S. Dimensões temporais e espaciais da prática empreendedora em grupo: o caso da feira de artesãs como comunidade de prática. **Cad. EBAPE.BR**, v. 19, n. 1, Rio de Janeiro, Jan/Mar. 2021. ISSN 1679-3951. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/H5JCF7nnQWYBPK7nGDLzpYb/?lang=pt#>. Acesso em: 25 ago. 2023.

BRASIL. LEI Nº 13.180, de 22 de outubro de 2015. Dispõe sobre a profissão de artesão e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113180.htm. Acesso em: 12 out. 2023.

LEMOS, M. E. S. **O artesanato como alternativa de trabalho e renda**: subsídios para avaliação do programa estadual de desenvolvimento do artesanato no município de Aquiraz-CE. 2011. 111 f. Dissertação (Mestrado em Avaliação de Políticas Públicas) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/ri/bitstream/riufc/1484/1/2011_Dis_MESLemos.pdf. Acesso em: 21 abr. 2023.

MARRA, A. V.; LARA, S. M.; TEIXEIRA, M. B.; MAGALHÃES, T. S. Percepções de prazer e sofrimento no trabalho e ação gerencial. **Revista Gestão & Tecnologia**, v. 23, n. 1, p. 276-297, 2023. Disponível em: file:///C:/Users/conta/Downloads/Marra_Lara_Teixeira_Magalh%C3%AAs_2023_Percepcoes-de-prazer-e-sofrime_70720.pdf. Acesso em: 06 maio 2023.

MARTINS, F. C. D.; LESCURA, C.; SANT'ANNA, E. S. Prazer e sofrimento de trabalhadores de uma rede de resorts: contribuições da Psicodinâmica do Trabalho. **Gestão & Regionalidade**, v. 38, n. 115, p. 225-241, 2022. Disponível em:

file:///C:/Users/conta/Downloads/D._C._S._2022_Prazer-e-sofrimento-de-trabalh_68315.pdf.
Acesso em: 06 maio 2023.

MEDEIROS, S. N.; MARTINS, S. R.; MENDES, A. M. Sofrimento e defesa: análise psicodinâmica do trabalho de monitoramento aéreo de trânsito. **Trivium: Estudos Interdisciplinares**, Ano IX, 1. ed., p. 74-90, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2017v1p.74>. Acesso em: 08 jul. 2023.

MELLO, J. C.; SILVA, E. P. S. Artesanato de renda irlandesa em Sergipe: histórias de vida, histórias de ofício. **História, histórias**. Brasília, vol. 2, n. 4, 2014. ISSN 2318-1729. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/334664298_Artesanato_de_renda_irlandesa_em_Sergipe. Acesso em: 24 abr. 2023.

MENDES, A. M. B. Aspectos psicodinâmicos da relação homem-trabalho: as contribuições de C. Dejours. **Resenha, Psicol. cienc. prof.** 15 (1-3), 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98931995000100009>. Acesso em: 07 abr. 2023.

MENDES, A. M. B. Comportamento defensivo: uma estratégia para suportar o sofrimento no trabalho. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 13, jan/dez 1995. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/11111/1/1995_art_ambmendes.pdf. Acesso em: 07 set. 2023.

MENDES, A. M. **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. Coleção Trabalho Humano. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=TPDu2MlCz0MC&oi=fnd&pg=PA27&ots=yfIZj5ILFQ&sig=lGpdZ85aQtdYTdGhOMKVR0XcM70&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 9 abr. 2023.

MENDES, A. M.; TAMAYO, Á. Valores organizacionais e prazer-sofrimento no trabalho. Artigos, **Psico-USF**, 6 (1), jun. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-82712001000100006>. Acesso em: 07 abr. 2023.

MERLO, Á. R. C.; MENDES, A. M. B. Perspectivas do uso da psicodinâmica do trabalho no Brasil: teoria, pesquisa e ação. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, 2009, vol. 12, n. 2, pp. 141-156. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v12n2/a02v12n2.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2023.

MENDES, A. M. B.; VIEIRA, A. P.; MORRONE, C. F. Prazer, sofrimento e saúde mental no trabalho de teleatendimento. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa (RECADM)**, v. 8, n. 2, p. 151-158, 2009. Disponível em:

file:///C:/Users/conta/Downloads/Mendes_Vieira_Morrone_2009_Prazer,-sofrimento-e-saude-men_5201%20(1).pdf. Acesso em: 8 abr. 2023.

MOLINIER, P. Les enjeux psychiques du travail. 2006. Paris, Payot & Rivages. *In*: SZNELWAR, L. I.; UCHIDA, S.; LANCMAN, S. A subjetividade no trabalho em questão. Dossiê - Subjetividade e Cultura: O Sofrimento no Social, **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, Tempo soc. 23 (1), 2011, <https://doi.org/10.1590/S0103-20702011000100002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/Nhfd8gj8YmXzWjmDQqPHBjM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 jun. 2023.

NASCIMENTO, B. T. L. **A imagem do lugar e seus reflexos**: um estudo do bairro da Levada. Orientadora: Maria Emília de Gusmão Couto. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, 163 p., Maceió, 2008. Disponível em: https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/693/1/Dissertacao_BarbaraThomazLinsdoNascimento_2008.pdf. Acesso em: 25 ago. 2023.

NASCIMENTO, M.; DELLAGNELO, E. H. L. Entre a obrigação e o prazer de criar: uma análise psicodinâmica do prazer-sofrimento no trabalho artístico. **REAd** | Porto Alegre – Vol. 24 – n. 2 – maio/ago 2018 – p. 135-166. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-2311.205.80531>. Acesso em: 11 jul. 2023.

NASCIMENTO, M.; DELLAGNELO, E. H. L., COELHO, M. “Tu não fazes nada além de arte?” Uma análise psicodinâmica do trabalho artístico. **RGO – Revista Gestão Organizacional**, UNOCHAPECÓ/UDESC, ISSN 1983-6635, 2020. Disponível em: file:///C:/Users/conta/Downloads/juliano,+4+5343-20455-2%20(3).pdf. Acesso em: 11 jul. 2023.

NEVES, D. R.; NASCIMENTO, R. P.; FELIX JR., M. S.; SILVA, F. A.; ANDRADE, R. O. B. Sentido e Significado do Trabalho: Uma Análise dos Artigos Publicados em Periódicos Associados à Scientific Periodicals Electronic Library. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 16, n. 2, p. 318-330, 2018. Disponível em: file:///C:/Users/conta/Downloads/Neves_Nascimento_Felix_Silva_Andrade_2018_Sentido-e-Significado-do-Traba_49725.pdf. Acesso em: 23 mar. 2023.

OLIVEIRA, J. F. A. R. **Desenvolvimento de identidade visual para o mercado do artesanato da cidade de Maceió**. Curso de Design, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas. 2020. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/123456789/10046/1/Desenvolvimento%20de%20identidade%20visual%20para%20o%20mercado%20do%20artesanato%20de%20Macei%C3%B3.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2023.

OLIVEIRA, S. **Geração**: Encontros, desencontros e novas perspectivas. São Paulo: Integrare Editora. 2016, 240 p. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=xOk7DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT20&dq=sidnei+oliveira&ots=wgHqXaZRE6&sig=HVi00q3Pki_Jbi-iFZ1mim8GvXQ&redir_esc=y#v=onepage&q=sidnei%20oliveira&f=false. Acesso em: 25 jan. 2023.

PASQUINI, N. C. Revoluções Industriais: uma abordagem conceitual. **Revista Tecnológica da Fatec Americana**, v. 8, n. 01, 2020. Disponível em: <https://ric.cps.sp.gov.br/bitstream/123456789/6719/1/235-Texto%20do%20artigo-854-1-10-20200808%20%281%29.pdf>. Acesso em: 24 out. 2023.

PENA, L.; REMOALDO, P. Psicodinâmica do Trabalho: um estudo sobre o prazer e o sofrimento no trabalho docente na Universidade Óscar Ribas. **Saude soc.** 28 (4), oct./dec. 2019. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902019170487>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/dGz8WtC9QMdynJjCLPynk6q/?lang=pt>. Acesso em: 24 jun. 2023.

PEREIRA, J. R.; PAIVA, K. C. M.; IRIGARAY, H. A. R. Trabalho sujo, significado, sentido e identidade: proposição de análise integrada e perspectivas de pesquisas. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 19, n. 4, p. 829-841, out./dez., 2021, 13 página(s). Disponível em: file:///C:/Users/conta/Downloads/Pereira_Paiva_Irigaray_2021_Trabalho-sujo,-significado,-se_65646.pdf. Acesso em: 19 mar 2023.

BRASIL. Portaria nº 1.007-SEI, de 11 de junho de 2018. Institui o Programa do Artesanato Brasileiro, cria a Comissão Nacional do Artesanato e dispõe sobre a base conceitual do artesanato brasileiro. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/34932949/do1-2018-08-01-portaria-n-1-007-sei-de-11-de-junho-de-2018-34932930. Acesso em: 12 out. 2023.

RODRIGUES JUNIOR, N. S.; RIBEIRO, C. V. S. Psicodinâmica do trabalho: a dialética do prazer e sofrimento em residentes multiprofissionais de um hospital de ensino. ISSN 1982-8829, **Tempus, actas de saúde colet**, Brasília, 11(3), 193-215, 2017 - Epub mar, 2018. Disponível em: <https://tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/1953/1850>. Acesso em: 9 abr. 2023.

ROIK, A.; PILATTI, L. A. Psicodinâmica do trabalho: uma perspectiva teórica. **XXIX Encontro Nacional de Engenharia de Produção**. A Engenharia de Produção e o Desenvolvimento Sustentável: Integrando Tecnologia e Gestão. Salvador, BA, Brasil, 06-09 de out. 2009. Disponível em: https://abepro.org.br/biblioteca/enegep2009_tn_sto_105_696_14074.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2023.

SÁ, M.; SOUZA, D. C.; SOUSA, J. R. F.; LEAL, B. T. A comunidade artesã do Alto do Moura no século 21: tensões emergentes em um espaço social local em transformação. ISSN 1517-5901 (online). Política & Trabalho. **Revista de Ciências Sociais**, n. 52, jan./jun. de 2020, p. 178-195. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/51187/31651>. Acesso em: 09 ago. 2023.

SÁ, M.; SOUSA, J. R. F.; SOUZA, D. C.; SILVA, S. K.; LEAL, B. T. O que nos disse a comunidade? A construção de uma agenda pública de demandas coletivas no Alto do Moura-PE. **Rigs - Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 9, p. 147-159, 2020a. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/36555/24144>. Acesso em: 13 out. 2023.

SANTIAGO, E.; YASUI, S. O trabalho como estratégia de atenção em saúde mental: um estudo documental. **Rev. Psicol. Saúde**, Campo Grande, v. 12, n. 3, p. 109-125, set. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2177-093X2020000300008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 11 ago. 2022.

SEGNINI, M. P. **Prazer e sofrimento no trabalho artístico em dança**. 2010. 156p. Dissertação (mestrado em Ciências da Reabilitação) Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5163/tde-20092010-165712/publico/MarinaPetrilliSegnini.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2024.

SEGNINI, M. P.; LANCMAN, S. Sofrimento psíquico do bailarino: Um olhar da psicodinâmica do trabalho. **Revista Laboreal**, v.7, n.1, 2011. Disponível em: <https://journals.openedition.org/laboreal/8185>. Acesso em: 23 fev. 2024.

SILVA, C. L. R.; SILVA, A. R. L. Sociomaterialidade, Poder e Conexões em Redes de Ação no Organizar do Artesanato. **Revista de Administração Contemporânea**, Maringá, PR, Brasil, v. 23, n. 4, art. 1, pp. 454-475, jul./ago., 2019. ANPAD. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/1982-7849rac2019180042>. Acesso em: 10 jul. 2023.

SILVA, D. D.; SOUZA, W. J.; MORENO, N. S.; SILVEIRA, R. M. C. Desenvolvimento à Escala Humana na Economia Solidária: Síntese de Necessidades e Satisfatores de Trabalhadoras do Segmento da Produção de Artesanato (Natal, 2017-2018). **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 9, n. 2, p. 13-31, 2020. Disponível em: file:///C:/Users/conta/Downloads/Silva_Souza_Moreno_Silveira_2020_Desenvolvimento-a-Escala-Human_60796.pdf. Acesso em: 24 abr. 2023.

SILVA, R. G.; SANTOS, A. C. B.; EVARISTO, J. L. S.; SOUSA, J. C. A psicodinâmica do trabalho na gestão pública: vivências de servidores em contextos de mudanças em organizações públicas. **Revista Gestão e Planejamento**, Salvador, v. 22, p. 405-426, jan./dez. 2021, DOI: 10.53706/gep.v.22.6597. Disponível em: <file:///C:/Users/conta/Downloads/6597-29349-2-PB.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2023.

SILVA, R. A.; HELAL, D. H. Ageísmo nas Organizações: Questões para Debate. **Revista de Administração IMED**, Passo Fundo, v. 9, n. 1, p. 187-97, 2019. DOI: <https://doi.org/10.18256/2237-7956.2019.v9i1.3167>. Acesso em: 08 mar. 2023.

SILVA, R. A.; HELAL, D. H. Ageísmo nas organizações: diálogos sobre as percepções do idoso no mercado de trabalho. In: **Anais do VI Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais**. Recife (PE) UFPE, 2019. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/vicbeo/170015-AGEISMO-NAS-ORGANIZACOES--DIALOGOS-SOBRE-AS-PERCEPCOES-DO-IDOSO-NO-MERCADO-DE-TRABALHO>. Acesso em: 31 jan. 2023.

SILVA, T. F. C.; ALMEIDA, D. B. A.; OLIVA, E. C.; KUBO, E. K. M. Além das Equipes Intergeracionais: Possibilidades de Estudos sobre Ageísmo. **Revista Eletrônica de Administração - REAd**, Porto Alegre – Vol. 27 – n.º 2 – maio/ago. 2021 – p. 642-662. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/read/a/4XBmTg5RGYR6cfNwXXqbHmt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 mar. 2023.

MORAES SOBRINHO, J.; HELAL, Diogo Henrique. A implementação de políticas públicas voltadas a atividades artesanais: análise do programa de artesanato da Paraíba. O&S - Salvador, v. 24, n. 80, p. 115-134, Jan./Mar. 2017. DOI: 10.1590/1984-9230806. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/osoc/a/rXwdMVfsRVCBxfr4JW4MQmy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2023.

SOUSA, J. L.; PAIVA JÚNIOR, F. G.; XAVIER FILHO, J. L. J. A Emergência do Empreendedorismo Educativo-Cultural: O Programa de Formação do Jovem Artesão. **Administração Pública e Gestão Social**, 7(1), jan-mar 2015, pp. 45-52. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3515/351556449007.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2023.

SOUSA-DUARTE, F.; SILVA, S.; MARTÍNEZ, M. J.; MENDES, A. M. Da psicodinâmica à psicopatologia do trabalho no Brasil: (in)definições e possibilidades. **Psicol. Estud.** v. 27, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v27i0.48172>. Acesso em: 07 jun. 2023.

SOUZA, D. C.; SOUSA, J. R. F.; SÁ, M. G.; LEAL, B. T. O desengajamento do trabalho artesão e os rumos da nova geração na comunidade do Alto do Moura-PE. **Cad. EBAPE.BR**, v. 18, nº 3, jul./set., 2020. <https://doi.org/10.1590/1679-395120190152>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/fvskY5qzbSbCbsQJHqjtdLz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 jan. 2023.

SZNELWAR, L. I.; UCHIDA, S.; LANCMAN, S. A subjetividade no trabalho em questão. Dossiê - Subjetividade e Cultura: O Sofrimento no Social, **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, Tempo soc. 23 (1), 2011, <https://doi.org/10.1590/S0103-20702011000100002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/Nhfd8gj8YmXzWjmDQqPHBjM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 jun. 2023.

TAMAYO, A. Cultura e saúde nas organizações. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004. In: EBERLE, A.; BRUNING, C. Prazer e sofrimento nas organizações: um resumo introdutório à teoria psicodinâmica do trabalho. **Revista Organização Sistêmica**, vol.4 n.2, jul/dez, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/conta/Downloads/245-Texto%20do%20artigo-800-953-10-20131220.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2023.

TAVARES, F. Y.; PADILHA, V. Os sentidos do trabalho e a produção artesanal: os casos do luthier e do mestre vidreiro. **XIII Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia - SEGeT: Desenvolvimento de competências frente aos desafios do amanhã**. AEDB. 2016. Disponível em: <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos16/17624158.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2023.

TICIANELI. Mercado Público de Maceió custou dois mil contos de réis. História de Alagoas. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/mercado-de-publico-de-maceio.html#:~:text=Constru%C3%ADdo%20entre%201936%20e%201938%2C%20hoje%20abriga%20uma%20feira%20de%20artesanato&text=O%20primeiro%20Mercado%20P%C3%ABlico%20de,Jo%C3%A3o%20Capistrano%20Bandeira%20de%20Mello>. Acesso em: 12 out. 2023.

TOLFO, S. R.; PICCININI, V. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicologia & Sociedade**; 19, Edição Especial 1: 38-46, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/GnLRwtX3KcddXXjnJ8LgRWy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jul. 2023.

VERGARA, S. C. Tipos de pesquisa em administração. FGV/EBAF, **CADERNOS EBAF**, n. 52, jun. 1990. Disponível em: https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/12861/000055299_52.pdf. Acesso em: 29 ago. 2023.

VIEIRA, C. L. S.; SOUSA, P. A.; GRANGEIRO, R. R. Carreira Profissional no Artesanato: Um Estudo com Artesãos Escultores em Madeira. **Revista de Carreiras e Pessoas**, v. 9, n. 1, p. 9-27, 2019. Disponível em: file:///C:/Users/conta/Downloads/Vieira_Sousa_Grangeiro_2019_Carreira-Profissional-no-Artes_52414.pdf. Acesso em: 15 maio 2023.

VIVIAN, C.; TRINDADE, L. L.; REZER, R.; VENDRUSCOLO, C.; RODRIGUES JUNIOR, S. A. Estratégias de defesa contra o sofrimento no trabalho de docentes da pós-graduação *stricto sensu*. **Cad. psicol. soc. trab.**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 217-234, dez. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172019000200007. Acesso em: 07 set. 2023.

WENGER, E. Communities of Practice: learning, meaning and identity. Cambridge, Cambridge University Press, 1998. In: FERREIRA, T. B.; HELAL, D. H.; PAIVA, K. C. M. Artesanato, Aprendizagem Social e Comunidade de Prática: um estudo com rendeiras em Alcaçuz (RN). **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, G&DR**, v. 12, n. 1, p. 33-61, jan-abr/2016, Taubaté, SP, Brasil. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/42328/2/Artesanato%2c%20aprendizagem%20social%20e%20comunidade%20de%20pr%C3%A1tica%20.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2023.

_____. Regimento interno do mestrado de administração pública em rede nacional. 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/conta/Downloads/Regimento%20Profiap%2010.05.2021.pdf>. Acesso em: 05 maio 2023.

APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ENTREVISTA

Contato inicial:

- Agradecer a disponibilidade em receber a pesquisadora.
- Apresentar, de forma breve, a origem e os objetivos da pesquisa.
- Confirmar que é artesão e confirmar o contato intergeracional.
- Explicar as informações contidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE.
- Solicitar a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE.
- Entregar uma via do TCLE assinada pelo pesquisador ao entrevistado.

Procedimentos iniciais:

- Solicitar autorização para gravação.
- Iniciar a gravação.

Perfil do(a) entrevistado(a)

Idade:

Sexo: () Masculino () Feminino

Há quanto tempo trabalha com artesanato:

Grau de escolaridade:

Não alfabetizado ()

Especialização incompleta ()

Alfabetização ()

Especialização completa ()

Fundamental incompleto ()

Mestrado incompleto ()

Fundamental completo ()

Mestrado completo ()

Ensino médio incompleto ()

Doutorado incompleto ()

Ensino médio completo ()

Doutorado completo ()

Graduação incompleta ()

Pós-doutorado incompleto ()

Graduação completa ()

Pós-doutorado completo ()

Estado civil:

Solteiro(a) ()

Separado(a)/divorciado(a) ()

União estável/casado(a) ()

Viúvo(a) ()

Possui filhos: Sim () Não ()

Renda mensal média proveniente do artesanato:

Tipologia de artesanato:

Questões para entrevista

Objetivo específico 1: Retratar o contexto do trabalho artesanal

- O que o seu trabalho significa para você?
- Como é a sua rotina de trabalho?
- Conte-me sobre as condições de trabalho. Como são, por exemplo, o ambiente e os equipamentos?

Objetivo específico 2: Descrever as vivências de prazer e sofrimento no trabalho artesanal

- Como você se sente em relação ao seu trabalho?
- O que te dá prazer ou bem-estar no seu trabalho?
- De quem você recebe apoio e reconhecimento? Como isso acontece?
- Que tipo de apoio e reconhecimento por parte da sua família, dos seus colegas? E por parte da população ou de outras pessoas?
- Você sente que tem liberdade para realizar seu trabalho e expressar suas opiniões? Exemplifique.
- Você considera que o artesanato é valorizado em Maceió/Alagoas? Qual sua opinião a esse respeito?
- O que traz mal-estar ou sofrimento no seu trabalho?
- Quais os danos (físicos e psicológicos) causados por seu trabalho? Exemplifique citando possíveis doenças causadas por seu trabalho.
- Quais desafios você enfrenta por ser artesão? Como lida com eles?
- Se a entrevistada for mulher: quais desafios você enfrenta por ser mulher e artesã? E como lida com eles?

Objetivo específico 3: Apresentar as estratégias de defesa dos artesãos em resposta a um possível sofrimento no trabalho.

- Como você lida com o sofrimento no trabalho? Dê exemplos

- Como você lida com situações difíceis no seu trabalho?

Objetivo específico 4: Identificar possíveis diferenças geracionais na percepção dos artesãos sobre prazer e sofrimento no trabalho, e estratégias de defesa.

- Quantas gerações da sua família já trabalharam ou trabalham com artesanato?
- Quais os principais desafios enfrentados para manter a tradição do artesanato?

Considerações finais:

- Perguntar ao entrevistado se há alguma informação adicional que gostaria de acrescentar em relação aos assuntos abordados durante a entrevista.
- Perguntar se o entrevistado ficou com alguma dúvida.

Finalização e agradecimento:

- Agradecer a disponibilidade do entrevistado em fornecer as informações.
- Salientar que os resultados da pesquisa estarão à disposição dele e, se tiver interesse, deverá entrar em contato com o pesquisador.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO: UM ESTUDO COM GERAÇÕES DE ARTESÃOS ALAGOANOS, da pesquisadora Patrícia Araújo Ferreira da Silva, sob orientação da Profa. Dra. Milka Alves Correia Barbosa. O referido estudo está sendo desenvolvido no âmbito do Mestrado Profissional em Administração Pública (PROFIAP) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). A seguir são listadas as principais informações sobre o projeto de pesquisa com relação à sua participação:

1. O estudo tem como principal objetivo analisar a percepção de diferentes gerações de artesãos quanto ao prazer e o sofrimento vivenciados no trabalho.
2. A importância desta pesquisa se deve à necessidade de se compreender como as diferentes gerações de artesãos percebem as vivências de prazer e sofrimento em seu trabalho.
3. Como resultado, espera-se contribuir para o contexto da atividade artesã alagoana apresentando um produto técnico tecnológico.
4. A coleta de dados se dará ao longo do mês de novembro de 2023.
5. O estudo se dará por meio de entrevistas semiestruturadas, que serão realizadas de forma presencial e individual, com artesãos do Mercado do Artesanato de Maceió, Alagoas.
6. A sua participação se dará respondendo a uma entrevista na qual não será identificado.
7. Os incômodos e possíveis riscos poderão ser de origem psicológica, intelectual ou/e emocional, tais como: desconforto ao responder às perguntas, eventual constrangimento ao fornecer as informações, estresse ou cansaço. Poderá também haver desconforto ou dificuldades em realizar a entrevista de forma presencial.
8. Como formas de minimizar os riscos a você, deixamos claro que você não é obrigado(a) a responder todas as questões, caso não se sinta confortável com o teor das perguntas. Caso a pesquisa se torne cansativa, será possível concluí-la em outro momento, se for da sua vontade, em horário de sua conveniência. Não serão divulgadas imagens ou dados pessoais, inclusive o nome, sendo referenciado apenas por códigos. Os dados coletados na entrevista serão utilizados única e exclusivamente pelos pesquisadores para fins da pesquisa.

9. Os benefícios esperados com a sua participação no projeto de pesquisa, mesmo que não diretamente, são: a verificação e possibilidade de ampliação do seu grau de conhecimento sobre os temas pesquisados e identificação de oportunidades para propor melhorias, tendo em vista as dificuldades percebidas. Os resultados da pesquisa podem contribuir para melhorar a realidade dos artesãos alagoanos, através dos conhecimentos adquiridos e produto técnico tecnológico apresentado.

10. Você poderá contar com a assistência das pesquisadoras para sanar quaisquer dúvidas ou prestar esclarecimentos sobre a pesquisa, sendo responsáveis por ela: Patrícia Araújo Ferreira da Silva e Milka Alves Correia Barbosa.

11. Você será informado(a) do resultado final do projeto e sempre que desejar serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

12. A qualquer momento, você poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

13. As informações conseguidas através da sua participação não permitirão a sua identificação, exceto para a equipe de pesquisa, sendo a divulgação das mencionadas informações somente realizada entre os profissionais estudiosos do assunto, após a sua autorização, garantida a sua confidencialidade.

14. O estudo finalizado poderá ser divulgado na plataforma de dissertações do PROFIAP, Repositório Institucional da UFAL (RIUFAL), eventos ou publicações científicas, garantida a sua confidencialidade.

15. O estudo não acarretará nenhuma despesa para você.

16. Você será indenizado(a) por qualquer dano que venha a sofrer com a sua participação na pesquisa (nexo causal), nos termos da Lei.

17. É de responsabilidade da pesquisadora o armazenamento adequado dos dados coletados, bem como os procedimentos para buscar o sigilo e a confidencialidade das informações.

Eu, _____, tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implica, concordo em dele participar ao submeter este questionário e para isso eu

DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Informações da Equipe de Pesquisa:

Patrícia Araújo Ferreira da Silva

Aluna de Mestrado vinculada à Universidade Federal de Alagoas

Campus A. C. Simões, Av. Lourival de Melo Mota, S/N, Tabuleiro do Martins

Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade

Maceió - AL, CEP 57072-900

E-mail: patricia.silva@mhn.ufal.br

Milka Alves Correia Barbosa

Professora Doutora da Universidade Federal de Alagoas

Campus A. C. Simões, Av. Lourival de Melo Mota, S/N, Tabuleiro do Martins

Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade

Maceió - AL, CEP 57072-900

E-mail: milka.correia@feac.ufal.br

ATENÇÃO: O Comitê de Ética da UFAL analisou e aprovou este projeto de pesquisa. Para obter mais informações a respeito deste projeto de pesquisa, informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas
Prédio da Reitoria, 1º Andar, *Campus* A. C. Simões, Cidade Universitária
Telefone: 3214-1041 – Horário de Atendimento: das 8h às 12h.
E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

Maceió - AL, ____ de _____ de 2023.

Assinatura do(a) voluntário(a)

Assinatura do responsável pela obtenção do

TCLE